

ATLANTIDA

DIRECTORES LITERARIOS: João do Rio e João de Barros

DIRECTOR TÉCNICO: Pedro Bordallo Pinheiro

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: Bourbon e Menezes

EDITOR: José Baptista Aguas

N.ºs 33-34

SUMÁRIO

1919

<i>Atlantida</i>	R.
<i>Portugal e Brasil na Vitória dos Aliados</i> ..	
<i>A Alemanha e a Guerra</i>	Guerra Junqueiro
<i>Vitória</i>	Manoel de Souza Pinto
<i>O Brasil e os Aliados</i> (Entrevista com o Dr. Gastão da Cunha, embaixador do Brasil)..	R.
<i>As nações aliadas e Portugal</i> (Palavras dos Ministros de Inglaterra, de França e dos Estados Unidos da América do Norte)...	
<i>A Alvorada da Paz</i>	Henrique Lopes de Mendonça
<i>Os nossos soldados e a vitória</i>	Augusto Casimiro
<i>Sobre a guerra mundial</i>	Leonardo Coimbra
<i>Portugal na Flandres — Os 263 dias duma ambulância</i> (Entrevista com o Sr. Dr. Castro Caldas).....	B. e M.
<i>Parábolas</i>	Afrânio Peixoto
<i>Cantares</i>	Júlio Brandão
<i>Santa Maria de Belem</i>	Nuno Simões
<i>A iniciação auditiva indispensável para a criação da música portuguesa</i>	João de Deus Ramos
<i>A emoção e o sentido psicológico e moral dos «Nibelungen»</i>	Henrique de Vilhena
<i>Agasalho</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Instituto de Santa Isabel</i>	A. Aurélio da Costa Ferreira
<i>O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra</i>	Angelo Ribeiro
<i>Olavo Bilac</i>	R.
<i>Navarro da Costa</i>	R.
REVISTA DO MÊS	
<i>Rodrigues Alves e Arte e Artistas</i>	R.
<i>O mês literário</i>	Nuno Simões
<i>Teatros</i>	B. e M.

NOTÍCIAS & COMENTARIOS

Desenhos de: Augusto Pina, Manoel Gustavo, Antonio Carneiro, Santos Silva, Raul Lino, Alberto Sousa e António Soares.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 numeros).....	5\$00
Seis meses.....	3\$00

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

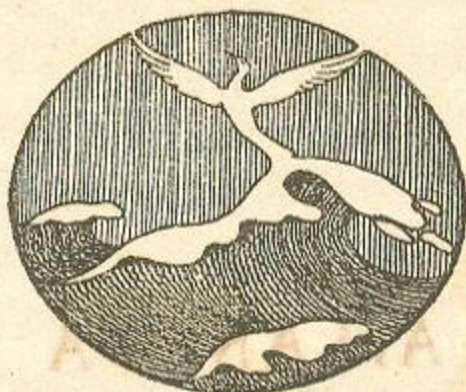
Um ano (12 numeros).....	Frs. 25
--------------------------	---------

Número avulso em Portugal \$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49—LISBOA

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRASIL



B. III

VOLUME IX

ANO III

N: 33-34

ATLANTIDA

DIÁRIO ARTÍSTICO
LITTERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



ATLANTIDA

DIRECTORES LITERÁRIOS: João do Rio e João de Barros

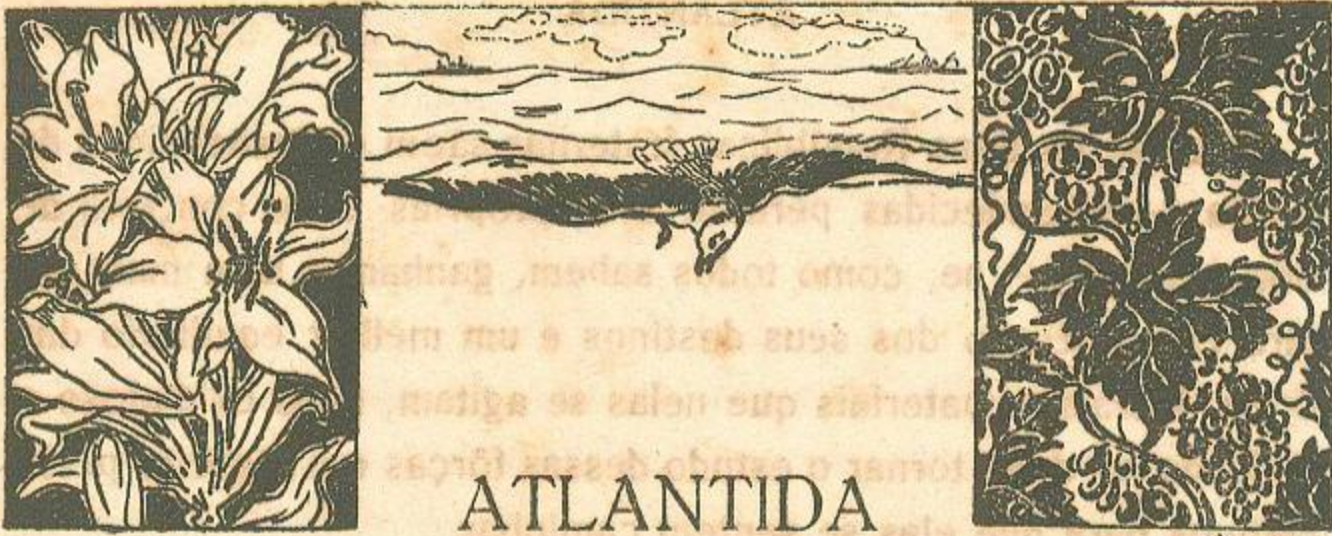
DIRECTOR TÉCNICO: Pedro Bordallo Pinheiro

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: Bourbon e Menezes

EDITOR: José Baptista Aguas

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde-Barão, 49

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24— LISBOA



ATLÂNTIDA

M. Kustodiev

Reaparece hoje a *Atlântida*.

Motivos de ordem puramente pessoal forçaram o seu antigo editor a suspender a publicação desta revista durante alguns meses. Hoje, porém, que uma nova empresa volta a apresentá-la ao público, convêm dizer que a mesma orientação e o mesmo intuito de sempre orientam ainda a *Atlântida*, criada e mantida como órgão da necessária aproximação luso-brasileira.

Mais do que nunca — disso estamos convencidos — tem a *Atlântida* uma grande missão a realizar, se a mesquinhez dos nossos recursos tanto nos permitirem: — porque a vitória dos Aliados — entre os quais felizmente se contam Portugal e o Brasil — veio tornar mais vivas e mais fortes as razões de há muito existentes para um bom, um definitivo entendimento entre os dois países.

Da guerra saíu engrandecido o espírito latino, saíu engrandecida e triunfante a civilização do Ocidente, nosso berço comum: da guerra saíu engrandecido o Brasil, saíu engrandecido Portugal — e seja-nos permitido lembrar, de passagem, que, para a intervenção militar portuguesa no conflito europeu, sem a qual seria impossível Portugal ter conquistado a situação admirável que de facto conquistou, contribuiu a *Atlântida* o melhor que soube e pôde, numa propaganda insistente, cuja insenção e cujo patriotismo nem sempre foram apreciados como deviam, para não dizer que foram infamemente caluniados...

Mas, se as duas Repúblicas fraternas saem engrandecidas da guerra — engrandecidas perante elas próprias e no conceito de todo o mundo — se, como todos sabem, ganharam uma mais segura compreensão dos seus destinos e um melhor equilíbrio das forças morais e materiais que nelas se agitam, mais cuidadoso e profundo se deve tornar o estudo dessas forças e o respeito pelos destinos para que elas se sentem caminhar.

Atravessamos uma hora única, em que a vida mundial vai tomar um novo aspecto, uma fisionomia nova, que por longos anos perdurará. E o que não se fizer agora, na renovação espiritual e económica que vai dar-se, de acôrdo com ela e, por assim dizer, dentro dela — nunca mais se fará. A vitória dos Aliados trouxe consigo, como indispensável corolário, a vitória dos agrupamentos étnicos. Será agora a ocasião de fazer triunfar — no Brasil e em Portugal — o nosso *lusitanismo* comum? Creio que sim. Compreenderemos nós, portugueses, que o momento excepcional que passa nunca mais se repetirá? Acabarão de vez, no Brasil, as desconfianças e as prevenções contra Portugal e os portugueses, que só podem justificar-se quando, uma vez por outra, arriba às praias de Santa Cruz algum colono lusitano de menos escrupulosa ambição?

E será ou não será agora a ocasião de alicerçar em bases indestrutíveis a aliança, não direi diplomática, mas de ideais e de interêsses, que aos dois países convêm?

Quando começaremos nós a enviar ao Brasil missões económicas, literárias e artísticas, que cimentem de maneira prática as relações luso-brasileiras? E o Brasil dispõe-se à reciprocidade desejada no envio dessas missões? Decerto, Portugal tem de começar. E tem de começar por uma razão especial, entre tantas que poderiam ser apresentadas: — a de que desconhecemos muito mais o Brasil de que o Brasil nos desconhece a nós.

E, começando, não há tempo a perder: de hoje para amanhã Portugal se não se fizer lembrado, será apenas, para os corações brasileiros, a sombra duma tradição histórica, simbolizada,

pelo amor, decerto meritório, que D. João VI manifestou pela terra opulenta que o acolhia . . .

* * *

É para acordar no espírito da gente portuguesa a necessidade dessa tarefa de aproximação luso-brasileira que a *Atlântida* se fundou. É para mostrar a urgência, cada vez maior, de realizar tal aproximação que ela continua. E, fazendo-o, não desconhece que em face da crise — permita-se-me o termo — que a vitória vem sem dúvida determinar nas relações entre os dois países, as suas responsabilidades são maiores e o seu esforço deve intensificar-se. Todos os países da Europa voltam a sua atenção para o Brasil: — a Inglaterra, a França e a Itália enviaram lá, durante a guerra, missões compostas de homens eminentes e representativos. Visto que Portugal ainda não soube adquirir — senão apagada e dispersivamente — a consciência da atitude nacional a tomar para com o Brasil, a *Atlântida* procurará despertar o espírito adormecido deste povo para a efectivação duma obra entre todas grande e indispensável para o futuro da raça: — fazer do Brasil e Portugal uma só fôrça de civilização e de predomínio no mundo moderno.

* * *

Êste é, acima de tudo, o nosso programa, renovado, e para a execução do qual já contamos com a colaboração das mais altas individualidades dos dois países.

Os maiores escritores, críticos e artistas do Brasil e de Portugal são os colaboradores da *Atlântida*.

Tanto basta para que, reaparecendo, ela se apresente ao público na mesma disposição de trabalho, de fé e de confiança na vitória da sua orientação, que sempre animou todos os que nela trabalham, certos de que assim concorrem para uma obra eminentemente patriótica e absolutamente necessária.



PORTUGAL E BRASIL NA VITÓRIA DOS ALIADOS

«Depuis qu'une tragédie sublime et sans exemple oppose les forces des grandes nations européennes combattant, soit pour notre idéal de justice, soit pour un appétit de domination, si parfois nous avons éprouvé de l'angoisse, nous avons savouré les joies aussi de la plus légitime, de la plus glorieuse fierté.

«Entre ces joies, la venue de l'Italie, la venue du Portugal dans les lignes des Alliés nous valurent une intense émotion de l'esprit.

.....
«Voilà pourquoi ceux que vouèrent leur existence à cette résurrection ont tressailli en apprenant les sympathies du Portugal pour la cause du Droit.

.....
«Qu'elle soit remerciée cette vaillante nation. Elle a tout donné à l'Europe déjà. Elle a tout fait, depuis quatre siècles et plus, pour la civilisation des mondes en friche.

«Le livre de son histoire vient de se rouvrir. Sur la page blanche qu'il découvre, un texte sera bientôt inscrit par des mains impartiales.

«Elles y traceront les lignes de gloire avec une pointe taillée dans la tige du plus beau laurier».

1916.

PAUL ADAM.



VITÓRIA

(Desenho de António Soares)



A Alemanha e a Guerra

PALAVRAS DE GUERRA JUNQUEIRO

A *Atlantida* pediu a Guerra Junqueiro algumas palavras sobre a guerra. Das suas notas, quiz o eminente poeta dar-nos os admiráveis pensamentos inéditos que publicamos. À sua generosidade, a *Atlantida* agradece a inestimável dádiva.

A grande Alemanha criada por Bismark morreu de estupidez moral.

*
**

Bismark receava ainda os *imponderáveis*, os valores do espírito. O pangermanismo, filho directo de Bismark, desconheceu-os e despresou-os. Bismark era um Satanaz inteligente: temia Deus. O pangermanismo foi um Satanaz de manicómio: enlouquecendo, julgou-se Deus.

*
**

A Alemanha de Durer, de Leibniz, de Bach, de Beethoven, unificada na Prússia, perdeu o génio, deshumanizou-se, bestializou-se. O bárbaro ancestral, latente no sangue, ressurgindo, dominou-lhe a alma. Ficht e Moltke entenderam-se. Munich e Berlim casaram-se. Mas a Alemanha, mística por natureza, viveu com o seu temperamento a sua bestialidade incomensurável. Foi um tigre no estado religioso. Que pavôr!

A alma infernal da Alemanha é a Prússia. A Alemanha, — monstro planetário — é a Alemanha prussianisada. Os Hohenzolerns criaram a Prússia, mas a Prússia gerou-os a êles, com a sua alma. Hoje o Hohenzolern é o fruto e a nação a árvore. Eliminar a dinastia não basta. É indispensável destruir a nação, arrancar a árvore. Amanhã uma Prússia republicana continuará a dar os mesmos frutos com um nome diverso. As palavras por si

não têm virtudes miraculosas. Não se amansa um tigre chamando-lhe pomba ou chamando-lhe cordeiro. A Prússia é uma fera que se não converte. Humilhada, será mais covarde e mais hipócrita. No fundo, mais rancorosa. A brutalidade voraz da Prússia não nasce duma forma de govêrno. Não é política, mas é jurídica. É orgânica, é biológica, anda-lhe no sangue.

* * *

É mais fácil modificar a geografia política que a geografia das almas.

* * *

A palavra da Alemanha é a palavra dum bandido. Não garante o futuro, porque não garantiu o passado. Um tigre só me dá garantias de paz, dentro duma jaula.

* * *

A Alemanha militarista é um câncro do globo. É indispensável extirpá-lo.

* * *

A fôrça só se convence pela fôrça.

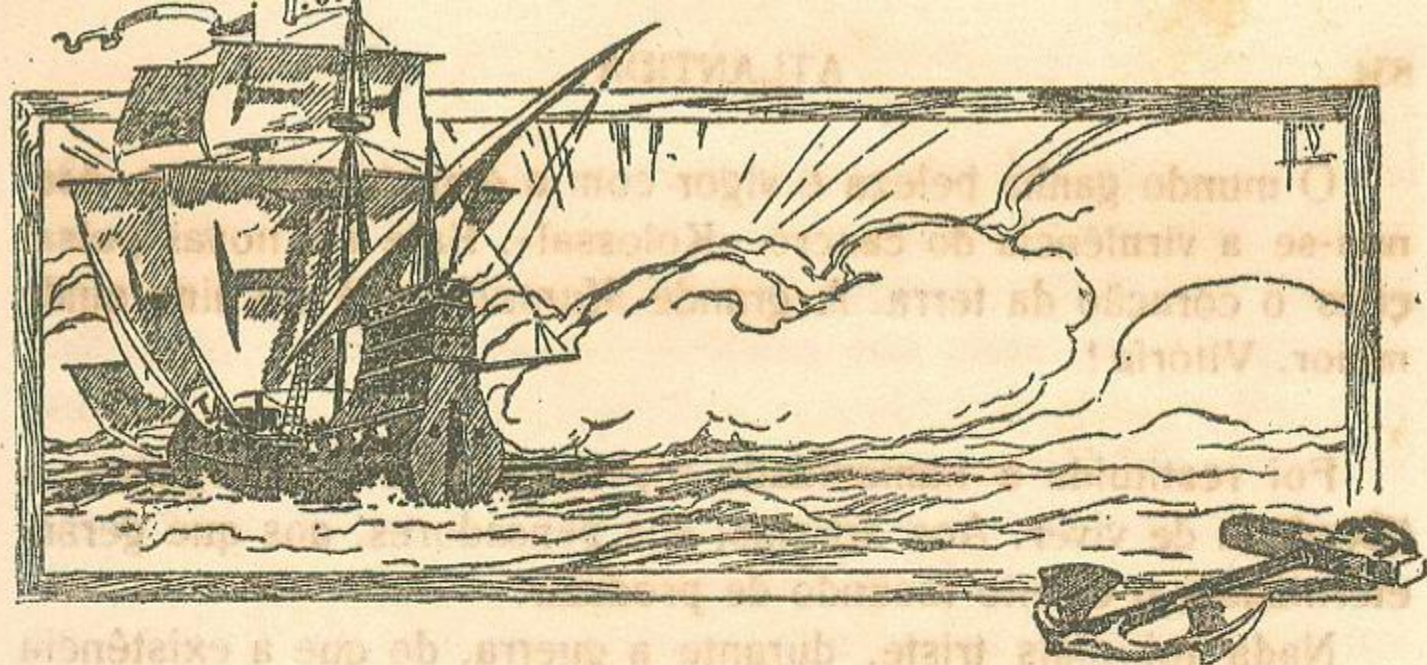
* * *

A guerra espantosa que devastou o mundo enobreceu o género humano: triunfou o Direito. A espada de morte na mão do criminoso é horrível. Na mão do heróe é sublime.

* * *

A guerra produziu no globo uma electrólise de consciências. As almas luminosas voltaram-se para os aliados. As almas sinistras voltaram-se para a Alemanha. E êste plebescito moral do universo inteiro honrou, no fim de contas, a humanidade.

Chauvinismo



Vitória!

Glória a Deus, nas alturas, se do céu nos veiu a vitória!
Honra a Satanaz, no inferno, se, das profundezas, ajudou os
que venceram!

Bem dita, sôbre todos, Minerva, a serena : a imortal Atenea —
criação da nossa fé sem quebra — que, entre o negrume, fez lu-
zir, alvorar, o seu casco de ouro e paz, de sol abolindo trevas!

Fulgiu o minuto vitorioso; tão vibrante, tão solene, tão único,
que dói não possuir uma ampulheta, para a esfacelar, ruidosa-
mente, em memória da data sôbrehistórica.

Triunfo como êste onde o houve? Ao ver reunido o seu exér-
cito, conta-se que Xerxes chorou, na margem do Helesponto,
com a idea de que nenhum daqueles belos guerreiros viveria daí
a um século. Terão vindouros o direito de lamentar que não
possa repetir-se outra hora assim, em que, palpávelmente, assis-
timos ao desaparecimento de todo um passado e ao nascer, in-
certo, mas novíssimo, dum futuro diverso do que se entrevia há
um lustro.

Tambêm os banddos escrevem a história. À Germânia rapace
ficará cabendo a glória negra de ter, com o seu bélico delírio —
Quos vult Jupiter perdere, prius dementat — com o hohenzo-
lérnico suicídio duma casta de megalómanos, mudado o rumo dos
povos, alterado os plânos do destino, não no sentido do seu ten-
tacular imperialismo, mas conforme a uma aliança de velhas, re-
nascidas fôrças e esperançosas fôrças novas, cujo poder transfor-
mador é ainda ilícito prever.

O mundo ganha beleza e vigor com a derrota prussiana. Ate-nua-se a virulência do cancro «Kolossal». Bate em novas pulsações o coração da terra. A grande *Marselhesa* é um hino ainda maior. Vitória!

Foi restituída à humanidade a primeira das suas regalias: a liberdade de viver. Aos artistas, aos pensadores, aos que geram eternidade, o direito fecundo de produzir.

Nada foi mais triste, durante a guerra, do que a existência dos que cultivam o ideal. Quantas obras se malograram? Quantos morreram, ou definharam, de sentir o morticínio?

A Germânia brutal interrompera a vida do espírito, pretendendo ressurgir a barbárie, anulando o amor, glorificando o massacre, enraivecida no endeusar dum automatismo selvagem.

Pouquíssimos, raros fôram os que, perante a supremacia do obuz, puderam conservar a taciturna coragem de continuar pensando e sentindo.

Os soldados, aos milhões, só tinham tempo para matar ou para morrer. Dos inermes, a maior parte lançou-se, hediondamente, na conquista desaforada do dinheiro à sobreposse, enquanto uma abençoada minoria se dava ao nobre sacrifício de redimir a baixeza dos ávidos, para eternidade da lei compensadora que põe um Beethoven na mesma pátria dum Bismarck.

Os infortúnios que a impia Germânia semeou com as suas garras dilaceradas! As baixas a que deu causa fora dos campos da luta, não são das menos comoventes. Sei do caso duma artista da paixão, para quem a cura anual de Veneza era a única que lhe aguentava o cansado corpo. Quando os austro-germanos obrigaram a Sereníssima a esconder ou deportar os seus primores, êsse coração, privado do embalo animador, cessou pouco a pouco o seu latejo.

À nojenta ameaça da prússica rudeza contra a mais delicada das cidades italianas, só outra a excedeu em opressão: Paris, o sacrário, à mercê da botifarra, da pata, dessa sapaterra: a Alemanha. O templo ao alcance do onagro. O chacal entre roseiras.

Mas nem os austríacos chegaram a Veneza, nem o bafo teutão empeçonhou Paris senão com as baforadas covardes de algumas ridículas aventesmas. Enquanto, na França, Homero se mul-

tiplicava, os generais prussianos convidavam para seu épico Júlio Verne; como, enquanto, no mar deshonrado, o submarino consagra a pirataria dos combatentes desleais, os *tanks*, no solo profanado, modernizavam o ímpeto dos elefantes bêbedos de outrora.

O clamor dos naufragos do *Lusitânia* — a doce pátria — e dos mil barcos que o torpedo ou o canhão assassinaram deve ouvir-se por muito tempo na noite dos vencidos sem grandeza. O mar, veículo da energia aliada, vai ser, pelos séculos fora, o tremendo acusador do colosso efémero. Salamina, Actium, Lepanto, Trafalgar tinham ensinado que o fim das esquadras era o combate. Nelson, João de Austria, Octávio, Temístocles, Cervera, os russos e os japoneses assim o entenderam. Receosos, Von Tirpitz e os marinheiros de Kiel, a capoeira, tentaram, muito em vão, demonstrar que os Agadires bastam à missão dos almirantes, improvisados em chefes de salteadores invisíveis, cuja impotente vingança derradeira foi o afundamento do nome por eles mais temido: *Britânia*.

Duas palavras constituirão, para os vencedores nobilíssimos, a síntese heróica da peleja interminável: Verdun, o baluarte; Reims, a monstruosidade.

Um dos mais legítimos antepassados do sanguinário Guilherme de Hohenzollern, Gengiscam, mandou construir uma torre com os crânios de sessenta mil inimigos. Dos milhares de granadas que em Reims, depois de Luvaina, liquidaram a *Kultur*, ergue-se, formidável, ideal, uma catedral de aço, cidadela perene da justiça contra o crime arvorado em sistema político.

Renan morreu cheio de pena, por não ver em que remataria a farfalhada retórica de Guilherme II. Se o pudessemos resuscitar, haveria, para celebrar o acontecimento sem igual, uma segunda *Oração da Acrópole*, votada à nova beleza de que a França se engrinalda.

Porque esta esplêndida vitória, sendo belga, inglesa, italiana, americana, da Sérvia, de Portugal, do Japão, do Brasil, de quasi todo o universo, é, acima de tudo, uma vitória francesa. Foi a França que, desde a primeira hora, a preparou. Era francesa a espada do Marne. Às mãos de dois franceses, nos últimos meses de prodígio, confiaram os deuses, saídos por fim da neutralidade, as suas armas decisivas, transmitindo a Clemenceau o

jupiteriano furor e entregando a Foch, Vercingetorix sem derrota, a clava de Hércules.

Diz uma francesa, num livro recente, que esta guerra, onde dois ideais se mediram, foi também uma guerra de deuses. De facto, foi o prélio das Musas, generosas amigas dos mortais em todo o tempo, contra as Valquírias, divindades de guerra, encarregadas de recolher as almas dos heróis.

Venceram as primeiras. Wagner, com o *Crepúsculo dos deuses*, incumbiu-se da marcha fúnebre do seu povo.

Triunfou a França, glória do mundo. Vitória!

À melhor das boas-novas, senti que um alegre frémito deve ter agitado as roupagens da «Samotrácia», entre cujas acéfalas asas poderosas mereceria ir repousar, nesta hora de fulgor, o rosto compassivo de alguma das muitas brancas sombras que se encarregaram de levar aos ais dos feridos, à dor dos mutilados, ao olhar torvo dos moribundos, aos heróis, o supremo confôrto, o santo bálsamo, o viático sacratíssimo dum sorriso de mulher.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



O Brasil e os Aliados

ENTREVISTA COM O DR. GASTÃO DA CUNHA,
EMBAIXADOR DO BRASIL

O Dr. Gastão da Cunha, a quem a *Atlantida* deve tantas e tão grandes amabilidades, quiz mais uma vez honrar as páginas desta revista com o raro e singular brilho das suas opiniões. Não é decerto preciso fazer notar aos nossos leitores a importância da entrevista que nos concedeu. Ela é, pela nitidez e pela elevação do pensamento, uma das mais altas e nobres expressões de *aliadofilismo* que temos lido, e que a *Atlantida* se orgulha de arquivar nas suas páginas.

À primeira pergunta que fazemos sobre a actualidade internacional após o desastre do pan-germanismo, pedindo não só impressões do momento, como as possíveis perspectivas, o Dr. Gastão da Cunha responde:

— Pois eu bem teria preferido que me propuzesse assuntos de menor complexidade para discernir e aventurar conjecturas. Concordará comigo em que a hora é a menos propícia para adiantar juízos. Os desabamentos sucedem-se e em vários pontos vão ateando incendios. Nessa transmutação contínua, custa-se a ter mesmo a perspectiva segura da realidade. O momento aqui no velho

mundo é caótico. Desde fins de outubro, quando os iniciados já entre si trocavam ideas preliminares de armistício e paz, que os acontecimentos se precipitam com tal atropêlo, alguns inopinados, outros ultrapassando a expectativa, todos de conseqüências vastas e profundas, que não é possível alcançar mais que uma percepção confusa dos sucessos. Estamos na madrugada e tudo ainda envolto na indecisão da meia luz crepuscular. É a fase sincrética de toda a informação mental, quando apenas existe uma visão geral, de conjunto, e por isso mesmo indistinta; depois e gradualmente, com o desdobramento dos factos, e a fixação das situações, sobrevem a análise, que nos dará a visão precisa, nítida e definitiva das realidades. E o momento não é caótico sómente; é também genésico. Todos sentem que está em elaboração uma nova ordem de coisas: no interior dos Estados, as instituições políticas, e mormente as sociais, se remodelam: na vida internacional está iminente a revogação do seu Código de mentiras convencionais. Dêsse ingente labor que deve iniciar em breve a Conferência da Paz, eu conto que vai surgir reconstituído o sistema político do mundo. A Liga das Nações, que já foi um devaneio, tornou-se depois um ideal; o que há séculos era uma utopia, passou a ser hoje uma aspiração. E será uma realidade amanhã. Sou, como vê, um optimista; seria descrer da justiça imanente não confiar que esta guerra terá trazido ao mundo, em âmplos benefícios, a compensação dos sofrimentos que êle padeceu.

— Já essa previsão de V. Ex.^a satisfaz a uma parte de minha pergunta e ao mesmo tempo revela uma expectativa.

— Sim, pelo menos um voto que faço e confiantemente. Essa é que será, sim, a *Santa Aliança*. E a uma previsão concebida na sua maior latitude eu me limito, sem traçar contornos, nem indicar modalidades. É sempre arriscado descontar o futuro. Exemplo, os vaticínios do Conde de Riba-mar aqui bem perto de nós, diante da estátua de Camões, sôb o olhar impassível de João de Barros, — o das Décadas. . . — e não quero que me caiba o comentário do ironista francês às previsões de um seu contemporâneo: — tudo foi previsto por êle, menos o que sucedeu. . .

— V. Ex.^a, entretanto, permitir-me há notar que já temos na actualidade factos consumados.

— Sim. E dêles o facto dominante é o desmoronamento do Império alemão. A construção política de aparência indestrutí-



Antonio Carneiro
1916 VI

Centão da Cunha

vel não durou meio século; mas êsse meio século bastou para mostrar ao mundo quanto é de temer e de execrar uma cultura que só desenvolveu os instintos da fôrça e do bem estar material, gerando êsse orgulho monstruoso que impele a todas as violências. Era o militarismo na sua expressão mais acabada, isto é, a concentração e a utilização de todas as fôrças nacionais num fim de guerra, de conquista e de dominação. É de Lloyd George êste conceito, incisivo como a sua eloquência: «o exército é o ferro de lança da Prússia, tudo o mais ali é a haste.»

Com efeito, toda a fôrça do Império estava no seu exército. Ora, a fôrça de uma nação hoje reside precipuamente na sua compleição moral. Aí a falha da mentalidade alemã e daí o vício mortal de toda a sua obra política.

Um professor americano, fazendo a psicologia da cultura alemã, acentua nela a falta de percepção dessa verdade científica fundamental, que denominamos moral. É impressionante mesmo na sua copiosa literatura (e Kant é uma abstracção encerrada nos claustros universitários) o desinterêsse pela filosofia moral, como na sua pedagogia o descaso pela moralidade de nossas acções. Daí a insensibilidade do alemão às necessidades humanas, a sua positiva incapacidade para avaliar os fenómenos morais e compreender a psicologia dos outros povos. E assim, na cultura alemã, embora intelectualmente superior, há uma deficiência que a torna inadaptável ao ambiente contemporâneo, que é de cooperação, de solidariedade, de simpatia cosmopolita, virtudes-fôrças que no espírito político alemão falham por completo e que sublimaram na concepção norte-americana das funções do Estado.

De todos os povos cultos é o alemão aquele a quem menos ou mesmo aquele a quem nada devem os sentimentos de humanidade; sentimentos cuja expansão no mundo constitúi, ainda mais que a sua puríssima doutrina moral, a obra capital e inconfundível do cristianismo. Todas as nações, na medida do seu poder, têm trazido a sua contribuição para a felicidade comum, movidas por êsse culto desinteressado do bem, que é a mais alta nobreza do homem.

Para não espriar e adstringindo-me ao assunto do dia, a guerra, direi que na série de medidas generosas a que se convençionou chamar a regulamentação da guerra, inspiradas no propósito de lhe diminuir os males, é nula, quando não estorvante,

a participação alemã. Em 1863 a América do Norte promulga o seu código, tornado clássico, destinado a reger as operações de guerra dos seus exércitos em terra e a seguir decreta idêntica regulamentação para a sua marinha; anima e promove a reunião de conferências internacionais; firma a jurisprudência que considera as regras do Direito Internacional positivo parte integrante do seu Direito interno e aplicáveis por seus tribunais; oferece a sua mediação para prevenir e até terminar guerras; formúla a sua declaração dos direitos das nações, documento que ficará na História ao lado da declaração dos direitos do homem; a Bélgica promove a fundação do Instituto de Direito Internacional, a Suíça organiza a Cruz Vermelha; reúnem-se as conferências da Paz em 1899 e 1907 na Haya, a de 1909 em Londres para regulamentar as prêsas marítimas; em suma, uma longa lista de convenções, de uniões, de tratados de arbitramento, tudo visando a comunhão jurídica internacional. Em tudo é nenhuma a iniciativa alemã; e tudo quanto se conseguiu fazer, fez-se à revelia ou a-pezar das restrições e resistências do govêrno alemão. O seu ideal, o que unicamente inspira o estado alemão é o engrandecimento nacional; nada e jamais em prol dos interêsses gerais da civilização ou da paz no mundo.

A própria organização do Estado, na doutrina prussiana, era uma singularidade odiosa na evolução do Direito moderno. Hoje, não se compreende mais, o que vale dizer não se aceita mais aquela concepção medieval em que o chefe do Estado ao envés de mandatário do povo é o seu amo e senhor. Mesmo nas monarquias actuais da Europa, o chefe da nação tem o poder pela vontade do povo e o Estado existe pelos indivíduos e para os indivíduos que o constituem. O chefe alemão, porém, por direito próprio, como representante da tradição histórica, era o símbolo do Estado, independente e acima dos indivíduos. E dentro do Estado, que eram a liberdade civil e política? Em suma, instituições anacrónicas, inconciliáveis com o espírito contemporâneo, que tinham de arremeter contra êle e de ruir fatalmente em destroços.

— Perfeitamente; mas tudo isso, infelizmente, servido por um robustíssimo sentimento patriótico.

— Formidável; mas o próprio patriotismo alemão não tem, nem pode ter a simpatia e o respeito das outras nações, por isso que nele, se é certo que existem qualidades heróicas, são as qualida-

des heróicas da barbaria, tal como as encontramos entre os povos selvagens, no período embrionário de todos os povos; nêle porêm, em vão buscaremos êsses sentimentos de moderação, de tolerância, de benevolência, de solidariedade, que aproximam e congregam os homens e povos, e são o substracto da civilização. Patriotismo duro, arrogante, exclusivo e cruel, que gera fanáticos. Ora, o fanatismo político é tão funesto como o religioso, porque um e outro são os inimigos da razão.

Há anos, Blowitz, dando o balanço à obra da unidade alemã, ainda em pleno fastígio do seu fundador, escrevia: — Criou um império formidável, sim, mas um império erriçado, irritado, irritante, que olha a Europa com desplante e que a Europa vê obliquamente. Prussianisou a Alemanha, tirou-lhe a simpatia que outrora cercava a sua profunda sciência, a sua grande modéstia, a sua simplicidade laboriosa. Agitou a segunda metade do seu século por uma política que não podia engendrar senão o ódio ou a cólera, o medo ou a sujeição. Foi de ferro, sempre de ferro.

Um vidente, o grande jornalista, não é verdade? Entre duas mentalidades assim antagónicas, como entre as instituições que elas modelaram, o choque era fatal e necessário, porque a sua co-existência era impossível. E o desfecho veio dar nova confirmação à lei sociológica indefectível, que confere o govêrno do mundo a quem possua a superioridade social. As civilizações imperfeitas ou inferiores serão corrigidas ou destruidas, embora a bravura ou a pujança dos exércitos em que se firmem. Porque a luta militar é sempre um episódio secundário da luta social.

Clemenceau, num dos seus artigos do *L'homme Enchaîné*, definia magistralmente a luta nestas palavras de vibração profética: — não podeis vencer, porque intentais remontar o curso da história, que vai das dominações da fôrça para as sucessivas libertações; não podeis vencer, porque atrás dos nossos exércitos há fôrças de fatalidade histórica. *L'Allemand s'est donné pour mission de maîtriser; nous d'affranchir.*

— E a própria Alemanha está hoje libertada do seu Kaiser e da sua autocracia militar; afastada, portanto, a ameaça de uma nova agressão. Para todo o sempre?

— Creio e confio. Entretanto, para extinguir uma superstição, não basta suprimir o fetiche. É preciso reeducar o espírito alemão para integrá-lo na nossa era.

Porque a verdade é que toda a Alemanha estava impregnada

de militarismo e arregimentada pelos processos da guarnição de Saverne. A disciplina militar tinha enfileirado os intelectuais, que sancionavam todos os crimes e engenhavam teorias para a justificação das causas mais abomináveis. O Kaiser, em quem os homens de boa fé se cumpraziam em ver um carácter na altura da sua inteligência, desiludiu essa confiança, desonrando a sua palavra naquele telegrama de setembro de 1914 a W. Wilson, no qual, para desculpar os seus oficiais e as suas tropas, não vacilou em afirmar que o govêrno Belga incitára públicamente a população civil a tomar parte na guerra que desde muito vinha cuidadosamente preparando! e mais que as crueldades cometidas numa verdadeira campanha de guerrilhas por mulheres e até por padres belgas contra médicos e enfermeiras eram tais — que os alemães se viram afinal forçados a castigar os culpados para conter a população sanguinária e cruel!!!

Justamente a êsse tempo, em Roma, por ocasião do último conclave, eu ouvia do Cardeal Mercier o relato daquelas scenas, execrandas, morticínios e incêndios, fusilamentos de padres, entre êles o pároco mártir da pequena aldeia de Schaffen-lez-Diest. «De alguns dêsses assassínios já eu averigui tudo por testemunhos irretorquíveis; e juro a inocência das vítimas», — ajuntava o eminente prelado com um leve tremor na sua voz serena.

Não há dúvida, nem negativa possível; a verdade provada é que toda a Alemanha quiz a guerra, desde o proletário e o burguês até os socialistas e os intelectuais. Ao proletário alemão, os doutrinários do pan-germanismo convenceram de que se o exército aumentasse o território do império, aumentava a clientela das indústrias e a sua situação seria mais segura e o seu trabalho mais largamente remunerado. Assim, o proletário era tão militarista como o burguês. Entre os socialistas, Liebknecht ficou em solitária unidade. O socialista tipo foi aquele Frank, que em fins de julho falava de fraternidade aos seus camaradas francezes e a 1 de agosto alistava-se no exército da invasão.

E da sinceridade do partido socialista alemão é documento frisante a sua recusa à constituição de um tribunal mixto, composto de socialistas alemães e belgas, que estes propuzeram para apurar a procedência das acusações contra os invasores da Bélgica. Igual recusa opôs o clero católico alemão à proposta do episcopado belga, revoltada contra as calúnias do Livro Branco e reproduzidas na resposta dos católicos alemães aos católicos

franceses, para a composição de uma junta mixta de inquérito sôb a presidência de um super-árbitro indicado pelo episcopado de um país neutro, — Espanha, Holanda, Suissa ou Estados Unidos. — Ainda por duas vezes mais, em janeiro e fevereiro de 1915, o primás belga solicitou do Governador militar a formação de um tribunal idêntico na Bélgica.

Agora, em livro recente, que conheço pelas referências da secção bibliográfica da «Revista de Direito Internacional Público», Ernst Muller Meiningen, jurisconsulto e parlamentar de renome, escreve isto: «desde o imperador até o mais pobre jornaleiro, ninguém na Alemanha pensava em guerra, todos odiavam a guerra e ninguém queria empreendê-la»; da neutralidade belga fala assim: «a Alemanha não violou a neutralidade belga; a Bélgica, sim, é que violou a sua própria neutralidade, anulando portanto o tratado de 1839 —» Que dizer a isto? — A verdade histórica, repito, é que nunca um soberano foi tão calorosamente e universalmente apoiado e seguido por seu povo, como o foi o Kaiser nesta guerra. Igual unanimidade de adesões teve-a Wilson quando entrou na guerra, para opor o ideal americano ao ideal alemão.

— Falou há pouco V. Ex.^a em duas concepções políticas antagonicas, representadas pelos dois grupos de combatentes. Junta pois, V. Ex.^a, parece-me, num grupo as duas raças latina e anglo-saxónica.

— Falando do meu ponto de vista americano, claro é que expri-mo ideias e sentimentos de um americano; e, assim, acredito não ser ousado dizendo que na frágua desta guerra fundiram-se numa só alma as duas raças que fizeram a conquista pacífica do Novo mundo, fundando ali os novos lares de uma civilização superior.

Na América o patriotismo, como o conceito da pátria que o informa, inclui, como atributo seu, uma larga simpatia humana. Ali, todas as nações sentem que o verdadeiro interêsse de uma nação, como ensinava um dos pensadores da Enciclopédia, não está nunca em separar-se do interêsse geral do género humano, porque a natureza não poderia querer fundar a felicidade de um povo na desgraça dos seus vizinhos, nem opor entre si duas virtudes igualmente inspiradas por ela, — o amor da pátria e o amor da humanidade.

Era natural que êsse alto conceito, no qual a simpatia hu-

mana é a lógica expansão do amor à pátria, tivesse a sua realização no Novo Mundo, quero dizer entre povos para cuja formação concorreram outros povos de diferentes raças, línguas, religiões, usos, costumes e tradições diversas; nações que jamais conheceram em seu seio separação de classes e em cujo solo a posse da terra nunca foi o motivo do prestígio e a condição do poder. Nenhum desses vestígios feudais ali existe.

A base do Estado para nós da América, portanto, não é nem pode ser a mesma que outrora condicionou a formação dos Estados europeus. Estes viviam clausurados na sua crença religiosa, na fé, que foi em tempos idos a pátria ideal; e, depois, presos à terra, dentro de suas fronteiras tão difíceis de transpor, como de penetrar. Hoje, quando a humanidade facilmente se desloca, levando cada qual consigo, para o domicílio que livremente elege, a inviolabilidade de sua pessoa e bens pela protecção do seu estatuto e mais ainda pela universalização do Direito, necessariamente que se deviam elevar e dilatar as ideias de pátria e patriotismo. Hoje, nem a raça, nem a língua, nem usos e tradições comuns, embora sejam apreciáveis todos esses elementos de homogeneidade nacional, podem servir de base à formação e à existência do Estado moderno.

Hoje, o que pode congrega os homens em uma organização política é um ideal comum: eis o fundamento do Estado moderno. E sendo certo que a mútua atracção de ideias, convicções e aspirações comuns é que constitui a base mais sólida sobre que podem assentar as associações humanas, se essas forças morais indestrutíveis são os laços que mais fortemente religam os indivíduos dentro da pátria e os povos no convívio internacional, eu convencidamente digo, porque em mim mesmo o sinto, que esta guerra, estabelecendo uma maior intimidade moral entre povos de raças e terras diferentes, dando-lhes uma melhor compreensão recíproca de seus interesses e destinos solidários, veio elevar e dilatar o nosso patriotismo de modo tal que êle, agora, pelos sentimentos de simpatia e de solidariedade que comporta, não se pode mais restringir nos limites territoriais da pátria, nem nos limites étnicos da raça. Na América, pode estar certo de que já existe uma consciência pan-americana.

— Ainda uma sugestão, não uma pergunta, ao seu pensamento sobre a beligerância de Portugal e do Brasil.

— Quanto a Portugal não é a mim que compete falar. Apenas

posso exprimir os votos, muito cordeais, do povo e do Govêrno do Brasil, por que Portugal venha a recolher na paz a merecida compensação dos sacrifícios que tão nobremente fez, como era de esperar de suas tradições de lealdade e de bravura. Direi mais que a sua entrada na guerra foi um acto de sabedoria política e o seu heróico esforço uma prova de vigor nacional.

O Brasil, sem desinteressar-se do conflito travado entre países europeus mantinha, como devia, uma estrita neutralidade, aliás bem difícil de guardar, posso dizê-lo com alguma autoridade, porque naquela primeira fase da guerra fazia parte do Govêrno em meu país. Dessa neutralidade saímos quando directamente atingidos, isto é, quando foram torpedeados nossos navios de comércio. Tomámos então resolutamente o nosso posto de combatentes. Não é descabido advertir que o momento em que nos declarámos em beligerância ou melhor em que reconhecemos o estado de guerra que por actos o Império Alemão nos declarára, o momento era sombrio para os aliados. Ocorrera a traição russa e vinha, a seguir, o desastre italiano.

Nem nos deteve o nosso impreparo militar, em fôrças de terra; impreparo de um país avêssio à guerra, activo amigo da paz continental, que nada receia dos seus visinhos e nada pretende contra êles. Nosso passado documenta a lisura, desintêresse e cordealidade da nossa política internacional. Entretanto, o nosso concurso na guerra era de valor immediato para os aliados. Desde logo entrávamos com a nossa esquadra, uma boa frota de guerra, a melhor da América do sul, composta de poderosas unidades modernas, iguais aos melhores tipos similares da esquadra britânica. A nossa esquadra moveu-se logo, passando a policiar o Atlântico sul e ainda cooperando na zona de guerra. Mandámos para a Europa recursos oportunos e eficientes — missões militares, missões médicas e sanitárias perfeitamente aparelhadas; montámos aqui e mantemos hospitais com instalações completas; temos em várias linhas da frente aviadores e mais combatentes que se têm distinguido na luta. A essa cooperação immediatamente prestada, seguir-se-ia em breve a remessa de tropas, muito provavelmente a começar pela Ásia Menor.

A essa cooperação militar, junte-se o privilégio assegurado aos aliados para a aquisição da nossa variada produção agrícola, pecuária e industrial; os recursos das nossas riquezas minerais; as vantagens de um extenso litoral com as facilidades e a segu-

rança dos seus portos, abrigos e bases navais; o concurso de uma frota mercante superior a cem navios de longo curso, além de numerosos barcos de cabotagem. Acresce ainda o auxílio, que advirá, feita a paz, do trancamento dos nossos mercados às indústrias do inimigo e as vantagens de uma clientela de 25 milhões garantida aos aliados.

Como vê, o nosso concurso não é tão diminuto como se tem afigurado à miopia mental ou à deficientíssima informação de certos mirones que conhecem os valores da política internacional como Mirabeau dizia que Sieyès conhecia o mundo, — pelo mapa.

A Inglaterra, a América do Norte que podem, mais que todos, aquilatar da nossa colaboração, tem-na em muito valor. A Inglaterra, no mais acêso da guerra, quiz dar-nos a prova máxima de aprêço que, na sociedade internacional, uma nação pode dar a outra, que é elevar nela a sua representação diplomática. Êsse testemunho, foi solenemente comunicado ao Govêrno do Brasil em maio, no discurso de apresentação de credenciais de Sir Maurice Bunsen, em missão especial na América do Sul. A 25 de setembro nomeava a Inglaterra o seu Embaixador no Brasil. — E terminando direi que, hoje, o Brasil é um termo necessário em todas as equações da política americana.

Proferindo estas palavras o Embaixador tomou sôbre a mesa, junto à qual estamos sentados, uma pequena caixa contendo uma medalha e no-la fez examinar bem. É de ferro, de inferior execução artística e, — não seria preciso dizê-lo, de uma detestável concepção simbólica. Tendo-a na mão, o embaixador disse estas últimas palavras, com um vigor de comunicativo entusiasmo:

— Veja-se êste documento da mentalidade alemã: medalha cunhada em Berlim para comemorar o afundamento do «Lusitania» tal como se fôra um acto de heroismo ou um acontecimento de júbilo nacional. Entretanto, êsse crime horrendo é, na verdade um marco na história da guerra. Êle foi o condensador da indignação universal. Em volta dêle foi-se reunindo e enfeixando a resistência dos povos à dominação da barbárie germânica. Tal como aquele fio encarnado, de que nos fala Goëthe, fio ténue, mas nuclear, em tórno do qual se vai enroscando, entaçando e integrando a rija contextura dos cabos da marinha inglesa... E agora, em honra dessa marinha, senhora dos mares, que assegurou a vitória e salvou o mundo, ponhâmo-nos de pé!...

R.

As nações aliadas e Portugal

PALAVRAS DOS MINISTROS DA INGLATERRA, DA FRANÇA
E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

É desvanecidamente que a *Atlantida* publica as três cartas que seguem, em que os representantes das potências que mais ligações têm com Portugal afirmam, em palavras expressamente escritas para esta revista, a sua simpatia, e a dos países que representam, pela atitude que o nosso país soube tomar na defesa da causa dos Aliados.

PALAVRAS DE SIR LANCELOT D. CARNEGIE,
MINISTRO DE INGLATERRA

From the very beginning of the war, Portugal showed the world that she did not consider that her treaties with Great Britain were written on "scraps of paper" to be torn up if

Convenient, and unhesitatingly declared her fidelity to her ancient Ally.

Through her loyalty to her engagements and her courageous participation in the war, Portugal now shares in the glorious victory of the allied arms and will occupy an honourable place in the Conference which will decide the destinies of the world for many generations

December, 1918. Lancelot D. Carnegie

TRADUÇÃO

Desde os primeiros dias da guerra, Portugal mostrou ao mundo que não considerava os seus tratados com a Grã-Bretanha como simples pedaços de papel, que rasgaria se assim lhe conviesse, e declarou sem hesitar a sua fidelidade para com a sua velha aliada.

Pela sua lealdade em face dos compromissos tomados e a sua corajosa participação na guerra, Portugal partilha agora da gloriosa vitória das armas aliadas; e ocupará um honroso lugar nas Conferências que decidirão os destinos do mundo — por muitas gerações.

Dezembro, 1918.

(a) LANCELOT D. CARNEGIE.

PALAVRAS DE MR. DAESCHNER, MINISTRO DA FRANÇA

L'ère de paix que nous ouvre la victoire sera féconde par la coopération confiante des alliés — et le Portugal qui a marqué sa place sur les champs de bataille, a un beau rôle à jouer dans le domaine économique !

Aux heures troubles il nous a ouvert son cœur — aux heures glorieuses sa collaboration ne fera pas défaut —
Le passé est gage de l'avenir !

J. Daeschner
Lisbonne le 4 Décembre 1918

TRADUÇÃO

A era da paz que a vitória nos abre será fecunda pela cooperação confiante dos aliados — e Portugal que marcou o seu lugar nos campos de batalha, tem um belo papel a desempenhar no domínio económico.

Nas horas incertas abriu-nos o seu coração — nas horas gloriosas a sua colaboração não nos faltará.

O passado é o penhor do futuro !

Lisboa, 4 de Dezembro de 1918

(a) E. DAESCHNER

PALAVRAS DE MR. TOMÁS BIRCH, MINISTRO DA AMÉRICA

LEGATION OF THE UNITED STATES OF AMERICA,
LISBON PORTUGAL

Lisbon, Portugal,
December 10, 1918.

You have been kind enough to ask me to give a word with reference to the Allied Victory for which I feel honored, and it is with much pleasure that I contribute my humble effort.

March 9th, 1916, in my judgement, will ever remain a memorable day in the history of Portugal. It was on that day that Portugal, the ancient ally of Great Britain, before the world, with its traditional fearlessness and courage, fulfilled that alliance, by entering the world's greatest conflict on the side of the Allies.

For more than three years she has given unselfishly the manhood and the resources of her country to the cause as well as her moral support, which was much needed and appreciated at that time. As a result today, in the hour of victory, the Portuguese People, as well as the peoples of the other Allied nations, enjoy a great satisfaction, in the knowledge that through their efforts and by complete cooperation with the other nations at war against the Central Powers, she has helped win for the world a victory for Civilization, Freedom and Democracy.

During the period of the war, the Portuguese People have borne patiently the financial burden and personal sacrifice which must by necessity follow a participation in a war of this magnitude. They have done their full duty as loyal allies; so then, they will share with fulness in the glories of victory, and we all hope that this victory will be like unto the dawn of a new day for the world and that this day will be a day full of sunshine, peace, prosperity, happiness and contentment for the peoples of what will seem to be a new world.

Portugal helped to pay for the successful conclusion of the war, with the lives of many of her noble sons on the battlefields of France and Africa. She today alike to the other Allied nations bears with fortitude, the further burden of a great war debt. Her people at home have in silence suffered the privations due to the war, but, I know the Portuguese People, I know their feelings, patriotism and courage, and I can hear them say to the world with one voice, "We gladly give all this and more had it been necessary, we have only done our duty. If as a result, the world has been made better for mankind, our sacrifices will not have been offered in vain."


American Minister.

TRADUÇÃO

Lisboa, Portugal. 10 Dezembro, 1918.

Teve V. Ex.^a a amabilidade de me pedir duas palavras acêrca da vitória dos Aliados, pedido que me honra e a que, com muito gôsto, tentarei satisfazer.

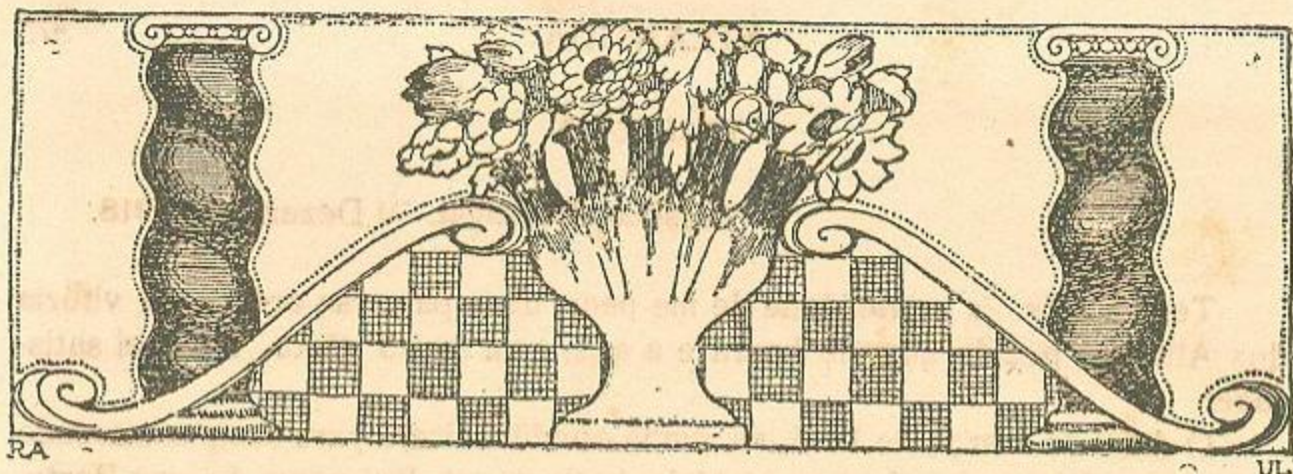
O dia 9 de Março de 1916, na minha opinião, ficará para sempre marcado como uma data memorável na história de Portugal. Foi nesse dia que Portugal, o antigo aliado da Gran-Bretanha, com a sua coragem, com a sua bravura tradicional, cimentou e cumpriu essa aliança, perante o mundo inteiro, colocando-se galhardamente ao lado dos aliados, no grande conflito mundial.

Durante três anos tem oferecido patrióticamente à causa, não só os homens e os recursos do seu país, como também o apoio moral tão necessário nessa ocasião e que tão apreciado foi. Hoje, como consequência dêsse facto, na hora da vitória o Povo Português unido aos povos das outras nações aliadas tem a grande satisfação de saber que pelo seu esforço e pela completa cooperação com as outras nações em guerra contra as Potências Centrais, auxiliou na grande obra de ganhar para o mundo a vitória da Civilização, da Liberdade e da Democracia.

Emquanto durou o período da guerra, o Povo Português suportou com abnegativa paciência o pesado sacrifício tanto financeiro como de vidas, que necessariamente resultaram da participação numa guerra desta magnitude. Cumpriu plenamente o seu dever de leal aliado; assim partilhará também plenamente nas glórias desta vitória, que será, segundo anciamos, como o amanhecer de um novo dia, dia de sol que iluminará o mundo, trazendo aos povos dêsse novo mundo uma era de paz, de prosperidade, de completa satisfação e felicidade.

Portugal contribuiu para o bom êxito da guerra com a vida de muitos dos seus nobres filhos nos campos de batalha da França e da África. Hoje, em comum com as outras nações aliadas, suporta de ânimo resoluto o pêso de uma grande dívida de guerra. Na pátria portuguesa o povo tem sofrido em resignado silêncio todas as privações devidas à guerra. Mas eu conheço bem o Povo Português, conheço os seus sentimentos, o seu patriotismo, a sua coragem e ouço-o declarar bem alto ao mundo: «tudo demos de boa mente e mais daríamos se necessário fôsse. Cumprimos apenas o nosso dever e, se assim contribuimos para dar à Humanidade um mundo melhor, não foram infrutíferos os nossos sacrificios».

(a) THOS A. BIRCH
Ministro da América.



A Alvorada da Paz

Por sôbre as máximas revoluções da História, paira sempre o espírito de salutar idealismo, que a religião averba de divino.

Quando a poderosa máquina do Império Romano se desconjuntava, minada pela corrupção, infiltrada pela barbaria, eram as dôces palavras de um desconhecido levita sírio, crucificado em tempos de Tibério, que serviam de coesivo ao rebanho humano, desgarrado e sem norte. «Amai-vos uns aos outros!» cantava essa voz do céu. E a menos frágil de todas as felicidades, a da esperança, desabrochava na Terra.

Hoje em dia, é tão angustiosa como há quinze ou dezasseis séculos a dúvida da Humanidade, diante da espessa fumarada que lhe encobre o caminho do Futuro. Estruge o baquear de impérios, rugem alcateias sôfregas de carniça, desencadeiam-se as paixões mais ferozes da féra humana, à derrota das fôrças tenebrosas sucede o clamor tumultuoso de vindicta, e, apenas liberto de um tufão ingente o edificio da Civilização, já um tremendo abalo sísmico lhe ameaça surdamente os alicerces.

Sôbrepujando o fragôr, diluindo terrôres, amansando bravizas, a voz que se eleva de além do Atlântico tem, como a de Cristo, modulações divinas. Não capitulem as almas pias de sacrílega a aproximação. Acaso destrói, ou sequer amesquinha, a sua mística fé o pensar que por cérebro humano transcorra o sôpro de Deus?

Contraste admiravel! Há vinte séculos, quando as autocracias e as oligarquias espezinhavam os humildes da Terra, num filho de

operários obscuros se encarnava o espírito da justiça, dos lábios dêle fluía o verbo do amor. Hoje, no momento em que o despotismo das turbas cegas se encapela sôbre os destroços dos últimos tronos, é num dos mais eminentes potentados do mundo que se manifesta o divino entendimento. E a doutrina amorosa alarga-se, atinge o termo lógico das suas conseqüências. Da fraternidade dos homens, prégada pelo carpinteiro de Nazaré, promana a fraternidade dos povos, proclamada pelo chefe de uma das mais vastas e florescentes nacionalidades da Terra.

Não se pode dizer nova a generosa ampliação do tema adorável. Poetas, filósofos, pensadores, têm lançado aos ventos esta bola de sabão, entre sorrisos desdenhosos dos políticos de ofício e discretas mofas de psicólogos empíricos. Mas o que jamais se vira no mundo fôra um depositário excelso da soberania, um representante do secular legado de ambições e conquistas, um dirigente de fôrças colossais, proclamar a supremacia do Direito, formular o audacioso plâno da sociedade das nações equiparadas, preconizar o respeito inflexível pela vontade dos povos, firmar na terra os castelos construídos no ar.

Continúa acaso a inteligência humana a adejar nas regiões da Utopía? Não! Wilson, com a grandeza do seu génio, da sua alma e do seu poder, deu à quimera os primeiros alentos de vida real. Longo decorrerá o prazo antes que ela se mova na integridade das suas funções orgânicas. Mas a nós, às gerações que hoje vivem, será dado o espectáculo consolador dos seus passos titubeantes na Terra, esperança de porvindouras alegrias. Porque nunca talvez, desde que o homem arrasta pelo planeta a existência miserável, viram seus olhos os arrebóis de mais esplêndida manhã.

Será longa a alvorada, sem dúvida, obumbrada de nimbos espessos, cortada de trovoadas tremendas, rasgada de relâmpagos sinistros. A maldade não desarma sem porfiada luta, as paixões não capitulam senão debaixo de mão férrea que as sufoque. Para que no organismo social se opere a destruição dos germens deletérios, é indispensável a reacção vigorosa de todas as células indemnes. Aliás, nunca os olhos da Humanidade enferma terão fôrça para suportar os clarões da Justiça.

A doutrina do grande Americano tem de apelar para o sentimento dos povos, depois de haver imbuído o cérebro dos pensadores. Urge que assuma as proporções de um credo religioso.

Porque só o sentimento místico pode enraizá-la profundamente na alma idealista das turbas.

Que os filósofos, os poetas, os publicistas de todas as nações se tornem os apóstolos devotados da Nova Idea, a qual representa a evolução suprema do cristianismo, como a Revolução Francesa, sem embargo do aparente agnosticismo, foi uma crise temerosa do seu desenvolvimento.

No vasto corpo social, criado pela concepção de Wilson, Portugal constituiu um agregado de células contribuindo para a vida comum. Para o conseguimento d'êste propósito, urge que o trabalho o dignifique e que a ordem interna o robusteça. Aliás — não nos iludâmos — a Liga Internacional teria de estirpá-lo, para evitar a contaminação da gangrena.

São rudes por certo estas palavras, mas convém que elas estejam presentes ao espírito de todos os portugueses. O respeito pela vontade dos povos, base essencial do programa de Wilson, é a amplificação colectiva do lema litúrgico: *Pax hominibus bonae voluntatis!*

Seja portanto firme e honesta a nossa vontade! Só assim mereceremos os beneficios da paz fraterna entre as nações.

No início da grande obra civilizadora, desempenhada na história pela nação portuguesa, refulgiu uma divisa imortal, que hoje, ao alvorecer da nova era, fôra bom que tivesse adequada resplandecência no seu braço. « *Talant de bien faire!* » Talante, vontade de bem fazer Postas constantemente diante de nossos olhos, estas quatro palavras nos estimulariam na educação e no saneamento — digâmos sem reбуço — de uma vontade, que logrou chamar ao convívio universal os troços dispersos da Humanidade.

Admirável tradição! Deslumbrante fulgôr, que aureola o nosso passado, mas que, para nos iluminar a rota do futuro, tem de coar-se através da alma nacional, intemerata e translúcida. Porque os fóros de nobreza, para os indivíduos como para os povos, são respeitáveis quando avigoram energias, ridículos quando acobertam inércias, acabrunhantes quando revelam desfalecimentos.

Soube altivamente honrá-los o soldado português, êsses pergaminhos gloriosos da pátria, já quasi milenários. Soube acrescentar-lhes o brilho, entre os exércitos da Liberdade, na mais formidável das guerras travadas contra a Autocracia e o anacrónico espírito de Conquista. Precipitado do seu velho carro ovante, o hediondo Tor desaparece entre as nuvens sangrentas do Cre-

púsculo dos Deuses, e essas nuvens tingem-as também o generoso sangue português.

Glorifiquemos, em transportes de grato júbilo, o soldado que em África e na Flandres renovou as tradições heróicas da sua raça. Mas nesta hora de justiça, entre os hosanas festivos que aclamam os grandes libertadores, Wilson, Lloyd George, Clémenceau, Foch, homens de Estado, generais, diplomatas, que deram o impulso à vitória, tenhamos a hombridade de exumar para o devido preito nomes sepultos sob os escombros das nossas lutas civis. Esta hora de paz, saibâmos consagrá-la pela concórdia entre os grupos desavindos da família nacional. E no momento em que resôa o anátema fúnebre sobre a derrocada do despotismo férreo, repudieemos com energia, governantes e governados, a concepção germânica da fôrça bruta como único argumento para a solução de problemas políticos ou económicos (1).

A civilização humana, diante do pavoroso obstáculo que ameaçava subvertê-la, emperrou de improviso. Urge pô-la novamente a caminho. Para essa nobre tarefa, que demanda anos de corajosa pertinácia, hão-de acendrar-se todas as energias de Portugal, unido num ideal de pacífico engrandecimento. Debelada gloriosamente a derradeira arremetida da Fôrça maléfica contra o Direito, a República Portuguesa saúda os seus valentes irmãos de armas, sócios de ora avante na obra da paz universal: a Grã-Bretanha, sua aliada secular; a França, a grande inspiradora do seu espírito; a Itália, a primogénita da sua nobre estirpe; a Bélgica e a Sérvia, o Montenegro, mártires da honra; o Japão longínquo, que de portugueses recebeu as primícias da civilização ocidental; os Estados Unidos da América, sustentáculos da Liberdade e da Justiça; e finalmente, acima de todos os seus liais matalotes na guerra das nações, aquele em cujas veias circúla o mais puro do

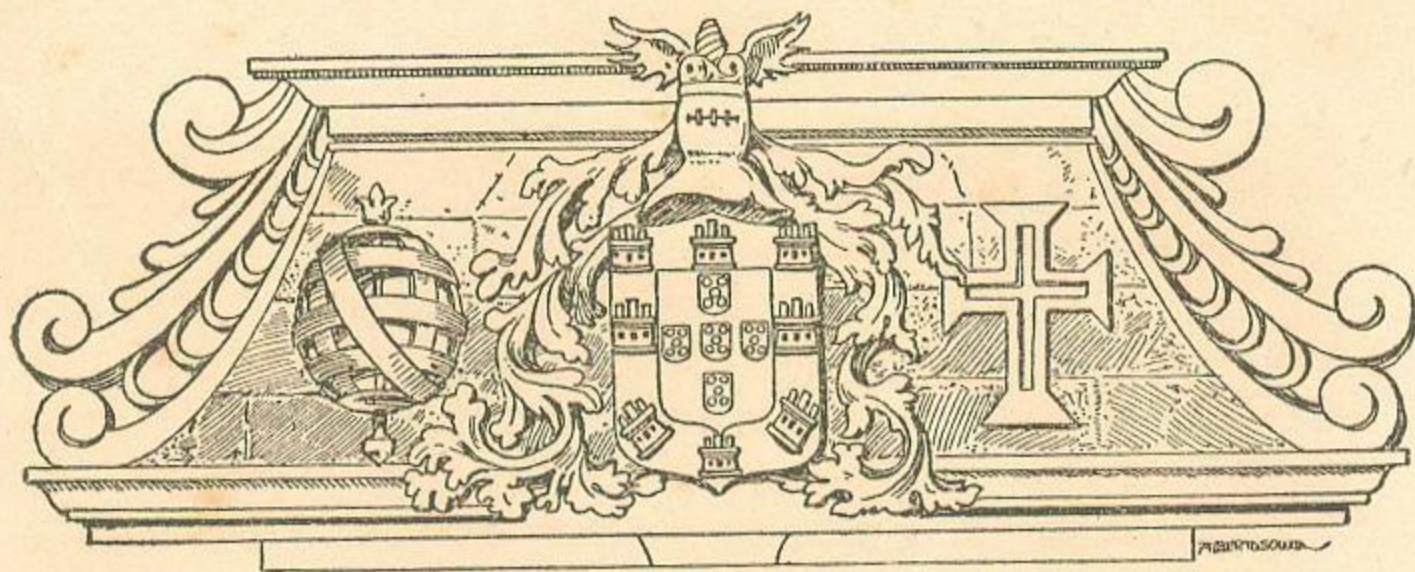
(1) Revia as provas do presente artigo, quando um estúpido atentado encheu Portugal de luto e de pejo. O odioso crime traz uma confirmação crudelíssima às palavras do texto. É mais uma expansão das fôrças tenebrosas, às quais a influência dissolvente do germanismo tentou dar aparência jurídica. Para as jugular entre nós, procedamos à extirpação imediata das células mórbidas, onde quer que se acuse a gangrena. É uma obra de saneamento que se impõe, a par da obra retributiva de justiça. Só assim se poderá realizar o voto supremo que, com os últimos alentos de vida, formularam os lábios do nobre Presidente assassinado, heróica personificação da grandeza cívica: «Salvem a Pátria».

seu sangue, em cuja altiva personalidade se revê com enlêvo o seu coração materno: o Brasil!

E, ao transpôr com êles o ádito da nova era, ao curvar a fronte sôb as águas lustrais da nova seita, ao encetar a jornada ascensional do Futuro, a República Portuguesa mostrar-se-há digna da obra da paz, mais árdua, no dizer de Clémenceau, do que a obra da guerra. Basta que as suas energias, soberbamente manifestadas nos campos de batalha, se apliquem à valorização das suas riquezas, e não se desperdicem em conflitos intestinos, esterilizadores e deletérios. Basta que todos os egoísmos partidários transijam para o equilíbrio social, não consentindo predomínio de castas, nem da sacerdotal ou da aristocrática em que se estribou o passado, nem da militar que nos queria manietar o presente, nem da mercantil que nos acabrunha sem tréguas, nem da operária que nos ameaça o futuro. Que todas as signas facciosas desbotem para dar lustre à bandeira imortal da pátria. Só assim, livre, expurgado, robustecido, Portugal apresentará como seu diploma de entrada na Liga das Nações o lema de um dos mais ínclitos entre os seus ínclitos filhos:

TALANT DE BIEN FAIRE!

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



Os nossos soldados e a vitória

UMA CARTA DE AUGUSTO CASIMIRO

Por especial deferência de Leonardo Coimbra, pudemos publicar aqui estas entusiásticas e nobres palavras de Augusto Casimiro, poeta e soldado do C. E. P.

Bélgica, 11 de novembro.

Meu caro Amigo:

Pela fôrça da nossa fé, através de tudo, por amor de Deus e da nossa Pátria, conseguimos, os infantes de Portugal, entrar na grande romagem da Vitória. O meu batalhão fazia parte das guardas avançadas no dia do armistício.



Foi o único que teve essa sorte a-pesar-de haver outros que a mereciam também.

E eu estava lá.

As flores da Bélgica adornam os nossos peitos e as nossas espingardas.

A Vitória de Deus chegou, como nós sabíamos e esperavamos desde o primeiro dia.

E, a-pesar-de tudo, Portugal comunga no grande banquete admirável e eterno.

.....
Augusto Casimiro.

Sôbre a guerra mundial

Chegou a Vitória!

Uma grande primavera de alma vai pelo mundo além e nós, que desde o primeiro instante afirmamos a vitória, porque ela era de Deus, sentimos novos canteiros floridos em nosso jardim espiritual. Em 1914, quando a França mudava a sua capital, escreviamos para um jornal de província: « a França vencerá por que do seu coração ideal saem as fôrças religiosas, indefectíveis e eternas... »

Interrogados sôbre a guerra, em outubro de 1915, por um ilustre escritor francês, escreviamos para a revista « La Vie »: « Je vous écris du fond d'un très doux village portugais, mon pays natal, les yeux tournés vers la belle France, *le cœur religieusement certain de sa victoire...* » E, depois de definir o valor da França no significado cósmico da existência, terminava: « A l'abri de votre grande chanson d'Amour, l'ennemi aiguissait ses griffes.

Le dernier couplet vous a laissé aux lèvres une invincible fermeté.

Vous combattez les lèvres serrées, l'âme illuminée par votre passé et toute brûlante d'énergies renouvelées.

Vous êtes beaux dans toute la force du terme.

La meilleure part de mon âme, celle où demeure la responsabilité métaphysique que nous sentons vivre en nous quand, les yeux sur les astres, nous nous figurons être des parcelles conscientes de l'Univers, la meilleure part de mon âme vous donne humblement son baiser ».

No meio do mais impetuoso dilúvio da cólera germânica, no

princípio do assalto a Verdun, tendo nas mãos o nosso livro «A Alegria, a Dôr e a Graça», escreviamos, entre dezenas de afirmações da vitória, esta frase para meditar: «a derrota da Alemanha é, numa boa parte, feita da dôr dos belgas».

Em 1916 em um número único sôbre a guerra, da revista portuense «A Águia», escreviamos um estudo chamado «O Sentido da Guerra», onde definíamos o conflito do espírito amoroso e criador com a matéria bruta e escrava e mostrávamos qual a única atitude possível e digna de Portugal no grande Conflito.

Na revista «Atlantida» escrevemos sôbre «A insubsistência dos valores germânicos» palavras, que, nêste momento, são sangrentas realidades floridas.

Algumas conferências fizemos, entre as quais ficou célebre a última de há 5 mezes sôbre o significado espiritual da guerra como experiência moral preparatória de novas sínteses religiosas e sociais, dum novo Direito humano. Eis os pergaminhos da minha fidalguia, bem necessários nêste momento em que toda a estupidez e covardia humanas, abrem olhos espantados diante da magnífica realidade, que no fundo da minha alma brilhou, serena e firme, desde a primeira hora.

Quero o direito à minha Alegria, para que o riso seja exultante flôr de vida e não simples ruído de loucura. E, porque o germanofilismo só desapareceu dos lábios, mas ainda vive em muitos pensamentos, quero as minhas palavras a abrirem a essência da sua religiosa verdade.

O germanismo foi uma idolatria. A idolatria é uma conversão em ideal consciente dos *elementares e inqualificados* movimentos da sensibilidade, que acompanham a *informação* aristotélica da quantidade.

A quantidade é metafisicamente a indeterminação, a simples possibilidade de ser.

A mais simples *informação* da quantidade é feita pela *relação*, que dá o número, e já então se atinge a realidade pitagórica, que, subindo de relação em relação, irá até à consciência, única imagem da realidade última, que possa dar verdadeiras emoções religiosas, atravessadas de dinamismo moral, pairando livre sôbre todas as idolatrias.

Se pela minha sensibilidade me limito a fazer um movimento de apreensão dum grande volume, como a Montanha ou o Mar, serei um simples idólatra.

Se, nêsse movimento, eu repito o abraço da gravidade que sustenta a Montanha e o prolongo no grande abraço sideral que lhe perturba os cumes ou arremessa as ondas à cara amortecida da lua, eu comungo a magestosa Unidade, que da harmonia das esferas me ergue e exalta até à grande harmonia das almas.

Ora os movimentos idólatras da sensibilidade são os mais fáceis, êles, por ventura, impulsionam a seiva que a mão da primavera acorda nos troncos das árvores, êles sibilam nos grandes êstos amorosos dos animais, êles arrebatam o homem nos amores da fatalidade que a alma não quere, mas a que se submete, escrava e mísera.

Êles dão a grande absorção panteísta, os monismos desérticos e aniquiladores, porque onde falta a *relação*, alma da razão dinâmica, surge um abstracto absolutismo de raça, de espécie ou de classe.

Tanto assim que o germanismo se fez pangermanismo, a invasão monista tentando apagar as máscaras vivas, que, no Universo, são a diversidade para que só a mutuação e o amor abracem e unifiquem.

Uma grande onda diabólica cobriu o planeta, Satanaz assimilando, querendo-se uno e absoluto; mas, como depois de certas chuvas as formas ressaltam mais nítidas e preciosas, o mundo brilha hoje de religiosos olhos humedecidos de gratidão e louvor.

Satanaz há de aquietar-se, reduzido ao seu modesto papel de transitório acicate duma evolução, de revelador da tenuidade das relações do amor que a Vida foi atando e de que, por vezes, se esqueceria.

Semblantes violentamente mutilados ou escondidos regressam à vida e a reconstituição social do planeta terá de fazer-se dando amoroso espaço social a todos os povos e pátrias sôb pena de os aliados não terem integralmente triunfado do sectarismo germânico.

É essa obra que todos devem tentar, fazendo-se livres em suas almas, mas de verdadeira liberdade, que consiste em procurar com os outros as leais relações duma fraternidade universalista.

Contra a idolatria e pela incessante espiritualização da vida!

Dezembro de 1918.

LEONARDO COIMBRA.



Os 263 dias de uma ambulância

SUBSÍDIOS LIGEIROS PARA A HISTÓRIA DO C. E. P.

O QUE NOS DISSE O SR. DR. CASTRO CALDAS,
CAPITÃO-MÉDICO

- Em Vieille-Chapelle?
- Em Vieille-Chapelle.
- Quanto tempo?
- Dez meses. Desde 19 de Junho de 1917 a 9 de Março de 1918, — 263 dias certos...

... A história do C. E. P. há de conter, certamente páginas sombrias, anotações dolorosas, dados desagradáveis e amargos. Não há crónica de guerra que as não tenha. Mas ela há de ter também, para renome dos que transitaram com toda a dignidade êsse calvário épico da Flandres, curtindo na névoa e na lama dessa terra de exílio heróico saúdades fundas e sacrifícios, páginas fulgurantes, narrativas de uma belesa dramática empolgadora e até, nas entrelinhas dos seus feitos, sublinhando-os de humano interêsse, lance de um curioso pitoresco. Num momento de desânimo, cheia a alma de uma sensação álgida de abandono, um soldado deixa escapar êste desabafo que vale, pela intuição desmesurada da verdade, todo um libelo cerzido de factos implacá-

veis: *Meu alferes: esta guerra não é com Portugal, é só com o C. E. P.* Mais do que as *schrapnells* do inimigo, que, ali de frente, a dezenas de metros, é uma incógnita sôb a terra, ensombra o coração da nossa gente a visão dolente de uma paisagem de árvores e de almas que está longe daquele nevoeiro fino e húmido, enregelante e desesperador, que todos põe a tiritar dentro dos capotes... Portugal! Portugal! E na soledade das linhas, na terra rasa que a metralha varre volta e meia e, de quando em vez, num frenesi rábido e demente, é a saúdade do torrão natal o que mais o oprime e da nascente profunda do seu sentimento incomparável faz subir aos olhos as mais doces lágrimas dêste mundo. Nunca me poderá esquecer o que há um ano, por um fim da tarde, de outubro, dorido e calmo, meus olhos puderam ver e para todo o sempre guardo no relicário das minhas mais delicadas emoções. Foi em Neuve-Chapelle. Eu quizera ver uma bateria do campo. Pude vê-la. Se é inolvidável para mim a atitude dêsses soldados que fui encontrar, hirtos e calados em enderredor da peça, sôb a abóbada de cimento do seu abrigo, — como exprimir o timbre da voz com que um nos disse que dêssemos saúdades dêles a Portugal?

... A história do C. E. P., há de conter, certamente, quando se fizer, páginas sombrias, anotações dolorosas, dados desagradáveis e amargos. Não há crónica de guerra que os não tenha. Mas ela há de ter também, para renome dos que transitaram com toda a dignidade êsse Calvário épico da Flandres, curtindo na névoa e na lama dessa terra de exílio heróico saúdades fundas e sacrifícios, páginas fulgurantes, narrativas de uma belesa dramática empolgadora, e até, nas entrelinhas dos seus feitos, sublinhando-os de humano interêsse, lances de um curioso pitoresco.

O que vai a seguir é, simplesmente, a história dos 263 dias de uma ambulância. História singela, notas modestas arrancadas ao *carnet* íntimo de um obscuro cumpridor do seu dever...

* * *

— Foi em 19 de Junho de 1917, como disse, que a Amb. 3 iniciou os seus trabalhos, na frente de batalha, tomando a seu cargo os serviços e instalações que lhe foram deixados por uma

análoga formação inglesa. Esse local de estacionamento, comportando acomodações para todos os serviços, permitia — devo reconhecê-lo — uma fácil ligação e execução de todos êles e a sua permanente vigilância. Todos os edifícios e dependências estavam agrupados num espaço restrito. Uma hospitalização razoável não era, pois, difícil, tanto mais que a distância mínima que nos separava das trincheiras era de uma légua. Socôgo? Sim, houve. Quando para lá foi a ambulância, a cuja chefia interina fui chamado por circunstâncias meramente fortuitas, havia quasi três anos que aquela região parecia inacessível à metralha inimiga. A povoação estava, quasi se pode dizer, intacta. Os únicos vestígios que nos seus edifícios, incluindo os da ambulância, se notavam, datavam do começo da guerra... A população civil regressára há muito aos seus lares. O comércio restabelecera-se. Os trabalhos agrícolas proseguiram. Tudo corria com tão aparente segurança que, a breve trecho, o pessoal da ambulância habituou-se-lhe, não o incomodando o ruído distante do canhão e tratando exclusivamente de tornar o mais proveitosa possível a sua acção de socorro...

— Foi grande o movimento na ambulância?

— A média da hospitalização diária orçou por dois têrços da lotação normal, nos períodos de maior calma, e foi limitada a um têrço quando se suspeitava de algum movimento. Muito mais elevada foi a totalidade das praças que se apresentaram na Ambulância, munidas de baixa. Mas em virtude de ter sido cuidadosamente organizada a sua triagem no momento da admissão, muitas houve que não chegaram a dar entrada nas enfermarias por se considerar suficiente, para seu tratamento, um certo repouso, ou até desarrazoada sua vinda. Essa selecção, que a princípio era feita por cada um dos médicos escalados para serviços de dia, ficou depois confiada a um só clínico para que adquirisse a maior uniformidade de critério: o tenente-médico Raul Henriques... Quere números? Olhe: durante os duzentos e sessenta e três dias de estacionamento em Vieille-Chapelle passaram por lá 5.140 feridos e doentes, entre os quais 23 estrangeiros, — o que representa uma média diária de dezanove baixas...

— Tendo visitado umas três ambulâncias inglesas colhi a impressão de que êstes organismos limitados a funções muito

restritas, pelo menos sôb o ponto de vista da terapêutica cirúrgica, não só constituíam uma inutilidade como até, em muitas circunstâncias, poderiam ser prejudiciais, visto sujeitarem os doentes a uma improfíqua paragem. Muitas vezes assisti à tiragem de feridos dos veículos de transporte para, no posto de socorros da ambulância, lhe tirarem e repõem o penso, fazendo-o seguir, depois, para a retaguarda. Outra estava sendo, pelo que de leitura conhecíamos, o papel das ambulâncias francesas e outra nos pareceu que poderia e deveria ser a nossa função. E foi. Entrevia-se, já então, a moderna concepção da origem tóxica do síndrome e a consequente indicação da urgência do tratamento cirúrgico. A instalação de um posto de socorro cirúrgico não se nos afigurava, porém, fácil na área do nosso sector. A estreiteza dos recursos materiais de que dispunha a nossa engenharia e as próprias condições particulares do terreno não no-lo permitiriam. Que fazer? Solicitámos. Reclamámos. A pouco mais do que à cedência de um autoclave e de alguns leitos se reduziam as nossas reclamações. Só em 2 de agosto elas foram atendidas, subcrevendo eu o recibo de entrega do autoclave pertencente à C. H. 2. Entretanto, deitando mãos à obra, improvisou-se tudo que de improvisação era susceptível. O mobiliário foi todo feito com materiais de refugo que para lá tínhamos. Não ficou um primôr de estilisação, — mas, emfim, serviu. Regressado à formação o tenente-médico Vasco Palmeirim, a quem eu, devidamente autorizado, cedera a vez de estagiar junto de uma C. C. S. inglesa, iniciou-se o movimento cirúrgico da ambulância. Foram operados 311 indivíduos, aos quais correspondem 436 operações, sem esmiuçar as operações efectuadas a todos os ferimentos sujeitos a tratamento operatório, isto é: tomando apenas em conta as lesões em diferentes segmentos do corpo.

— E os curativos?...

— Eram em geral feitos pelos clínicos. Nos operados, quasi sempre pelo operador. Só excepcionalmente, e em casos de pouca monta, se transmitiu êsse encargo aos enfermeiros mais experimentados, mas sôb a vigilância do médico.

*
*
*

— Foi em março que a ambulância retirou de Vieille-Chapelle, não disse?

— Exactamente. Desde os primeiros dias de Fevereiro que

duelos de artilharia se iam intensificando, tornando-se mais frequentes e mais retumbantes as explosões, que, embora ainda distantes, começaram a constituir um motivo da intranquilidade para os feridos e doentes, bem pouco favorável para o tratamento. Fôsse pelo que fôsse, como aviso do inimigo ou por dano propósito, o que é certo é que às 11 horas de 3 de Fevereiro foi a povoação bombardeada com seis granadas de 15, indo uma delas explodir a uns vinte metros da entrada da ambulância. Este incidente devia ter-nos servido de advertência. Não foi. Continuámos no mesmo local. A partir de 2 de Março a luta de artilharia tornou-se mais violenta e persistente. Eram os primeiros rumores da ofensiva em preparação... De tal modo o troar do canhão excitava os feridos que o tratamento cirúrgico teve de ser restringido e a hospitalização consideravelmente limitada. Às 4 horas de 9 de Março foi iniciada a preparação de artilharia para um *raid* de infantaria 21. Até às 8,30 aguardámos, todos a postos, a chegada dos primeiros feridos. Por sinal que, entre os primeiros, veio o actual capitão Gonzaga, que apresentava uma ferida penetrante no torax, uma praça do 21, umas feridas múltiplas e extensas nas duas côxas, e um prisioneiro alemão com uma ferida penetrante do abdomen por bala de pistola. Todos estes foram operados, seguindo logo, os outros, de menor urgência, evacuados para a retaguarda... Mas, adiante. Às 13 horas, recomeçou o bombardeamento. Uma granada entra no edifício da *messe* onde, em momentâneo repouso, estávamos almoçando. Partimos imediatamente para a Ambulância.

A meio caminho chega-nos a notícia de que um estilhaço tinha perfurado uma *Nissen*, matando o único doente que ali estava hospitalizado. Duas balas de *shrapnell* penetram ainda na enfermaria de operações onde estava já desperto do sono anestésico o alferes Gonzaga. É ele que serena os outros doentes dirigindo-lhes palavras animadoras. Por toda a parte, em redor da Ambulância e nos seus edifícios mesmo, vestígios de estilhaços. Decido mandar evacuar todos os feridos, à excepção do alferes Gonzaga e do prisioneiro alemão, em vista da gravidade dos seus ferimentos. Cêrca das 16 horas recebemos a visita dos chefes do S. S. do C. E. P. e da 1.^a divisão, que, inteirados do que ocorrera, partem em procura de um local para onde pudesse ser transferido o nosso estacionamento. Às 17 horas, tendo já a população civil abandonado a povoação, recomeçou o bom-

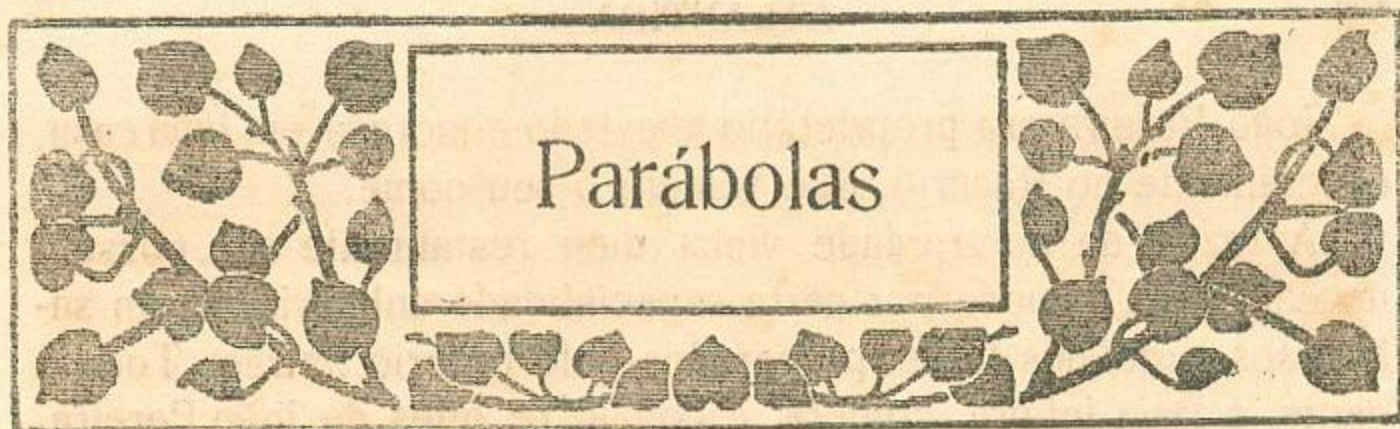
bardeamento, incidindo primeiro para o extremo norte da aldeia e depois para o lado da Ambulância, então com granadas de maior calibre. A nossa situação torna-se, na verdade, emocionante. Ao nosso lado, no cemitério, as granadas cáem volta e meia e o crepitar da metralha é incessante. Chegam feridos. Pela noite fora, o bombardeamento persiste. Os dois feridos estão num sobressalto aflitos. O alferes Gonzaga é agora quem nos pede que o retirem dali. Que fazer? Há prós e contras. Hesito. Por fim, decido-me pela evacuação dada a iminência do edifício ser atingido em cheio pelo fogo *boche*. Colocados cuidadosamente em macas, os feridos são, com as máximas precauções, levados ao auto-ambulância. Às 23,30, acompanhados por um enfermeiro, as viaturas partiam cautelosamente em direcção ao H. S. 1. Entretanto, o bombardeamento recrudesca. Quem poderia tomar a responsabilidade de conservar ali qualquer ferido? Os que chegam passam a ser apenas visitados no interior das viaturas, à luz de lâmpadas eléctricas, — e seguem, para a retaguarda. Chegámos às 2,30, dia 10. O pessoal conserva-se no seu posto. Ninguém falta. Resolvo fazer uma participação ao chefe do S.S. da 1.^a divisão. Encarrego de a levar o dr. Cabedo, que para êsse fim segue numa das auto-ambulâncias. Uma hora depois regressava trazendo ordem para nos retirarmos para o estacionamento da ambulância n.º 7. Às 4 horas parte o grôso da formação, às 4,30 o restante, tendo partido oficiais e praças conforme a ordem por mim estabelecida, pois todos desejavam acompanhar-me. Depois de ter assegurado a guarda do material, para o que escolhi um sargento e duas praças, — que ali ficaram — parti também acompanhado pelo médico de dia, que era Vasco Palmeirim, e pelo capelão da ambulância, o rev. Manuel de Souza. Findou assim, nêsse romper da manhã, a função da Ambulância 3 em Vieille-Chapelle...

— Em Vieille-Chapelle?

— Sim, em Vieille-Chapelle. Porque no dia 22 de março, depois de um trabalho insano, a ambulância 3 começou de novo a receber doentes no seu novo estacionamento em Tombe Vèllet...



B. E M.



O BELO SEXO

É o nosso. A vaidade dos machos é a mais sensível da natureza. Penas de galo, galhas de veado, jубas de leão. . . não correspondem à modéstia de traço das galinhas, corças ou leoas. Os homens primitivos, bárbaros de África ou da Oceânia, fazem o mesmo ; os nossos aborígenes furavam lábios, orelhas, nariz, nos quais introduziam adornos, e enfeitavam-se de plumas, colares, pingentes, que recusavam às mulheres.

Disto se infere que é conquista da civilização sôbre a própria natureza ter mudado os valores e dado às nossas companheiras o primado da vaidade, na garridice com que encarecem os seus dons naturais. É exacto que há a indumentária religiosa, os fardamentos militares, os uniformes académicos e diplomáticos. . .

Bem apurado, será talvez difícil saber qual dos dois é o belo sexo : o tolo, sabe-se, com certeza.

DESEJO E FASTIO

Uma das belas ruas de Baía, o Pôrto do Brasil, era a do Rosário. Chamava-se, no meu tempo, Rosário de João Pereira, naturalmente para se distinguir de outro Rosário, que não era de João Pereira. Quem seria, porém, êsse varão cujo nome servia para distinguir uma rua ?

Indagou minha curiosidade e soube-o, com uma anedota capaz de proveito.

João Pereira era proprietário abastado e morava em bela casa, exactamente no Rosário, que tomara o seu nome.

A razão da notoriedade vinha dum restaurante que possuía no comércio, famoso por certa especialidade culinária. Eram saborosos pequenos bifés, preparados pelo próprio patrão. Toda a gente, a Baía inteira, comera, e comia, os bifés de João Pereira.

O plural, entretanto, é um tanto inverídico, porque a ninguém, sem excepção, era permitido comer mais de um bife por dia. Regra da casa, que nenhuma solicitação, dinheiro, zanga, favor, conseguiu jamais demover. Na minuta do restaurante havia outros acepipes com que podia o cliente satisfazer a sua fome: o bife, delicioso, bem pequeno, só um por dia.

Questionado sobre esse capricho, ilógico para negociante, João Pereira respondia: — É porque pretendo conservar a sua freguesia, que poupo o seu apetite, evitando-lhe o enjôo, dando-lhe até mais vontade. Tê-lo hei amanhã aqui, e por muito tempo, sempre desejoso, talvez reconhecido, nunca repleto e saciado... Cuido do meu interêsse, não favorecendo o seu fastio.

Era um artista o João Pereira, pois que fazia obras primas de «bom gosto», mas também, principalmente, fino psicólogo: no seu proveito, que vinha a ser o proveito dos outros, despertava o desejo, para não o satisfazer nunca. Achara, no seu tanto, a fórmula da felicidade. Tivessem todos um João Pereira, intendente íntimo dos seus prazeres, que lhes impedisse o tédio da fartura!... E ainda haveriam, a menos, e de lucro, a inveja dos que só têm apetite...

Ao acaso das ideas associadas contava essa história a um amigo, no momento aborrecido, sorumbático, senão mal humorado. Quando me levantei para acender um cigarro, ouvi que sua jovem esposa se inclinava ao ouvido dêle e lhe dizia em tom brejeiro:

— Comeste hoje bifés, demais... Agora, hei de fazer como o João Pereira.

IRONIA A CIVILIZADOS

A sciência dos homens — não fôra dêles! — é inclemente. Sobre os bichos ensaia, sem pena, todas as maldades e torturas que chamam experiências. Descobriram que a tal preço nos podem dar ensino, senão utilidades de remédio. E não se conten-

tam com os bichos de casa, ou do país : nos confins do mundo uma pobre alimária não está segura que um sábio em Munich ou Oxford não o reclame para o sacrifício.

Destina o Instituto Pasteur, de Paris, parte considerável dos seus proventos a aquisição de macacos, grandes macacos antropóides, os nossos parentes mais chegados, para ver como se comportam à avaria. Do fundo das Índias ou das florestas africanas chegam pobres orangos e gibons, comprados à razão de milhares de francos, tanto morrem em caminho, por mudança de clima e de hábitos, que os sobreviventes valem êsse preço.

Visitei no biotério do Instituto a gaiola dos macacos, que me mostrava um serviçal, calçado de botas e de luvas de coiro, para não ser atingido pelos dentes ou garras contaminados dos bichos. Vi neles inoculada toda a miséria humana dos hospitais. . . Nem o fim longínquo a conseguir, seguindo a intenção, me disfarçou da comovida piedade por essas inocentes vítimas da curiosidade humana.

Num canto da jaula pararam os meus olhos numa bola de bichos. . . Que era aquilo? O servente explicou, sem admiração, tanto estava acostumado a ver: aquilo era um casal de macacos, abraçados um no outro, reclinadas as cabeças nos ombros, estreitados numa imutável posição que nem a fadiga desatava. Vieram assim, chegaram assim; à fôrça se os separava, dava-se-lhes comida, e, mal deixados a si, os dois bichos abraçavam-se de novo, continuando a mútua fidelidade, consolando a recíproca miséria, talvez a saúde e a nostalgia das florestas natais, com a carinhosa presença amada. . .

Como parecesse achar extraordinário, o serviçal os separou, não sem grunhidos e ameaças. Deixados a si lá voltavam êles à sua posição de repouso, dormitando um nos braços do outro, presos no seu contínuo amplexo, apenas interrompido à fôrça da maldade humana.

Tentei, olhando para êles, através dos seus olhos baços, da sua testa sem horizonte, das suas monstruosas formas veludas, através dêsse caos do instinto animal, descobrir o sentimento que os atava em um nó, fundindo duas misérias num consôlo. . . mas não consegui nada. Irresistivelmente, porêm, com essa renitente tendência que tem o homem de referir a si tudo o que sente, pensei que êsses macacos deviam parecer absurdos e ridículos a êsses outros bichos que os contemplavam. Ironia talvez fôsse, a dêles, a êsses parisienses, os mais civilizados dos homens. . .

QUEM É QUE SABE?

No magnífico livro que é a *Vida do Duque de Palmela* pretende D. Maria Amália Vaz de Carvalho que as expansões exageradas de amizade de Madame de Staël sejam confissões de amor, e mais, que o Oswald, de *Corina*, seja, ou tenha sido, o político português.

Opõe-se D. Cláudia de Campos noutra formosa obra, de eloquente polémica, *A Baronesa de Staël e o Duque de Palmela*. Aí não sómente se prova que o fraco, indeciso, misterioso e enigmático lord Nelvil não podia ter sido D. Pedro de Sousa e Holstein, como que o modelo foi Benjamin Constant, amante sabido e confessado da Corina real (que aliás no *Adolfo* a retratou, retratando-se também), com êste ou aquele traço que lhe aprouve acrescentar à fantasia de autora; aí se põe ainda em dúvida a própria realidade dos amores da madura escritora e do jovem diplomata.

Muito bem. O que entretanto parece discordância é que a mesma D. Cláudia de Campos se compraz em narrar todas as muitas aventuras de Germana Necker Staël, com o Conde de Narbonne, Sismondi, Benjamin Constant, Wilhelm Schlegel, Albert de Rocca, além das tentações a Camilo Jordan, a Vincenzo Monti, a D. Pedro de Sousa e Holstein. . . O Duque de Palmela não teria sequer vanglória das primícias.

Madame de Staël não mereceu certamente o elogio de virtuosa, nesse sentido; é ler, porém, com o significado actual e portanto com malícia injusta, todas aquelas expansões da amizade, tão exageradas na moda e no carácter do tempo. . . Não esquecer que o romantismo, que deu o escândalo de todos os arroubos, é filho de Jean Jacques Rousseau e dessa Madame de Staël. Adalberto Chamisso, que conviveu na côrte de Corina, parece ter visto justo, quando observou que «a amizade aí era mais ciosa, do que o amor». Era, pois, amizade, apenas, a tal paixão desordenada.

Não se compreenderia outra cousa. Conta Sainte-Beuve que certa fidalga italiana, de muitas graças, conseguira, no outono da vida, reünir agradavelmente em tórno da sua mesa numerosos dos seus amigos, amigos uns dos outros. Um mais desabusado, que entrara por último, passando-os em revista, olhou para ela maliciosamente, e perguntou: — *Tutti?* A que respondeu, com

delicada indecência:—*Tutti* . . . Fazer dos amantes amigos, amigos dos rivais, tinha sido a sua maior graça. Pode ser raro, mas se compreende; a simultaneidade de paixões que D. Cláudia de Campos atribui a Madame de Staël, sôbre não ser natural, seria torpe. Pelo menos custa a crer que homens, e homens superiores, o tolerassem, e o tolerassem a uma mulher passada na idade e, de sobra, bastante feia. O génio e a riqueza não lhe chegariam para tanto. A idea de comparar a côrte de Staël a um serralho, do qual seria a sultana . . . é uma perversidade, bem de mulher. Os homens, ainda quando o façam, nunca chegam a pensar tanto.

Entretanto, se, em vez do amor, botarmos a concorrência e as expansões da amizade, tudo se concilia. O coração, como os templos, se tem apenas um altar-mor, onde o amor oficia, tem muitos outros menores, deputados pela amizade, que não é exclusiva. Nos textos inflamados de Madame de Staël nada se opõe a esta interpretação. Aliás a malícia me obriga, para não ser crédulo, a citar o velho dito dessas ocasiões, e uma anedota pessoal que tem o seu sabor.

O dito é aquele da Marquesa de Lassay a seu marido, muito afirmativo da pureza de Madame de Maintenon, acusada de descaídas:—*Comment faites-vous, mon ami, pour être si sûr, de ces choses-là ?*

A anedota ocorreu-me em Vichy, certo dia em que entrava numa venda de tabaco, para comprar um jornal. Estava no seu tamborete, de caixeira, uma fresca rapariga, a quem por falta de moeda miúda paguei com uma grande, de prata, que se insinuara debaixo da balança. Ficámos, um instante, ela à espera dos seus soldos, e eu do meu trôco. Dei com o equívoco e mostrei-lhe o dinheiro, dizendo, meio atrapalhado:—*Voilà, madame . . . Pardon . . . mademoiselle! . . .*

Atentou a menina no comêço da frase, no tardio reparo a uma qualificação para a qual não tinha eu elementos, e aludindo a êle, não me deixou também sem o trôco imediato do espírito:—*Qu'en savez-vous ?*

Quem sabe, de facto, quem pode dizer certamente, dessas cousas? A malícia presume demais, de menos a boa fé; ninguém justamente. Na dúvida abstenhamo-nos de ter vista curta, o que é ridículo, ou de ser linguareiro, o que é mau, e, pior do que isso, — bem vulgar.

AS AMAZONAS

(Traslado livre à margem duma página de Heródoto «Melpomene», cx a cxvi).

Amazonas do Thermodon ou da Scythia são as mesmas mulheres, quasi viragos, quasi castas, independentes, ousadas, cruéis, símbolos vivos do sexo inimigo, hoje capturado e submisso, cada vez porêm mais rebelde e talvez dominador, sobre a natureza inteira que expolia para se enfeitar, principalmente sobre o homem, sua vítima de predilecção, empregado no mundo apenas ao seu serviço.

Combatidas pelos Gregos, que amavam as mulheres conquistadas à fôrça, foram as Amazonas de Thermodon constrangidas a prisioneiras, e três naves as transportavam para longe das suas terras, quando, primeiro e fatal descuido dos vencedores armou, pela astúcia branda de mulheres, o braço das vencidas, que os subjugaram em boa hora, e, depois de torturas, lhes deram morte e túmulo no oceano. Livres, mas ignorantes da arte de navegação, erraram com as naus ao capricho dos ventos e mares, até que foram levados a Cremnes, na Meotida, terra dos Scythas. Desembarcadas, andaram à procura de rebanhos de cavalos e, depois, sobre êstes, da vida de aventuras, morticínio, pilhagem, aprazível ao seu natural.

Eram formoso esquadrão, de ágeis e dextros cavaleiros, todos moços, como homens imberbes e de encantadora presença, que teriam de enfrentar as aguerridas tropas dos Scythas. Das que morreram no sangüinolento combate vieram êles colher, tomados de surprêsa, o segrêdo dum milagre. Êsses jovens heróis eram apenas mulheres, que estavam habituados a vencer em prêlios menos violentos! A jactância de homens, senão a malícia, arma favorita dos sexos, inspirou-lhes então outra estratégia. Mulheres, fôssem até Amazonas, deviam ser vencidas com brandura.

Chamaram a postos, não a proectos capitães, encanecidos na experiência da guerra, mas aos rapazes mais bem parecidos, tantos por tantas que calcularam, e lhes passaram ordem de as seguirem, por onde fôssem, sem agravo. Se lhes opusessem bravura a bom trato, agressão a bom intento, fugissem sem combate, mas, passada a refrega, tornassem para junto delas, sempre vizinhos do acampamento inimigo. Conheciam os velhos Scythas, autores dêsse plano de campanha, a boa tática.

Assim foi. Compreenderam finalmente, e se não de antes, começaram as terríveis guerreiras a sentir, que outra guerra, com outras efusões, queriam êsses amáveis adversários. Com o entendimento das disposições pacíficas os acampamentos se foram aproximando, até se reünirem, e uns e outros, em emprêsas comuns, em cavalgadas indistintas, marcharem todos para o esforço ou a peleja solidária.

Não se atreviam, porém, diante de todos, a chegar ao que bem queriam. Notaram entretanto os jovens Scythas que suas companheiras tomavam repouso ao meio dia, na hora mais encalmada, e uma a uma, aos pares ou pequenos grupos, procuravam recantos, de gruta, ribeiro ou ramagens, onde logravam descanso, em propícia solidão. Dêles, um mais atrevido, que a fortuna queria ajudar, seguiu a sua preferida, de longe, dissimuladamente, até que, à distância, e a sós, se lhe fez contradicho. Realizou-se o que os velhos Scythas previram: o que o orgulho colectivo das Amazonas não consentia, permitiu a sensibilidade de mulher moça, presa mimosa de rapaz amável e amoroso. Como Hércules, que desatara outrora o cinto duma das suas rainhas, êste Scytha, depois do mesmo gesto desejado, foi nos braços de sua amazona inimiga um homem feliz.

Ignoravam a linguagem um do outro, mas a língua do amor é comum e êles se entenderam que era dado prazo para o dia seguinte, no mesmo refúgio, e mais, que cada qual devia trazer um companheiro. Ao outro meio-dia, na hora mais encalmada, foram dois os pares felizes. Correu a notícia, a meia voz, que é próprio do amor não ter resguardo e falar baixo, de modo que um a uma, dois a duas, todas as Amazonas e todos os Scythas tiveram ameno emprêgo nas suas sextas, quando o sol a pino fazia outros trabalhos mais ingratos. Por fim, o segrêdo de cada par, de todos os pares, se revelou na publicidade que a civilização, sem decôro, chama casamento: o amor confessado.

Pois que se começaram a dar-se a êles deram-se completamente. Primeiro o pudor, depois submissão ao hábito, acôrdo, concordância, desejo de agradar, agrado em se submeter. Aprenderam a linguagem dêles, para a convivência da alma. Para a do coração suportaram a maternidade, cedendo na obediência doméstica o melhor da altiva e nómade independência. Não reservaram nada; tudo lhes sacrificaram.

Aos maridos que as queriam conduzir a sua terra, dêles, mis-

turar-se ao seu povo, objectaram a diferença que havia entre elas e as mulheres Scythas e a condição diversa, portanto inferior, em que iriam ficar aos olhos de todos e até daqueles a quem tinham dado tudo. Se correspondiam a êsse amor tornassem a sua terra, se despedissem dos seus, trouxessem a parte que lhes cabia nas alfaias e jóias, utensílios e haveres, e então definitivamente estabelecidos constituíssem o seu povo.

Assim cumpriram: como estavam presos a elas pelos laços do amor e do sangue, desataram os outros menos fortes, e aos pais, aos parentes, aos sítios da infância, à pátria, disseram adeus para sempre, não sem profundo pesar, mas na esperança maior de novo lar, com a espôsa e os filhos, na pátria nova que vinham fundar.

Quando chegaram, as espôsas jubilosas os receberam, para alcançarem outro sacrifício: aquela terra havia sido teatro das suas tropelias e depredações, quando guerreiras salteadoras; agora domésticas e inermes pagariam no futuro com seus filhos as certas represálias do inimigo. Fizessem mais ainda por elas, atravessassem o Tanaida, caminhassem alguns dias para o norte da Meotida e achariam o sossêgo, em terra que elas conheciam.

Custou-lhes abandonar a região dos seus antepassados, terra onde nasceram, se criaram, viveram conformados à mesma natureza, de que eram o reflexo, mas por elas, pelos seus filhos delas, fariam ainda mais. Chegados a terra estranha aí se estabeleceram com os seus, e a alegria, sem desconfiança e temor, foi a recompensa dêsse povo feliz.

Certa manhã, porém, sem que nada o anunciasse na previsão, havia no acampamento das Amazonas uma exaltação de júbilo, de que só as mulheres participavam: entre os seus braços, na calada da noite, desamparados no sono, todos os Scythas acharam a morte. . . . Nos seus leitos inocentes todos os seus filhos varões tinham padecido a mesma sentença. . . .

Readquiriam as Amazonas a sua feroz independência. Teriam sim, de futuro, conhecimento de outros homens, mas não pertenceriam a êles; seria apenas o meio de haverem outras Amazonas: guardariam as meninas e aos pais distantes mandariam os filhos varões, se os quisessem. Mas sem submissão ao amor, sem as fraquezas da maternidade.

E o credo fundamental de seu povo ficou que nenhuma rapariga seria maior, Amazona como as outras, capaz de criar outras

Amazonas, sem primeiro ter morto um homem. Um, pelo menos, como as primeiras Amazonas da Scythia, para começar; outros podiam vir, viriam com certeza. Com o inimigo, não haveria remissão: sacrificá-los-iam a tudo.

Tal é a lenda das Amazonas. Aos Scythas amorosos deram a flor do seu corpo, criaram no seio o fruto do mútuo amor, padeceram longa e dolorosa a maternidade, e de indómitas guerreiras nómades se fizeram espôsas domésticas e submissas. . . Depois, roubaram-nos ao seu antigo lar, desprezados os pais e os penates, conduzidos a longes terras, privados da glória e da vida, sem memória no coração das viúvas, sem perenidade na descendência dos filhos. . .

Não é um símbolo dessa luta, quotidiana e milenária, que se dá por toda a parte, entre qualquer homem e cada mulher que se amam? «Ela lhe sacrifica tudo; depois, sacrifica-o a tudo».

AFRANIO PEIXOTO.
(Da Academia Brasileira).





Cantares

«Quem pelo alecrim passou, e um ramo não cortou
do seu amor se não lembrou.»

POPULAR

*Cortei alecrim do norte,
Meu amor, para te dar.
Ai triste da minha sorte,
Nem me quizeste falar!*

*Porque estás assim zangada
Eu adivinho, meu bem :
É que me viste na estrada
A falar não sei com quem . . .*

*Palavras leva-as o vento,
Falas o vento as levou.
Mas o fundo sentimento
Dêste amor, quem to roubou?*

*Se tu me andas nos sentidos
Como o sal anda no mar :
Trago-te a voz nos ouvidos,
Teu lindo rosto no olhar ;*

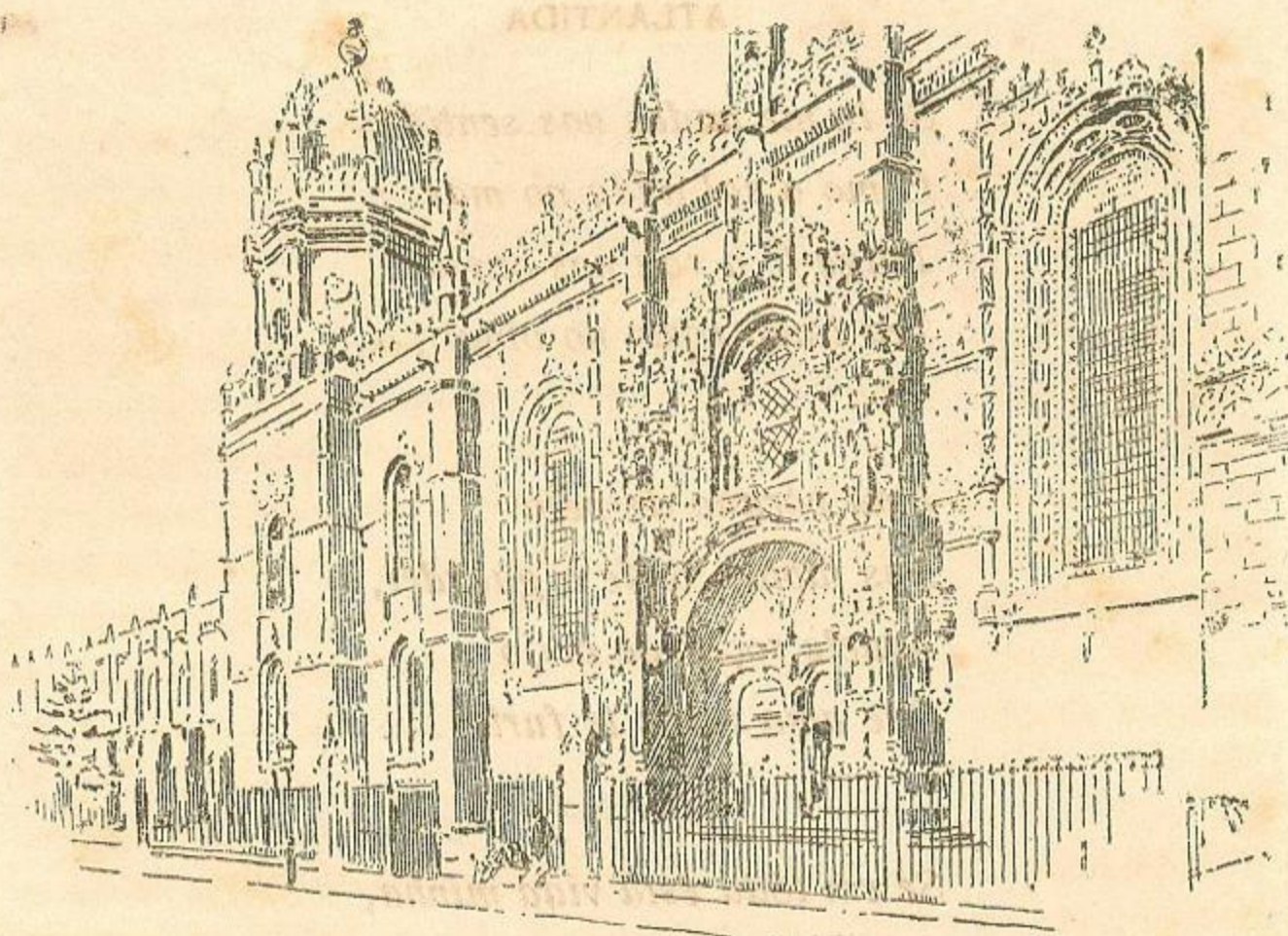
*Inda còrado de pejo
Nos lábios, onde o guardei,
Aquele roçar de beijo
Que uma tarde te furtei . . .*

*Se em tôda esta vida minha,
A tua casa a rondar,
Como um vôo de andorinha
Anda a Saüdade a voar ! . . .*

*Ó minha cruel morena,
Não há no mundo outra assim.
Eu vivo cheio de pena,
Tu não tens pena de mim !*

*O meu alecrim levei-o
Para te dar, minha flor.
Passei por êle, cortei-o . .
Tenho-te ou não muito amor ? !*

JÚLIO BRANDÃO



Santa Maria de Belem

A Jorge de Faria

De primavera precoce êste domingo último de fevereiro, sôb um sol que, à beira rio, aquece demais e insinúa indolências à carne viciada do povinho, debruçado para a água, de um azul irradiante. Pelos poiais do paredão, acasalados, marujos e maganas arrolam luxurias quentes, nos olhos que, devendo ter no fundo toda a aventura da India, mal conseguem reflectir já os beijos famintos da ilha dos Amores. Por todo o largo, o povileu em grupos ouve os charlatães que, de sôbre as carripanas apregôam, por detrás de caixas de específicos, mudadas em tribuna, o elogio dos inventos espantosos. Desisto de ficar, esta tarde, ao pé da água seguindo o movimento airoso das barcaças ou enlevado na paleta inimitável do rio, sôb a florescência erradia das azas das gaiotas. Vou mais longe.

No primeiro eléctrico que chega, lobrigo, ao alto, o dístico « Belem » e aí vou eu, apertado entre sujeitos com caras de esteios do govêrno, seu quê desconfiados e espiantes, fazer as voltas das linhas eléctricas, ao certo complicadas para afastarem

da sedução da margem, os olhos de algum passageiro mais artista, capaz de visionar o rasgo admirável de uma avenida, paralela ao rio, com seus arvoredos acolhedores, seus mármore evocativos e canteiros onde passeassem mulheres e as flôres abrissem. Pelas ruas feias passo sem quási dar por isso, até que em Santos, uma larga perspectiva da margem surge óvante e, do mal das ruas interiores, sem luz e tão tristes! seria compensado se os depósitos sujos de carvão e madeira não erguessem, entre quem passa e o Tejo, um tapume desconsolador e impenetrável. Sigo amodorrado, adormecido quási, entre os que suponho esteios do govêrno. Quando me sinto, adiante, aliviado dêles, é já Belem e desço.

*
* *

Tenho na minha frente a fábrica estupenda da igreja de Santa Maria. Uma vez mais páro a olhá-la. Logar santo da história, bruxos da pedra o fizeram logar santo da beleza. E ao primeiro relance, sôbre mim se exerce o seu mago prestígio absoluto. Nunca a arte simples dos canteiros pensou poder, na pedra figurar os mimos, muito tempo consentidos sómente, à arte nobre da ourivesaria. Tão pouco alguém havia de julgá-los capazes de abrir na rocha dura finuras de fôlhas e de pétalas. Mas logo no pórtico lateral do Templo se eleva um fervoroso sonho petrificado de lavrante, afeito ao certo a trabalhar no oiro, custódias e relicários, pois que para a cantaria transportou os múltiplos pormenores do seu labôr imaginoso. No desenho procissional da fachada, êsse pórtico tanta beleza decoral condensa, que dir-se-ia haverem figuras, linhas e ornatos obedecido à orquestração de um extranho cinzel, pronto a corporizar com perfeição, todo o fervôr do canto religioso. Impossivel pormenorizar agora a complicada feitura de tão dominante obra prima de ourivesaria em pedra. Com o arrôbo religioso os alveneis de certo se ficaram lavrando os seus motivos de ornato, entregues à própria fantasia e por ela medindo o canto da pedrá, sôb o cinzel enlevado. A exuberância e profusão de lindezas que a fazem palpitar, não têm mais regra do que o gôsto de acumular ali, todo o adôrno que a fé, para a perpetuidade do templo, pudesse conceber.

Nos nichos inferiores as figuras dos apóstolos lançam o fundamento simbólico e ornamental do pórtico. Em linha ascensional a população das imagens fecha a côrte à estátua de Santa Maria que,

entronisando-se sôbre a dupla portada, avulta no fundo vitralesco da janela sobranceira, por outros santos ladeada. E figuras, vegetalismos enflorantes, caprichos de fauna, alegorias, tudo vai encontrar-se, ao alto, no baldaquino que encerra a imagem do último nicho, à altura da platibanda rendada, quási irreal, sôb a benção tutelar da cruz de Cristo. Por muito tempo, fico desejando um milagre que dê mobilidade às curvas e alma às estátuas, para que todos os frisos e colunelos se agitem e ali arrastem, por fôrça dêsse feito, quantos desconhecem uma das maiores obras da nossa arte, sagrada pela história que muitos ignoram e pela beleza que tantos barbaramente desdenham.

Assim entro no templo.

* * *

Logo o sonho das descobertas surge e passa, como se uma decoração respirante de baixos relêvos a meus olhos, pudesse, sôb o segredo alado da pedra das naves, ressuscitar as quiméras de outra idade, visões dos olhos pasmados dos que morreram, mal a primeira nova da Índia lhes chegou. E a primeira impressão que perdidamente me enleia é a de que, nêste entardecer, poalhado de oiro, a alma se me desprende do peito e como um incenso sóbe a beijar a alta floração da pedra, que o milagre da fé mística dos canteiros fez tão digna de Deus como do mar. A alma florída da rocha que nunca tão dócil foi, ergueu a sua voz:

«eu fui a pedra dura da montanha, que ouvi como se fôra a voz de Deus, a formidável música do vento, e em meu seio guardei a lírica das fontes como se fôsse a saúdade do mar alto. Buscou-me um dia o homem, em cuja alma o mesmo génio do vento sussurrava e vinha ressoando a lembrança do mar, como nos búzios. E sôb o escôpro cantei, orei, alcei-me na resa das colunas que ora suspendem o meu sonho, eterno como o vento e como o mar».

E o tempo escuta a fala orgulhosa das pedras imortais, silencioso e constante na ância de apagar os relevos mais nítidos, gastar as linhas mais vivas, puir os ornatos mais belos. Mas na luta com o tempo, a alma das pedras morenas, votadas a Santa Maria, mais alto ergue a sua voz, que em meu coração rebôa agora, evocadora e legendária.

Através os vitrais da igreja a luz da tarde cõa-se suspensa, em prece, fluídica, no ar. A capela-mór enche-se de uma sombra

pesada que me afasta como se não houvesse direito de fixar-lhe os túmulos e os mármore e fôsse obrigação exclusiva erguer as mãos e os olhos para o louvor da abóbada. E é que quási instintivamente esquece o recanto do lavôr clássico, para a vista sôfrega colear a trama decorativa dos pilares, trabalhados como enormes varas de pálio, mais altos que os troncos das palmeiras e como êles, no tôpo, abrindo em jorros de ramaria harmoniosa. De olhos maravilhados me quedo seguindo o vôo aéreo das nervuras, mas súbito parece-me que o silêncio da igreja arrola todo sôbre mim, e das lages rasteiras ao êxtase da abóbada, por todas as linhas e por todos os relêvos uma coral se ergue e me domina. Ainda sôb a impressão do esmagamento prossigo no exame dos púlpitos e nichos sem imagens dos pilares, da abóbada enrugada do batistério, do talhe singular dos confissionários.

Aqui se ergueram as mãos dos canteiros, por inspiração do céu, em louvor de Portugal. Em louvor dos canteiros ergo as minhas.

* * *

Mas onde a grandeza da inspiração architectónica de todo se apossa de mim, é ao penetrar na abóbada polinervada do claustro que, em conjunto, realiza uma das mais radiantes obras de arte que hei admirado: maravilhosa, encantada prisão para uma fonte monumental que no mármore simbolisasse o amor e a morte, ou excelsa galeria, entresonhada por uma dinastia excepcional de freires príncipes que, ao balcão, esperassem ver assomar divinas mulheres, por amor de quem, no páteo, flamejariam as espadas.

A graça, a leveza alígera, a finura dêsse sonho de pedra, edificado para que o próprio tempo pudesse recolher-se no silêncio!

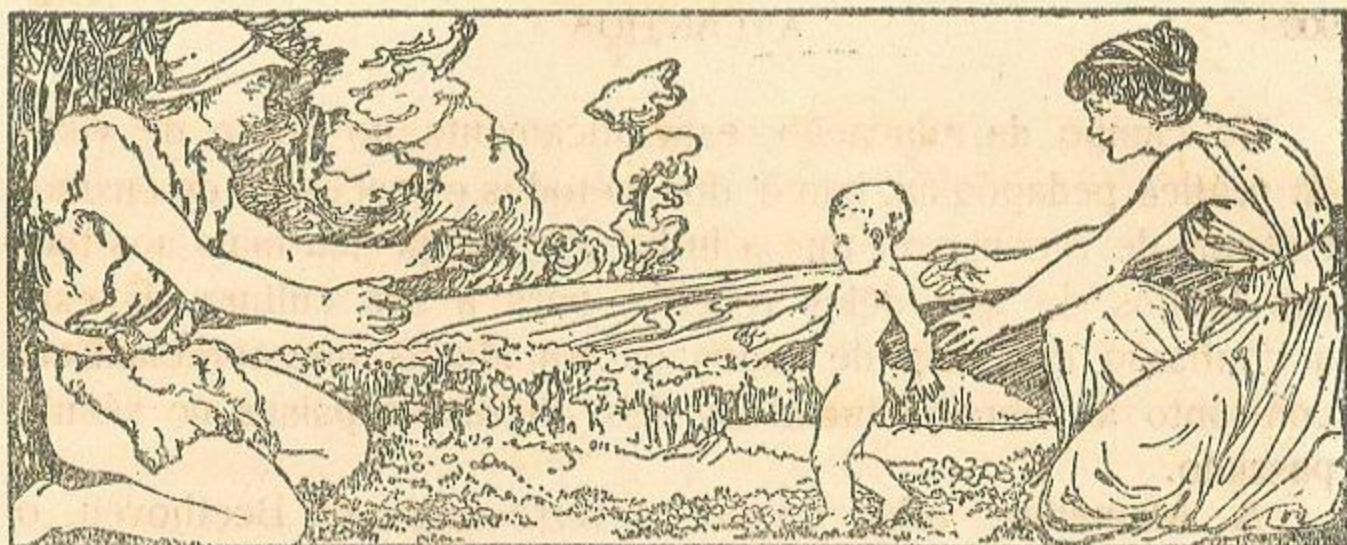
Desabotoam as arcadas da beleza fruste dos colunelos e uma sonata se eleva sôbre o *leit motiv* das meias curvas de lavôr incrível, donde pendem as rendas góticas, sutílimas de adôrno, e sôb que se enrolam os florões brazonais do manuelino. A aérea ronda musical das arcarias fecha-se em quatro períodos e em cada um dêles, dir-se-ia haver duas corridas de notas bem distintas, uma basilar e forte sôbre que o edificio da outra, delicadíssima, se desdobra, como sua florescência irradiante. A teoria dos colunelos tão sóbria se levanta e graciosa prosegue que os arcos mal poisam sôbre êles e toda a fábrica dir-se-ia suspensa no ar, por fôrça da sua beleza unicamente.

Nem um recanto foi esquecido do buril que andou entalhando as grandes máscaras decorais, as simples combinações geométricas, o animalismo forte e a flora abundantíssima, em que se entremeiam os desenhos alegóricos do paganismo. Alguns panos da simbologia cristã e as estatuetas dos nichos na sua simetria, ficaram guardando um sentido religioso, preciso para a marca dum acessório formosíssimo de templo, cujo conjunto lembra mais uma quimérica construção de deuses gregos, um dia reencarnados em canteiros, do que a realização dum voto de rei fiel, agradecido a uma religião, em que a belesa plástica tanta vez se trunca e se empobrece. Por toda a parte, desde as bases dos colunelos aos ângulos das nervuras, a mesma prodigalidade de estilo que regressa à simplicidade antiga nos medalhões da abóbada superior, tão esbelta pelo donaire com que se entrega ao instinto voante do ogival.

E não seria para extranhar se algum, dos que têm a arte por imitação da natureza supozesse o claustro admirável, obra imediata desta que, na sua improvisação, teria posto o sentido criador que preside à elaboração das rosas, por exemplo. Quem entre no silêncio claustral e aßsome a uma das portadas angulares, toma-se da impressão de que o monumento resultou completo e perfeito dum *fiat* genial, concebido pela fé, única apta a iludir os deuses, pelas obras em que os dá como presentes. E, no entanto, subindo ao segundo pavimento, para o percorrer todo e mais de perto observar os mínimos elementos decorais, a admiração pela arte dos homens cresce tanto, que leva a imaginar o sonho dos titans realisável por uma vitória da arte sôbre a natureza.

É então que a imaginação volta a supôr a estátua do amor e da morte — perfeita e serena escutando na sua imobilidade a voz monocórdia da água fugindo-lhe sôb os pés de eterno símbolo, ou a evocar os scenários magníficos em que o tinir das espadas dos torneiros rima o arfar dos cólos das mulheres de outra idade que, do varandim desfolham as flôres da vitória . . .

E quando de regresso, as pedras mutiladas pelos bárbaros me ficam sôb os olhos, dóe-me a alma como se, bruscamente, as estátuas se fizessem pedaços ou os vencedores cravassem no seio das princesas, os punhais que lhes pendiam da cintura.



A INICIAÇÃO AUDITIVA

INDISPENSÁVEL PARA

A criação da música portuguesa

Agora que chegámos ao juízo final da grande guerra, seria interessante que se fizesse um inquérito sôbre a influência espiritual que nos diversos países latinos exerceu a civilização germânica.

Quais foram as vantagens e desvantagens que, no seguimento da linha evolutiva do espírito latino, durante o século XIX até 1914, teve para nós o influxo constante das ideias alemãs, do exemplo da sua política nacional e da sua ordem e disciplina, tão apregoadas?

Cada especialista nos variados campos de estudo — na filosofia, na história, nas sciências, nas letras e nas artes — daria a resposta. Faria o confronto e o apuramento respectivo, segundo o seu critério de apreciação. Indicaria o que nos foi benéfico, e que, portanto, deve merecer o nosso respeito e aprêço; e o que foi prejudicial, e nos deve merecer repulsa.

G. Ferrero, no curiosíssimo livro *O génio latino e o mundo moderno*, fez já o seu depoimento erudito, esplendidamente eloquente a favor da civilização mediterrânea. É de supor que vão aparecendo outras publicações com o mesmo intuito, algumas pecando, talvez, por jacobinismo na defeza do valor da *causa latina*; mas outras, certamente, hão de fazer sciência, hão de ser justas e imparciais.

No campo da educação, especificamente no ponto de vista da prática pedagógica, isto é, dos métodos e processos de ensino, teremos de reconhecer que a influência alemã deu mais aos países latinos do que deles recebeu para a sua cultura. É esta a confissão expressa de todos os tratadistas que apreciam em confronto as obras educativas dos diferentes países no século passado.

A Alemanha, além de ser a terra-mater de Beethoven, o deus da música, tornou-se a proverbial pátria da pedagogia, da metodologia, da *Kultur*. E não pode, por isso mesmo, deixar de se encarar com serena justiça.

Decerto, depois de termos assistido, como acabamos de assistir, à mais cruenta de todas as guerras que a história registra, custa a crer que seja pelos campos de batalha que se faça caminho para a Terra da Promissão. Mas há de lá chegar-se! Havemos, sim, de chegar um dia à terra prometida, à *unidade humana*. Quando? Quando os povos de todas as raças, sem prejuízo da sua diferenciação, antes cultivando essa mesma diferenciação, mutuamente conscientes do valor recíproco de cada qual, adoptarem entre si uma forma jurídica de equilíbrio de relações e de permuta de interesses espirituais e materiais.

Quem o pode negar?

Quem poderá negar, por exemplo, conscienciosamente, o seu voto de louvor ao mérito de um Fröbel cujo nome e cuja obra de educação se universalizaram?

Tal como o suíço Pestalozzi, o alemão Fröbel, não foi só grande para a sua pátria, foi grande para todo o mundo. Foi um iniciador, foi um iluminado cujos *olhos de ver* reflectiram luz por toda a face da terra. E basta que um alto espírito projecte luz para além das fronteiras da sua pátria, para que deixe de pertencer exclusivamente a essa pátria, pois pertence a todas as almas que se alumiam com a sua claridade.

Ora o exemplo da obra educativa de Fröbel, em relação a nós, portugueses, pode e deve dar-nos o que nós não temos, mas de que carecemos absolutamente.

Não temos ensino infantil. Temo-lo apenas iniciado nos meus quatro jardins-escolas e em mais duas escolas do Pôrto. E o ensino da primeira infância é um elemento básico indispensável para a renovação dos métodos e correcção dos êrros da nossa organização escolar.

Mas isso vale pouco? Mais. Não temos música nacional. Temos muitas canções populares, *modas* diversas de diversas regiões; mas o que mereça designar-se por *música portuguesa*, não temos.

E porquê?

Por falta — quem sabe? — de um músico de eleição que se houvesse entregado à tarefa de sistematizar o ensino do canto coral, metodisando — deixem-me assim dizer — a aprendizagem das primeiras notas de música, tal como João de Deus, homem de letras, fez para o ensino das primeiras letras.

Porque não basta coleccionar as canções populares. É preciso proceder com sistema à recôlha dos motivos musicais, apontando as notas essenciais de cada motivo. Esta é que me parece a verdadeira base de inspiração nacional para os compositores portugueses, músicos de organização e de cultura, produzirem os mais variados *arranjos*. Depois, seria fácil e de seguro êxito a generalisação do canto coral e das dansas rítmicas, sem esquecer o exemplo de maravilha e perfeição das de Dalcroze.

Feita assim a iniciação auditiva do povo português, dentre as aptidões que se cultivassem, era conseqüente, era certo o aparecimento do génio criador da grande música nacional caracterisadamente diferenciada da música alemã, francesa, italiana, russa, etc. E aqui está em que devíamos aproveitar o exemplo de Fröbel.

Até aos quatro anos de idade, a criança vive apenas dos cuidados maternos. É a fase em que se aprende a ver e ouvir com algum entendimento, e a falar e a andar num crescendo de expansibilidade e de alegria.

Para as mães se guiarem nessa delicada fase da educação inicial, escreveu Fröbel o livro *Mutter und Kose-Lieder* que a Baroneza de Cambrugge traduziu para o francês com o título de *Causeries de la Mère*. Nós podemos chamar-lhe o *livro das mães*, ou as *canções maternas*, atendendo ao fim principal a que obedeceu a sua publicação.

Mutter und Kose-Lieder é um livro com gravuras, representando aspectos da vida real, e serve para entreter as crianças fazendo-as mexer, movimentar-se, ao som da voz materna que lhes canta e lhes regula os movimentos pelo ritmo musical. Isto não constitui novidade maior para as mães portuguesas. Desde a canção do berço que elas o fazem, ainda que grosseiramente,

por instinto. Falta-lhes, porém, a sistematização consciente dêsse instinto. Certo é que as *canções maternas* servem para ritmar movimentos, e, conseqüentemente, constituem exercícios ginásticos rudimentaríssimos, aos quais na escola devem seguir-se outros, gradualmente, mais complicados, conforme a idade e a desenvoltura infantil.

Exemplifiquemos.

De Kinderen — as crianças — é uma canção com cinco estrofes. Enquanto as crianças cantam a primeira, marcham circularmente umas atrás das outras. À segunda estrofe voltam-se para o centro, dão as mãos e dansam. À terceira marcham duas a duas, etc.

Os movimentos desta canção assemelham-se aos da nossa dança de roda, muito conhecida em Coimbra, *Manuel, tão lindas môças!*

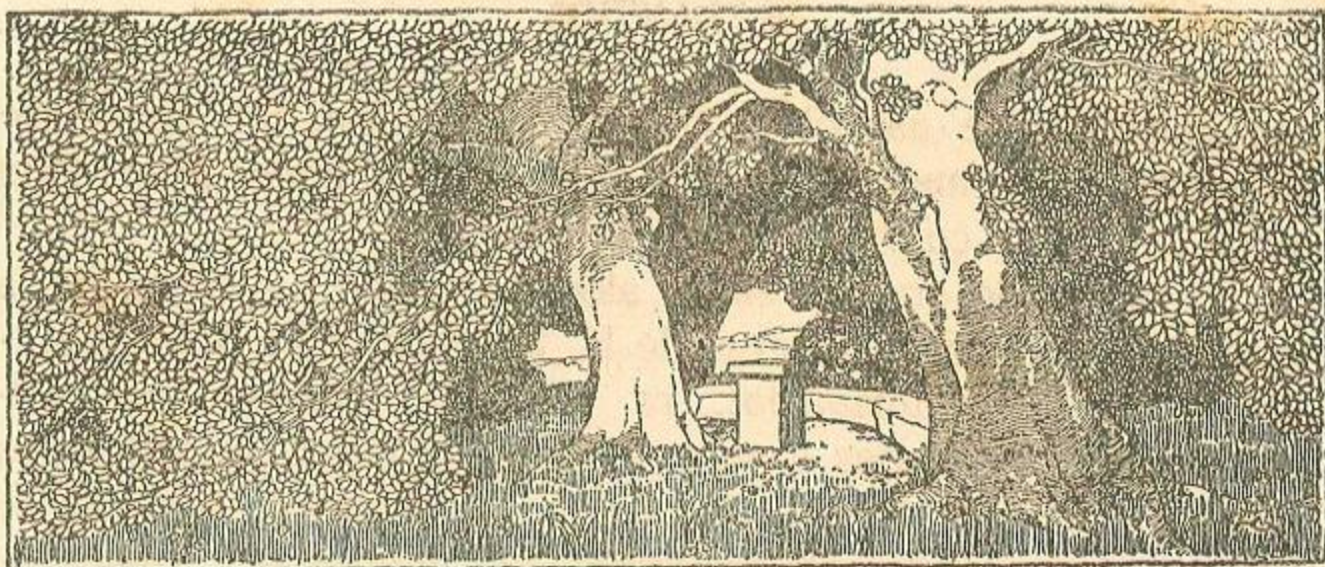
Outro exemplo: *O relójo da torre.*

As crianças, colocadas a certa distância umas das outras, têm os braços inteiramente livres. Durante a canção, que se compõe, como a que indicámos precedentemente, de cinco estrofes, as crianças, de braços estendidos, abertos, balançam-se para a direita e para a esquerda, com movimentos cadenciados, regulares, na primeira, terceira e quinta estrofes, ou mais acelerados na segunda, ou mais lentos na quarta, imaginando imitar os sinos das igrejas.

Certamente, algumas das canções fröebelianas podem adaptar-se à nossa língua e à sensibilidade portuguesa. Mas a maior parte, não. Por isso o que há a fazer não é traduzir e copiar, como o fez a Baroneza de Cambrugge.

O que é preciso é criar de novo todo um sistema de educação auditiva, introduzindo-o na nossa organização escolar, desde o ensino da primeira infância até às universidades; e desde o canto coral, em unísono e a duas vozes, até à constituição dêsse órgão magno de vozes humanas que é o orfeom, como aquele orfeom académico que a batuta, ou varinha de condão, de António Joyce realisou há meia dúzia de anos em Coimbra, e que ressoou harmoniosamente, com pasmo das gentes que o ouviram, nos quatro cantos de Portugal.

JOÃO DE DEUS RAMOS.



A emoção e o sentido psicológico e moral dos “Nibelungen,”

Tem uma história simples o estudo que hoje começamos e que não tem pretensões a erudito.

Quando li o poema dos *Nibelungos* (traduzamos assim), em 1909, pela versão Laveleye (*Les Nibelungen*, 2.º éd., Paris, 1866), tanto e de tal modo me interessou pela energia dos sentimentos, pela violência das emoções, pela profundidade tantas vezes turva dos caracteres, pela vida desacomodatícia, heróica e aventureira que o impregna, que logo concebi a ideia do presente trabalho cujo primeiro rascunho pude executar em Dezembro do ano seguinte. De então até hoje persistiu a resolução de aperfeiçoar aquela tentativa inicial.

Muito e largamente se tem escrito sôbre os *Nibelungos*, em particular na Alemanha, como era razoável supô-lo. Acredito assim que por muito fácil coincidência, aliás não voluntária, eu reproduza aqui diversos conceitos e modos de ver que não sejam novidade para quem conheça umas tantas investigações e críticas a propósito desse poema, desde os Grimm, Von der Hagen e W. Schlegel e outros, coetâneos ou de perto precedentes, até o nosso tempo. Entretanto a ideia essencial do presente estudo, que já se pode deduzir da epígrafe e a que em seu desenvolvimento procurarei dar um relêvo característico, pela

sua invulgaridade nas obras de crítica literária, um pouco me conserva a esperança de alguma coisa original poder dizer. Pelo que a satisfação com que o venho dar a lume.

Os textos de que me sirvo, além da versão Laveleye, são a tradução em alemão moderno de H. Simrock, *Das Nibelungenlied* (Cotta'sche Handbiblioth., nr. 136), que aproveito principalmente para as citações e para os nomes próprios, a muitos dos quais dou uma adaptação portuguesa; e a tradução francesa de J. Firmery, premiada pela Academia, *La Chanson des Nibelunge* (du moyen-haut-allemand, introd. et des notes, Paris, 1909), que tem o mérito da propriedade e exactidão, não obstante guardar, para mim, um grande prejuízo, o critério com que utilizou o texto do filólogo alemão Lachmann, donde excluiu quasi todas as estrofes consideradas interpoladas; fê-lo não só por isto, como para evitar o defeito, assim o julga e pretende Firmery, da grande extensão do poema.

Sou um partidário da origem unitária (ou ainda por dois poetas, refundidores e criadores) dos *Nibelungos*, e penso como o filólogo Bartsch, adoptando despretenciosamente a sua opinião, que deveria ter existido um texto donde derivaram aqueles que nos ficaram desde o séc. XIII, e assim se tornará difícil, senão impossível, discriminar a parte autêntica da interpolada, e também, como diz H. Lichtenberger (voc. *Nibelungen*, em *La Gr. Encyclop.*), se tornará] « quimérico pretender encontrar na sua integridade os *lieder* primitivos ». Mas além disso, acreditando eu, como o desenvolverei a seu tempo, que os *Nibelungos* correspondem ao evoluir de um notável espírito nacional e têm uma característica psicológica na acção e nos personagens, o que tudo lhe dá o primacial carácter como obra literária, quaisquer estrofes que até ao séc. XIII se tenham acrescentado ao texto primitivo, desde que não alterem a qualidade daquelas importantes circunstâncias e antes possam acentuá-la, lhe pertencerão essencialmente porque psicologicamente. Lançando os olhos para as estâncias julgadas interpoladas por Lachmann, ver-se há que elas não fazem senão intensificar a acção e o espírito do poema, nada prejudicando, antes pelo contrário, a sua qualidade. Sobre essas passagens Firmery pondera: « Eu tenho a convicção de que competem a êsses menestreis ambulantes e mendigos que cantavam por toda a Alemanha as façanhas de Sigfrido e a vingança de Crimilda. » Isto vem apenas corroborar o conceito do

acentuado carácter popular, tradicional e nacional do poema e justificar o ponto de vista em que me coloco. Prestadas estas explicações ao leitor, entro desde já na intensa e interessantíssima história dos *Nibelungos*.

ATÉ QUANDO, PELA PRIMEIRA VEZ, SIGFRIDO VÊ CRIMILDA

I

Nos poemas heróicos antigos e medievais os sonhos dos protagonistas, vindo prenunciar-lhes acontecimentos importantes, são um tema senão usual pelo menos de escolha e preferência⁽¹⁾. Assim como outros preságios, o que os sonhos dizem, principalmente se desgraças, cumprir-se há. Aos sonhos ligam os protagonistas a fiel, confiada e receosa atenção do seu espírito.

Abrem os *Nibelungos* com um sonho de Crimilda (Kriemhilt, Kriemhild): um falcão que ela educara é estrangulado por duas águias, o que sente com uma dôr máxima. A mãe de Crimilda, *Frau Ute*, explica-lho. O falcão significa o seu futuro esposo.

Os *Nibelungos* fundamentam-se no amor e vingança de Cri-

(1) Na *Ilíada*, no princípio do C. II, um sonho, dolosamente enganador, determina os próximos actos de Agamemnon. Já no C. I o poeta dissera, pela bôca de Aquiles, virem os sonhos também de Júpiter, dando equivalência, para o efeito de julgar da vontade dos deuses, aos adivinhos, aos sacerdotes e intérpretes dos sonhos. No C. XXIII, a Aquiles aparece-lhe em sonho a alma de Patrocles, pedindo-lhe que bem depressa lhe dê uma honrosa sepultura, que os ossos de um e outro finalmente juntos repousem, e notificando-lhe o seu destino de morrer também ao pé dos muros de Tróia.— Na *Canção de Rolando*, LVII, LVIII, há um sonho do imperador; e em LXIX êle diz: « A França por Ganelon será destruída. Eu vi-o esta noite, numa visão enviada por um anjo, quebrando a minha lança com as suas mãos... » Em o C. LXXXVIII há um sonho do imperador presagiando a batalha e o desastre que se hão de dar, e logo, no mesmo sono de Carlos, um outro sonho, obscuramente vaticinador. (Ed. consultada: *Chans. de Rol.*, trad. nouv. d'après les textes origin., La Renaissance du Livre, Paris.) — No *Poema de Mio Cid*, C. I, 19, o Cid tem um sonho anunciando-lhe, pelo anjo Gabriel que aparece em visão, a boa sorte da sua vida. (Ed. de «La Lectura», Madrid, 1913, ed. e notas de Ramon Menendez Pidal.)

milda; assim aquele sonho é o grande impulso inicial do poema, o seu argumento sumário e obscuro.

Este elemento poético dos sonhos, como dos outros preságios, nos poemas heróicos antigos e medievais, é bem o sinal do temperamento dos seres que representam e sem dúvida muitas vezes do próprio escritor. Eram principalmente seres de emoção; na sua existência moral predominavam os impulsos afectivos; mesmo sôb a calma dos sentidos no sono, lá vinha freqüentemente o ímpeto do instinto definir-lhes uma acção a praticar ou revelar-lhes obscuramente, como que numa previsão histórica, o seu futuro, quási sempre infeliz.

Almas assim formadas são facilmente supersticiosas e fatalistas. Muitas vezes como uma advertência divina, outras pelo menos sobrenatural, — gerando-se nelas por choques de ingénitos impulsos de que não tinham clara consciência, — apresentavam-se-lhes os sonhos e as visões alucinadas. Não procuravam julgar sôbre a sua plausibilidade, a sua lógica, a mais natural significação e até que ponto seria razoável que acreditassem em sua correspondência com um futuro a realizar-se. Abandonavam-lhes quási sempre, pelo contrário, o espírito subjugado, e quando tentavam fugir à ameaça do seu vaticínio era desequilibrando-os no todo, destruindo elementos que os compunham, para que, pela fragilidade das premissas, as conclusões ou os resultados se tornassem falíveis.

Assim Crimilda, quando sua mãe lhe esclarece o sonho que teve, considera que o amor e a aflicção se acompanham muitíssimas vezes e que é êsse o exemplo da vida de muitas mulheres, mas que ela evitará o amor. « Sem amor de guerreiro, diz Crimilda, eu quero viver sempre... » E exprime que assim jamais o amor de nenhum homem a ferirá de aflicção. (V. e. 15.)

Da mesma forma, nos *Nibelungos* muito mais tarde, quando Hagen conhece pelas ondinas, as brancas mulheres do Danúbio (1473, 1465), aparições míticas, a sorte do seu rei, a sua própria e a do enorme séquito de guerreiros que todos vão à côrte de Átila (Etzel) e deverão morrer na fatal jornada, apenas a Worms voltando o capelão do rei, êle só tenta fugir a êste vaticínio procurando afogar o sacerdote logo na passagem do rio. Por orgulho e uma arrogante e aliás pretendida descrença nos sonhos e vaticínios, Hagen não aconselha a retirada da comitiva; intenta contudo prejudicar a sina predita numa das suas condi-

ções. Não o consegue, porque o religioso se salva, e agora, da outra margem do rio, acentua com suas maldições o fado que os acompanha: « Que Deus vos não permita que torneis a vêr o Reno! . . . » (1524, 3 C.) E entretanto o capelão ignorava o mau preságio que até ali só Hagen conhecia. Hagen, quando vira frustrado o seu intento da morte do capelão, já dissera consigo mesmo: « Todos êstes guerreiros devem morrer ». (1520.)

II

Mas tornemos ao princípio. Ei-lo agora Sigfrido (Siegfried), jovem, belo, o mais forte dos guerreiros conhecidos nas tribus germânicas. É da Niderlândia (Niderland) e filho dos reis Sigmundo (Sigmund) e Sigelinda (Sigelind), do burgo de Xanten, perto do Reno (¹). Vai à côrte do rei dos Burgundos, Gunther, atraído pela fama de Crimilda, irmã de Gunther, virtuosa, maravilhosamente bela, orgulhosa, desdenhosa do amor. Sigfrido não a conhece em pessoa, não obstante já a deseja e ama.

Aqui há evidentemente uma manifestação daquele idealismo amoroso que na Idade média vai sucessivamente acusando-se, botão de flôr que hade desabrochar e expandir-se na literatura cavalheiresca, assim nos poemas e romances da Távola Redonda; para o princípio do Renascimento irá perdendo o seu perfume simultâneamente cortesão e agreste, de amor subjectivo, de espiritualidade romanesca. Entretanto no acto de Sigfrido, solicitado para onde está Crimilda, há essencialmente um impulso

(¹) Xanten (também Xanthen e Santen), conforme diz Laveleye era uma antiga colônia romana cujo nome provinha dum templo consagrado a Apolo, *Ἰανθος*, de loira cabeleira. — No Niderland (Países-Baixos) estavam os Francos. Sigfrido era pois um Franco. — Os successos históricos dos *Nibelungos* (o choque dos Burgundos com Atila) datam do século v; desconhece-se a época a que podem remontar as origens históricas de Sigfrido e aquela em que a sua lenda se estabeleceu e propagou entre os povos germânicos. As versões alemãs escritas conhecidas da lenda dos Nibelungos e de Sigfrido datam do ano de 1200 e do princípio e meado do séc. XIII. — Sôbre os *Nibelungos*, para esclarecimentos sôbre a sua história e significação literária, pode ler-se com o maior proveito, por ex., o livro de Bossert, *La littérat. allem. au moyen âge*, etc. (3^{me} éd., Hachette, Paris, 1893), até o cap. VIII, e o artigo já mencionado de Lichtenberger, t. XXIV da ob. cit. Êste A. possui também um livro especial sôbre o assunto e que ainda não conhecemos directamente.

indomável e que não cuida de dominar-se; para ela o chamam todas as anciedades do seu temperamento impetuoso, porque a reputação da mulher excepcional desperta e excita o seu orgulho de guerreiro entre todos afamado.

Apresenta-se arrogantemente na côrte de Gunther, só com onze ou doze companheiros e na resolução de obter Crimilda a bem ou a mal. (III Aventura, no poema.) Se fôr necessário conquistar o país. Assim a sua emoção procura sem demora transformar-se em acção. Sigfrido não sabe esperar, não pensa em vencer as naturais dificuldades senão pelos meios mais breves, — heróicos e violentos mesmo a uma fácil necessidade.

A mãe, o rei, os do seu país, antevêem as futuras desgraças, entristecem-se, choram por Sigfrido. Contudo, lamentando-se, não o impedem de praticar aquele acto de louca temeridade. Sigfrido afinal em cada um dêles tem uma imagem da sua própria natureza; os seus temperamentos são idênticos, as impulsões somam-se, não se contrariam. Êles não atingem na realidade todo o grave alcance do acto de Sigfrido, os desastres quási inevitáveis para êste pessoalmente e os que podem alcançar a mesma segurança dêles e do seu burgo. Posto que de uma forma intensa e dolorosa, prevêem obscuramente os males futuros. Como succede com todos os temperamentos análogos, é só mais tarde que a própria razão dos factos cumpridos os obrigará a dêles tomarem uma consciência avisada. Será necessário que o tempo permita que se grave como noção reflectida o que primeiro e subconscientemente mal se lhes pudera definir por irreductíveis emoções. O tempo e a realização do facto antes entrevisto pelo sentimento, enfim a expressão objectiva, clara, concreta do que antes apenas se pudera formular espontânea, difusa e subjectivamente.

Os *Nibelungos* vão traduzindo com precisão esta maneira de ser. O próprio autor (ou autores) é também um emotivo, muito parecido com a gente que nos descreve. Segue rapidamente, sem método, misturando os actos e intenções de Sigfrido com os sentimentos dos seus patrícios e de Sigmundo e Sigelinda, precipitando e antecipando os acontecimentos. Tudo se torna de necessidade, não há demora entre acto e o sentimento ou a emoção, torrencialmente se libertam os potenciais.

Como exemplo, que se repare nos seguintes trechos:

« E sua mãe, Sigelinda, conheceu também esta nova. Come-

çou enternecendo-se pelo seu filho bem amado que devia morrer, era o seu receio, às mãos dos homens de Gunther. A nobre rainha começou a chorar muito. » (61.)

Depois de poucas estrofes:

« Então belas mulheres trabalharam dia e noite sem repousar, até terminarem os hábitos de Sigfrido. Êle conservava a firme resolução de empreender a sua viagem. » (66.)

« Aproximava-se o tempo da sua viagem aos Burgundos. E homens e mulheres perguntavam, cheios de angústia, se jamais êles voltariam à sua terra. Os heróis fizeram colocar sôbre animais de carga armas e vestuários. » (68.)

« Os seus cavalos eram belos e os arneses de oiro vermelho. Não se podia recluir que alguém se comportasse com mais audácia que Sigfrido e os seus homens. Êle desejava partir para o país dos Burgundos. » (69.)

« Tristemente choraram por êle a rainha e o rei. . . » (70.)

« Nos guerreiros havia um grande sentimento doloroso. Muitas jóvens também choraram. O seu coração dizia-lhes realmente, creio, que por causa daquela viagem, numerosos dos seus amigos deviam morrer. Carpiam-se com toda razão e por bom motivo. » (71.)

« Ao sétimo dia chegaram êstes bravos, a Worms, nas margens do Reno. . . » (72.)

No desenrolar célere da acção não há tempo para descrever os sentimentos com alguma minúcia; é tão grande a pressa dos cavaleiros que se notam débeis relativamente os receios e os protestos dos páis e a dôr do seu povo; a tudo alheando-se, êles afastam-se com precipitação. E o poeta lá vem revelando o sentimento de uma catástrofe que, afinal, não se prende directamente com a chegada de Sigfrido a Worms; não é próxima, antes sim consequente a outros acontecimentos importantes e que no poema com a mesma necessidade se apresentam.

Em outras diversas situações o poeta vai assim antecipando a narração; vai prenunciando as desgraças, delatando o como elas preocupam o seu espírito; vai por esta forma caracterizando, prematura e obsessivamente, o capital argumento do poema. Como em todos os grandes emotivos a sua própria alma, com as particulares tendências, vem antepôr-se à compreensão objetiva das coisas, de algum modo as anunciando e obrigando. Ao mundo exterior, neles dominado, tornado dependente do seu mundo interior, não será permitida com êste uma troca igual de impressões.

III

Sigfrido, a Gunther o rei dos Burgundos, fala com toda arrogância; diz-lhe que vem tirar-lhe tudo que êle possui, campos e burgos. Os cavaleiros de Gunther irritam-se. Um até, Ortewein de Metz, incapaz de se refrear, tem palavras de indignação e altivez. Agora Sigfrido é desdenhoso, e para o forte Hagen que diz com razão que êles não merecem tal ofensa, é mesmo um pouco irónico. Apesar das palavras de paz de Gernot, irmão do rei, e da boa vontade que êste e os seus cavaleiros tinham de não haver discórdia, Sigfrido permanece de ânimo carregado. Torna-se mais brando sómente quando Gunther lhe oferece partilhar com êle corpos e bens.

Assim aquele Sigfrido, o herói famosíssimo, entra destemido numa côrte de altivos e esforçados guerreiros, desafia-os, ameaça conquistar o país, na intenção disfarçada de possuir uma mulher. De receio em grande parte, porque sabiam que o corpo de Sigfrido era invulnerável por se ter banhado no sangue do Dragão que vencera (101), e podia tornar-se invisível pela *Tarnkappe* ⁽¹⁾ que Sigfrido tirara a Albrique (Albrich, 98), o anão defensor do tesouro dos Nibelungos ⁽²⁾, e porque todas as suas façanhas o apontavam como o mais robusto e valoroso dos guerreiros, — de receio dominam a sua cólera, sofriam a sua indigna-

(1) Capuz, *chaperon*, como dizem Laveleye e Bossert, ob. cit.

(2) Nibelungo (Nibelung) e Chilbungo (Schilbung, 88), filhos de Nibelungo. Os Nibelungos (Nibelungen) eram primeiramente êsses reis, o seu país era o *Nibelungenland*, País das Trevas, situado no Norte. O seu tesouro, *Nibelungenhort*, de uma riqueza que era só por si uma grande e sedutora

ção. Oferecem-lhe bens, e Sigfrido, riquíssimo já, por filho de reis e porque dispunha do fabuloso tesouro dos Nibelungos, só então se abranda em sua irritante petulância.

Há aqui, na verdade, sôbretudo fortes emoções que tendem a chocar-se agressivamente e que de uma parte o medo e um certo cavalheirismo, mas da outra apenas a cupidez, a tempo disfarçam e aduiteram. Não obstante o extraordinário valor pessoal de Sigfrido, tipo extreme da poesia heróica medieval, não se lhe salienta nesta emergência um sentimento que possamos considerar de grande elevação, um móbil ou um acto que se distingam pela sua limpidez. O mesmo seu valoroso ardor de guerreiro mostra-se, no comêço do poema, um tanto prejudicado, psicologicamente, pelo facto da louvada invulnerabilidade, símbolo material da invencibilidade. Já nos termos seguintes se lhe referira Hagen :

«E eu sei dêle (Sigfrido) e bem conheço ainda coisas mais extraordinárias. A mão do herói matou o Dragão. Êle banhou-se no seu sangue e a sua pele tornou-se assim como córnea; já se tem visto muitas vezes que nenhuma arma a pode ferir». (101.)

E logo continuando :

«É necessário prestar a êste herói o melhor acolhimento, para que êle não tenha contra nós nenhum motivo de ódio...»

Para os cavaleiros de Gunther, Sigfrido era pois de facto invencível pelas armas. Reconhecem-se-lhes contudo os desejos de uma cortês hospitalidade; mas o que ali pode exceder Sigfrido, e Gunther procedeu hábilmente, é a dádiva, o seu ânimo cúpido como aliás o de todos os melhores guerreiros dos *Nibelungos*. Extremamente destemidos e arrogantes, êles são ao mesmo tempo sôfregamente ambiciosos dos bens e riquezas materiais.

Sigfrido fica na côrte de Gunther; há então jogos, torneios,

tradição, dêles passa a Sigfrido, que os vencera e ao seu exército em que havia Gigantes, e de Sigfrido aos Burgundos e seus reis. O nome de Nibelungos será transmitido igualmente aos sucessivos possuidores do tesouro e com êste a sua desgraça fatídica. (V. ainda Bossert, ob. cit., e outros dados em Lichtenberger, id.)

justas em que êle, sempre o primeiro, pensa constantemente em Crimilda, que ainda não conseguiu ver. Esta, pelo contrário, ainda que em sua casa e aposentos, vê-o nos jogos e começa a amá-lo. Sigfrido permanece todo um ano na côrte sem ver Crimilda e ocultando o seu amor, seu pensamento constante.

Muito interessam psi cológicamenteêstes dados. Começa a definir-se o amor sentimento, a permanência do estado afectivo que teve a sua origem num impulso idealista, emoção individual expressão de um sentimento social. Agora as almas de Sigfrido e Crimilda por elas mesmas começam a individualizar-se, tendem a isolar-se no ambiente que as formou.

IV

A natureza intensamente emotiva dos personagens dos *Nibelungos* manifesta-se ainda no contágio fácil e dominador da emoção. Lá vem, por ex., no fim da III Aventura :

«Quando os reis poderosos (Gunther e seus irmãos) cavalgavam, para digressão no seu país, os guerreiros deviam segui-los sem demora e com êles também Sigfrido : isto era doloroso para as mulheres. Muitas vezes por causa do seu amor êle sofria muito». (137).

Por êste e mais trechos de um espírito equivalente bem se compreende quanto as acções e o facto de um eram logo simpáticos ou antipáticos aos outros, a todos os outros. Sigfrido levava consigo o pensamento das mulheres que sofriam quando êle se afastava, e êle por sua vez afligia-se com o sofrimento delas. Por outro lado esta maneira de sentir é natural em semelhantes indivíduos, olham-na sem desconfiança, com facilidade e aprazimento. Êles têm todos em comum simpatias ou antipatias análogas, sentem de uma forma bastante igual, sem essenciais diferenças.

O grande contágio da emoção caracteriza-se ainda, por ex., mais tarde no poema, quando se dá a morte de Sigfrido e que as pessoas nobres da cidade e «as mulheres dos bons habitantes do burgo» (978) correm para junto da rainha viuva e da sua côrte feminina para com elas se carpirem e chorarem. Além do desespero dos amigos, parentes e companheiros de Sigfrido, do de

sua mulher e respectivas damas, quando foi o enterramento do corpo, a gente do povo chorava, carpia-se, lamentava-se, exalava a sua dor em altos gritos (1002-1005). No palácio também gritos e lamentações. Dos irmãos de Crimilda, Gernot e Geisler choraram ao lado do cadáver. E Gernot, contudo, não desaconselhara o crime.

Quando o nobre Ruediger, ao fim do poema, antes de combater contra Hagen, Gunther e os seus, com êles troca os últimos presentes de amizade, dolorosamente forçado a um combate com os seus antigos hospedes, os guerreiros possuíram-se de uma angústia intensa e comum.

«... Choravam de todos os lados. Que ninguém pudesse evitar uma tal aflição, era uma dor extrema!...» (2139.)

Como se nota, a emoção tem nos *Nibelungos* não só o carácter individual como o social, que de facto corresponde à emoção pelo seu fácil e necessário contágio.

Os seres e temperamentos no quanto emotivos com energia, com violência, tendem a não se desassemelhar entre si, a uniformizar-se no meio, a não se individualizar. A diferença, a individualização resultam de um retôrno da emoção, da transformação das suas potenciais em estados de sentimento, por cujas múltiplas *nuances* as almas particularmente se caracterizam. As emoções quanto mais violentas mais identidade têm com elas mesmas, e as psicologias menos entre si divergem; pelo contrário, no quanto refreadas, educadas, intelectualizadas, melhor se dispõem à determinação dos caracteres. No primeiro caso a alma do indivíduo subordina-se melhor à da colectividade a que pertence, homogénea esta e com aquela um tanto idêntica; mais do que o indivíduo é a colectividade que tem um carácter. No outro propende a separar-se dela, que por sua vez é mais heterogénea e com a qual pode não ter identidade; o carácter próprio do indivíduo vai distinguindo-se ao lado do seu agrupamento ou meio colectivo.

Nos *Nibelungos* há principalmente a forma do sentir social substabelecida na emoção intensa e cuja mais alta expressão é, no poema, a muito nobre e heróica solidariedade dos Burgundos quando, já na côrte de Átila, todos se sacrificam pelo seu companheiro Hagen, por cuja morte se lhes propunha a vida e a liberdade.

V

Reatemos a história. Vêm à côrte de Gunther emissários dos Saxões e Dinamarqueses participando o desejo dos seus reis, Luedeger e Luedegast, de fazer a guerra aos Burgundos (IV Avent.) Gunther abre-se com Sigfrido que lhe diz que poderá contar com a sua amisade e lhe será fiel até à morte; e é principalmente pelo esforço guerreiro de Sigfrido e pelo seu prestígio que logo na primeira refrega, Luedeger, com o seu grande exército já em desbarato, solicita a paz.

Os guerreiros burgundos voltam à côrte com muitos prisioneiros, incluindo os dois reis Luedeger e Luedegast.

Antes dêles, pressurosos, acorrem os mensageiros da feliz nova. Crimilda secretamente manda vir um à sua presença, e diz o poeta que secretamente porque ela já amava Sigfrido. No interrogatório dêsse mensageiro, ao qual Crimilda promete oiro e a sua protecção se lhe disser a verdade, ela é hábil no disfarce do seu amor, pode dizer-se nascente. Não pergunta por Sigfrido e sim pelos irmãos e qual foi o guerreiro que mais se distinguiu:

«Meu irmão Gernot e os meus outros fieis amigos sofreram alguma coisa no combate? Alguns dos nossos morreram? Quem mais se distinguiu? Eis o que me deves dizer.» (225.)

O mensageiro, louvando as proezas dos Burgundos, enaltece contudo Sigfrido e pretende os seus feitos os mais prodigiosos. Crimilda cora de pudor, de alegria, de entusiasmo. Gratifica generosamente o emissário.

Aos guerreiros burgundos, de volta a Worms, são dispensadas todas as atenções. Os numerosos prisioneiros são também esplendidamente tratados, presenteados.

Sigfrido pensa em voltar ao seu país, mas os pedidos de Gunther e particularmente a ideia de Crimilda, que ainda não conseguiu ver, detêm-no. Preparam-se grandes festas, com justas e torneios.

Ortewein lembra a Gunther que deixe nelas comparecerem as mais belas mulheres da côrte (na V Avent).

É então que Sigfrido, que em todo aquele longo ano disfarçara e nutrira o seu amor por Crimilda, a vê pela primeira vez, riosamente bela, como «a aurora aparecendo entre nuvens sombrias». (280.)

Pela beleza de Crimilda o poeta tem então estas expressões magníficas: «... sentiram o seu coração consolado aqueles que há muito o nutriam de sofrimento... (280); e «... muitos heróis sentiram no coração uma alegria plena.» (282.)

Todos os guerreiros a olham num êxtase.

E Sigfrido, tomado de uma profunda emoção, entre a alegria e a dor hesitante, pensava consigo mesmo:

«Como poderei alcançar o seu amor? Isto é uma louca esperança! Oh! mas se eu devo renunciar a ti, mais doce me seria morrer...» (284.)

E logo em seguida:

«Agitado por estes pensamentos, êle corou e empalideceu muitas vezes.»

Êle mesmo, conforme o poeta, ali estava como um ser de excepção, maravilhosamente belo. Era o que todos entre si ou a si próprios confessavam.

Assim há iniludivelmente em Sigfrido uma emoção intensa, mas delicada no carácter, e na qual as ideais tendências do seu amor por Crimilda, em presença da realidade da sua forma, tão bela como êle não a pudera conceber, e no receio confuso de todas as eventualidades que a vida prepara, dolorosamente se confrangem. O coração de Sigfrido bate irregular, palpitante.

E da parte de todos, individual e socialmente, há uma terna simpatia que se objectiva em Crimilda e Sigfrido, que os assemelha e junta, que de todos os distingue e um no outro os confunde.

Gernot aconselha a Gunther que se honre Sigfrido levando Crimilda a saudá-lo: «...que lhe preste homenagem aquela que nunca saudou um guerreiro.» (288.)

Convidam Sigfrido a ir até junto de Crimilda.

Agora, com alegria e uma ternura sem amargura, Sigfrido aproxima-se de Crimilda. Ela cora de alegria e pudor e saúda-o:

«Sêde o bemvindo senhor Sigfrido, bom e nobre cavaleiro.»
(291.)

Sigfrido inclina-se cortêsmente e agradece-lhe; depois, perto um do outro, entreolham-se com doçura e disfarçadamente.

Diz o cantor que nunca Sigfrido experimentara em sua alma uma alegria mais elevada que quando sentira na sua a mão de Crimilda — nem nos belos dias de verão, nem na primavera! Isto quer dizer: até a esplêndida natureza, em suas mais claras alegrias, jamais lhe dera o prazer que sentia agora por ter na sua a mão de Crimilda.

Mas logo se propaga a emoção dos dois amorosos. Naqueles fortes guerreiros, habituados às rudes práticas do combate e da aventura, não obstante se infiltra em sua alma uma como necessidade de ternura e de amor:

«Ah! se eu pudesse caminhar junto dela, como Sigfrido, a minha mão na sua mão, ou partilhar do seu tálamo!...» (295.)

Permitiu-se a Crimilda que beijasse Sigfrido. Nunca Sigfrido «na vida pudera libar uma tal felicidade!»

De todos que os vêem êles são o objecto da admiração e de leite.

Com o séquito das mulheres, ela dirige-se para a catedral. E, depois da missa, tornando Sigfrido a aproximar-se de Crimilda, ela agradece-lhe delicadamente o auxílio que prestou aos seus. Sigfrido olha-a com ternura e diz-lhe que sempre, por ela, servirá os seus, para tal esquecendo todo o repouso.

Ainda durante doze dias êles têm ocasião de estar juntos.

Apresenta-se então o que se pode considerar no poema um dos primeiros autênticos sinais da elevação dos sentimentos de Sigfrido. Já na fidelidade com que se votara aos chefes burgundos no transe aflitivo da invasão dos Saxões e Dinamarqueses, êle pudera mostrar-se numa nobre attitude. Mas aí mesmo êle fôra principalmente o homem de guerra e aventura; e antes desta emergência quási o fôra apenas, ainda que destemido, heróico, famosíssimo, portador de um mito excelso na coragem e valor pessoal. Procedera até sem nenhuma grandeza de moral isenta quando provocara Gunther e os seus, e declinara logo da sua compostura de agressão audaciosa perante a oferta de bens e riquezas. Mas é o caso de agora que ao fim das festas os

prisioneiros saxões e dinamarqueses oferecem presentes, muito oiro, a paz perpétua, e solicitam que os deixem sair para as suas terras. Gunther aconselha-se com Sigfrido que lhe diz que seria haver-se mal aceitando as dádivas dos prisioneiros, e o incita a deixá-los partir livremente; que apenas os dois chefes vencidos, Luedeger e Luedegast, livres também, garantissem a paz.

Sigfrido quer de novo seguir para junto dos seus, na desesperança de Crimilda. Geiselher, o irmão mais novo de Gunther e Crimilda, pretende dissuadí-lo, considerando que êle poderá ver as belas mulheres da côrte. Geiselher, sem dúvida, subentendia especialmente Crimilda. Assim o terá compreendido Sigfrido pois que fica. Nos dias que seguem êle vê Crimilda.

Termina o poeta a V Aventura na obsessiva preocupação da desgraça:

«... muitas vezes (Sigfrido) sentia dolorosamente o seu amor; por causa dêste amor teve depois uma morte lamentável.»
(323.)

VI

Em toda esta passagem concernente ao encontro pessoal de Sigfrido e Crimilda se revela a mutação em Sigfrido das suas enérgicas emoções de homem de guerra e aventura nos ternos sentimentos e emoções de um amor elevado e em que se extremam a delicadeza, a generosidade e a prevenção receosa e dolorosa. Não só a emoção dos Burgundos e de todos os guerreiros que assistem às festas distingue Sigfrido e Crimilda e os identifica. Neste sentido as suas mesmas emoções individuais, agora em Sigfrido não rudes mas discretas e suaves, particularmente se acrescentam ao confuso sentimento idealista que o impelira para Crimilda, à reserva das suas emoções durante um ano sem a ver, e à florescência da alma de Crimilda na curiosidade, na simpatia, na admiração, até ao amor e estima por Sigfrido.

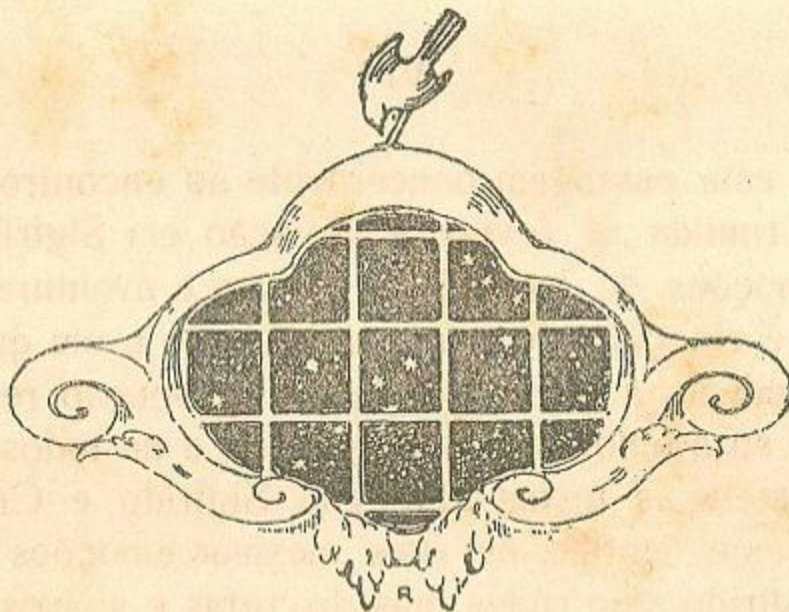
O poeta assim começa a manifestar-se um psicólogo de intuição, de uma finura ingénua mas evidente, de uma profundidade que parece não estudada mas natural, espontânea. O amor está transformando Sigfrido. A personagem mítica está mudando-se num ser humano. E êste, de cúpido e rapace, brutal na emoção,

que vence e não perdoa, está demudando-se no homem que ao serviço do amor e da amizade põe o escol das suas energias, que vence como penhor de fidelidade e é generoso, e cujas emoções, por mais discretas e delicadas, vão intelectualizando-se, sublimando-se, separando-se. E que não nos iludamos: naquele simpático movimento emocional de todos os guerreiros que diferencia Sigfrido e Crimilda, não menos que no apuramento das correlativas qualidades de emoção e sentimento dos dois, está o gérmen da sua futura exclusão do grémio dos Burgundos. E o mítico vencedor de Gigantes e Dragões será, por uma traição vilmente humana, a vítima miseranda do seu amor.

VIII-1918.

(Continua)

HENRIQUE DE VILHENA.



Agasalho

É do próximo livro a sair ainda êste mês, do eminente romancista Teixeira de Queiroz, o excerto que hoje publicamos. Chama-se o livro *A grande chimera*; e é, pela nobreza do trecho e a perfeição do estilo, um dos mais belos volumes de Teixeira de Queiroz. *A Atlantida* agradece ao seu ilustre colaborador a honra que lhe deu, permitindo a publicação dêste admirável trecho de prosa.

Favorita, com a pele acariciada pela frescura dos lençóis, conheceu um bem-estar que nunca sentira. A primeira impressão de frialdade deu-lhe arrepio, enovelou-se então como um ouriço; mas logo grande calor lhe foi tomando o corpo, amolecendo-lho na mimosa carícia dum banho tépido. Corria-lhe o sangue nas veias, com a suavidade letal de esgotamento suave de vida... Em casa de quem estaria?!... Nos baldões da sua desgraça, nunca conhecera felicidade igual a esta, de se deitar em cama tão macia... tão macia como uma penugem. Roupa fresca, cobertores agasalhantes, que se lhe uniam ao corpo, como a mão carinhosa de sua mãe, quando ela era pequena... Uma delícia que nunca sonhára... E aquele silêncio, aquele sossêgo e paz, que lhe prolongavam o gôso, num espaço sem limites!... Uma vez, na igreja de Alcântara, ouvira descrever o céu, como um lugar de prazer... Devia ser cousa semelhante à que estava gosando, naquela escuridade amiga... Mas em casa de quem estaria?!...



— tornava. Aquele senhor novo de aspecto tão sério, com uma barba tão linda, quem era? E a criada tão pálida, como uma doente, falando-lhe com palavras tão boas, com maneiras de tanto carinho?!... Prêsa de tais pensamentos, que lhe fugiam em vãos sonhos, entrou em adormecimento sossegado, como se tivesse mergulhado em leite ordenhado de fresco, percorrendo-lhe a pele calculado gôso, sem a menor perturbação...

Januária, essa, à mesma hora, murmurava resas na escuridade; voltava-se na cama inquieta, sem encontrar sossêgo. O sono não a vinha premiar da lida dêsse dia. Não podia separar da mente alarmada, a figura daquela rapariga magra, pálida, vestida dum luxo miserável; mais própria do entrudo, do que da vida ordinária. Para o que uma mãe cria uma filha ao seu peito, depois das dores dum parto molesto! Chegar a uma desgraça tamanha, não é a maior das desventuras?!... Fomes, frios, doenças, infâmias, desprezos de toda a ordem é que teriam enchido os poucos anos dessa criança. Porque era uma criança, com os seios núbis, as ancas escorridas, mal formadas ainda.

Aquele corpo a crescer e já contaminado, talvez, de moléstias horríveis; aquela alma a despontar suja de pecados, que nem ao confessor se poderiam revelar, sem vergonha!... Era quasi atirar um recém-nascido, à lama das vielas. Santo Deus! para o que uma mãe traz no seu ventre uma filha, e depois a enche dos carinhos de maternidade ansiosa! Ela também tivera outra, e criara-a com todo o amor, tendo sido roubada aos seus affectos, por doença implacável. Chorara muito quando a viu num caixão côr de rosa, que a amizade de sua ama lhe mandara fazer. Continuou a chorá-la, durante toda a vida; mas preferia que tivesse ido para entre os anjos, do que vir a ter a má sorte da infeliz, que nessa noite recolhera. Assim pensava Januária, mergulhada na treva densa do seu quarto, sem poder definir com nitidez o sofrimento do seu coração, gerado no grande infortúnio de Favorita.

— Perdoai-me, Senhor, se vos ofendo; mas não deveis consentir desgraças tamanhas!... — murmurou.

O melhor da noite passou-o nesta turbação, que lhe arrancava gemidos do peito. Ciciava palavras de resa, para se aquietar; revolvía-se na cama de mil modos, para encontrar sossêgo e afastar de si tão feias visões. Queimava-lhe as entranhas, um calor infernal; sentia a pele mordida por milhares de insectos; o sangue escaldava-lhe as fontes. Era uma alucinação: assediavam-na

inimigos impalpáveis; via donzelas arrastadas por verdugos, que lhes dilaceravam os peitos com navalhas. O cansaço de tão grande luta trouxe-lhe sono de pouca duração. Logo ao primeiro alvor da manhã acordou sobressaltada, com um pêso de casas sôbre o magro peito. Ergueu-se quando o galo cantava na capoeira, e logo foi à porta do quarto de Favorita escutar. O silêncio era absoluto, a paz daquele corpo e daquela alma deviam ser completos! Chegou a lembrar-se de que ela tivesse fugido de noite, e, cautelosa, entrou para averiguar. Uma janela, que ficara entreaberta, dava luz suficiente para que a visse na cama, de costas, o rosto sereno duma santa que sorri. Não sabia que pensar e que fazer; todas as suas poucas e contraditórias ideias, se lhe baralhavam na cabeça. Seria conveniente acordar a vagabunda, para que saísse a continuar a sua vida de vergonha? Doía-lhe o coração... deixá-la mais algum tempo — considerou.

Repetiu a visita mais vezes: encontrava o mesmo repouso de justo, na pobre pecadora. Parecia estar ali uma alma, sem inquietações de culpas. Fazia scismar Januária, que aquele sossêgo de anjo pudesse favorecer um coração estragado.

Quando o sol já ia alto, é que Januária encontrou a rapariga acordada. Estava triste, examinava a sua vida e a razão porque se encontrava ali. Quando, por um esforço de memória, conseguiu a explicação completa, principiou a chorar. Soluçava, com as magras pernas penduradas do colchão, o peito esquelético à mostra, a cabeça inclinada para diante. Caíam-lhe lágrimas pelas faces, no momento em que a velha criada a interrogou, sem agrura:

— Então dormiste bem?

— Dormi, sim senhora. Que noite regalada!

— Por isso é que choras?

— Pois! Quando tornarei a pilhar uma cama assim?!...

— Mas não tens casa? não tens mãe? — inquiriu condoída.

— A minha mãe enterrou-se há dois dias; casa... era a do Bento carvoeiro, que nos deixava lá ficar.

Perante aquela mágua e aquela infinita desdita, Januária ficou muda; não teve coragem de a despedir. Esperava que ela voluntariamente se vestisse... mas via-a inerte, os seios púberes a verem-se pela abertura da camisa, as pernas nuas balouçando. Disse-lhe em voz ressoante de carinho:

— Olha que está frio, veste-te. Podes-te constipar...

— Que me importa!... Tomara eu morrer... Sabe uma cousa?... A senhora podia-me deixar cá ficar. Pagava-lhe o sustento e a roupa com o trabalho.

— Isso não é comigo, é c'o patrão — desculpou-se.

— O patrão é aquele que ontem me trouxe?

— É.

— Pois vá-lho dizer. Parece bom homem. Se o não fôsse, deixava-me ficar, onde me encontrou.

— Como é que tu estavas encostada ao muro do cemitério?

Como é, como é!... Sei lá!... Corri toda a *baixa* a ver se encontrava quem me desse chelpa para cear, que estava com um café desde manhã. Nem um tostão! Fartei-me de fazer frente aos homens e nenhum olhava p'ra mim. Resolvi atirar-me da muralha do Atêrro; mas, antes, quiz falar a minha mãe, que está no cemitério, a ver o que ela me dizia. À grade do portão berrei e tornei a berrar; mas ela não apareceu. Tenho ouvido que os mortos enterrados, saem às vezes das covas, p'ra conversar c'o a gente e quiz experimentar. Nós eramos pobres; mas a minha mãesinha, enquanto viva, foi sempre muito minha amiga. Se aparecesse havia de me dar algum conselho bom. Eu não sei... não sei que fazer...

Januária sentia-se atormentada, por tamanho infortúnio. Já não podia olhar para ela, sem ter a vista turvada pela névoa das lágrimas que lhe enchiam os olhos. A sua Camila, lá do céu onde estava, havia de acompanhá-la nesta piedade. Nem podia falar, com o pêso de arrôbas que tinha sôbre o peito... Favorita repetiu:

— Isso é que era acertado, a senhora ficar comigo. Trabalhava, pode crer. Não é vida, passar um dia inteiro com uma de *lepes*, que me deu a Chica, como ontem aconteceu. Agora estou com uma fome... O que será de mim hoje! Vá dizer ao tal senhor que me deixe ficar. Peça-lhe, peça-lhe muito. Olhe que êle é bom.

A velha governanta não pôde mais. Saiu numa fuga precipitada, para esconder o pranto que a sufocava. Favorita ficou a pensar no que aquilo poderia significar. Esperou, sem bem saber o que, mas esperou; porque ela havia de voltar, ao menos para lhe abrir a porta e deixá-la sair. Qual o seu espanto, ao ver a Januária entrar com uma tigela de café com leite, cogulada de sopas e dizendo-lhe: «Toma!» Não teve palavra pronta para lhe agradecer; mas festejou o caso, com exclamação de aparato:

— Olha que rica *sopada*! Como me vou regalar!...

Principiou a comer com gula tumultuosa. As bochechas magras impavam-lhe de fartura. Não parecia ter tempo de deglutir o que tinha na bôca, quando metia nova colherada. Pingava-lhe o café das commissuras, as narinas resfolgavam, como em acelerada corrida. Ia resmungando palavras incompletas de gôso e agradecimento. Januária sorria venturosa. Quando acabou, Favorita disse com olhos ao alto e a tigela vasia no regaço:

— Como seria bom eu ficar aqui por criada!...

— E o que sabes tu fazer?...

— Nada; mas aprendo. A senhora ensina-me.

— Nunca varreste uma casa?

— Muitas vezes. Com a vassoira na mão sou uma catita! A carvoaria do Bento, quando eu lha varro, diz êle que fica como loiça lavada, e que até se pode pôr a comida no chão.

No cérebro de Januária tumultuavam ideias divergentes, no seu coração desejos bons e desconfianças. A rapariga tomou o silêncio como de negação; reconfortado o estômago, lançou mão da roupa e começou a vestir-se. Em camisa, de pé no meio do quarto, que a luz duma janela iluminava, mostrou melhor a linha senhoril do seu corpo: o pescoço magro, o rosto estragado pela desventura, não lhe diminuiam a beleza dos contornos elegantes. No olhar havia expresssão de energia suave, em fundo de melancolia adquirida. E pronunciou resignada:

— Bem; a senhora não me quer e então vou continuar o meu *fadário*.

Esta palavra precita revoltou a consciência da confidente da condessa de Moinhos, com escrúpulos alarmados. Viu diante de si, a pecadora lendária, a encher o mundo de abominações, e julgou-se parcialmente responsável, por essa vida que Favorita ia continuar. A rapariga voltaria a afrontar a pureza das donzelas, a virtude das casadas e até a religião das santas. E a ela poderia ser imputada a culpa e a responsabilidade de tal ignomínia. Chegava-lhe aos ouvidos o alarido triunfante dos demónios no inferno, bailando com gôso impúdico em rodopios de luxúria. Que grande pecado o seu, se não fôsse propor ao patrão o que Favorita lhe pedia!...

Saiu de novo, sem dizer palavra, deixando a rapariga estupefacta, por não ter compreendido o motivo daquele acto repentino. Continuou, porêm, a vestir o saiote amarelo, e a pôr no pescoço magro, o enfeite de fita vermelha surrada.

Januária, no escritório de Manuel de Sá, disse em voz de pungente aflição:

— Senhor morgado!... A rapariga de ontem à noite, quer que eu a tome p'ra criada!...

— E tu que fazes? — indagou o químico, com a sua palavra serena, quasi indiferente.

— Quer que lhe meta em casa uma criatura que lha pode envergonhar?

— Então põe-na fora da porta.

— Mas tenho escrúpulos, ela vai repetir a sua vida de vergonhas...

— Então deixa-a ficar e educa-a. Não falas, tantas vezes, da Madalena arrependida?

Procurava um conselho claro, como lho daria o seu confessor, o padre Gabriel, e não o encontrou explícito, antes um meio sorriso de mofa. Porém o coração bondoso e a consciência preñhe de escrúpulos guiaram-na para o seu quarto, onde tomou, da arca antiga, uma andaina de roupa de sua filha morta, inclusivé um par de sapatos de coiro branco. E entrando no quarto, onde Favorita já estava preparada, com o seu luxo miserável, disse:

— Toma. Põe-te como tua mãe te deitou ao mundo; despe todas essas porcarias e veste-te de novo.

Favorita obedeceu, sem a menor relutância. Nua e erecta, as linhas modelares do seu corpo de estátua, sobressaíam na risosna luz da manhã, que entrava em triunfo, pela janela aberta. Assim, no meio do quarto, foi recebendo da mão da sua bemfeitora, nova camisa, outras meias, uma saia e um corpete largo, que se lhe não ajustava bem ao tronco delgado; porque Camila era mais corpulenta do que ela. E, sorrindo, comentou:

— Estou mesmo uma saloia do carnaval. Falta-me o lenço p'rá cabeça...

— É o traje duma rapariga séria. *Aquilo* — comentou com desprêso — prestará para se fazer uma fogueira. Sabes tu lavar uma roupa?

— Pois se a minha mãesinha — informou — ganhava dessa maneira a vida, em quanto não cegou.

— Então vais p'r'ó tanque do jardim com a do senhor morgado. Vamos a ver como fica.



Favorita com o seu vestuário novo, parecia outra. Quando saiu para o corredor, cirandava com donaire, em volta de si mesma, como uma piorra, mostrando-se de todos os lados, aos olhos já sorridentes de Januária.

— Se os de Alcântara me vissem neste preparo, o que diriam? — considerou.

— Que eras uma mulher de juízo. Mas não penses nos de Alcântara, esquece o que passou.

E levando-a a um quarto interior, apontou-lhe o cesto da roupa do patrão :

— Aí tens para o dia. Vamos a ver como te arranjas.

— Mas está muito limpa! — observou. O tal *gajo*...

— O senhor morgado — emendou a governanta com severidade.

— O senhor morgado — corrigiu-se arrependida — muda todos os dias de camisa?...

— Pois?!... — encarceu a governanta.

A rapariga, feliz, airosa, com o pequeno cesto na ilharga, as pregas da saia de baetilha batendo-lhe nas barrigas das pernas, acompanhou a velha criada de Manuel de Sá, atravessando o jardim, até ao tanque de cimento encostado ao muro.

— Aqui tens — instruiu Januária. Para encher, abre-se esta torneira, para despejar, estoutra.

— Mas como tudo é catita! Como a casa é linda, como o jardim é lindo! E isto aqui ao lado, que parece loja de modas do Chiado?

— É o laboratório, onde trabalha o senhor morgado com o ajudante.

— O laboratório! — considerou na palavra estranha. E que fazem eles ali dentro? — perguntou espreitando através da vidraça. Parece mesmo a botica do Barral, na rua do Ouro. Tantos vidros!

A governanta deixou a nova companheira entregue à sua tarefa, enquanto ia informar o patrão de tudo que se tinha passado. O químico sorria à narrativa ingénua e esperançada numa *conversa*, o que alegrava a consciência da velha, que afirmava com a mão no coração :

— Ainda Deus me ajude, em como faço isto cá de dentro. Não mereci a felicidade de ter comigo mais tempo a minha Camila, que morreu da idade qu'esta terá. O Altíssimo *poz-ma* no

caminho... quem sabe com que fim?! Altos desígnios! Quando me confessar hei de despejar todo o meu sentir.

— Tu, boa Januária, precisavas muito de quem te ajudasse. Talvez a rapariga preste. Vamos a ver. Poupa-te, já to tenho dito.

— No tempo da minha querida ama valia mais alguma coisa, valia... Ando agora cheia de não-presta. E vou-me outra vez ao tanque, que ela não faça trapalhada.

Quando Januária chegou, a rapariga tinha classificadas as peças de roupa e começava a molhar uma camisa, cujo fino tecido se lhe agarrava à pele do braço com brandura, moldurando-lho. A velha acompanhou, algum tempo e em silêncio, o trabalho, para tirar horoscópio da utilidade da nova criada, que ia tagarelado, enquanto estendia o sabão:

— A minha mãesinha, agora no inverno, lavava na ribeira de Alcântara e eu ia co'ela. Foi assim que aprendi. Muita gente a procurava no bairro, que não havia outra como ela de geitosa, para êste e outros serviços.

— E porque não seguiste a vida de tua mãe, logo que ela cegou.

— Isto de vida é um calhar, entende a senhora? Eu era uma petiza, quando ela principiou a não ver. Só pensava na brincadeira, os rapazes chamavam-me p'r'aquelas terras da Fábrica da Pólvora, e vai eu ia com êles. Aí é que principiou o mal. Gostava de andar à gandaia, que é melhor que trabalhar. Era uma petiza...

— E quantos anos terás agora?

— Isso não sei; mas pelo que ouvi, uns dezassete.

Manuel de Sá atravessava o jardim dirigindo-se ao laboratório; Favorita exultou apontando-o:

— Olhe, lá vem o que me trouxe! No escuro da noite não o vi bem. É um bonito senhor. (E dirigindo-se-lhe.) Lava-se esta roupa, que me mandou cá a patroa.

— Fazes bem, fazes bem... — disse, passando com a testa cheia de preocupações.

— Leva a viseira carregada. Êle é sempre assim triste?

— Não, rapariga. Deve-lo tratar por senhor morgado. Êle é o patrão, eu uma criada como tu...

— Eu, como a senhora?... Isso, quem dera! Dava uma perna ao diabo, se fôsse como vocemecê.

Continuou solícita e metódica, molhando primeiro a roupa

até a embeber, antes de lhe aplicar o sabão, que estendia sobre o tecido, bem espalmado, no lavadouro de pedra. Alongava o braço magro, mas bem torneado, a todo o comprimento, com geitos graciosos de tronco; retraía-o para levar a mão a todos os pontos. Insistia para dissolver qualquer pequena nódoa, apanhando o tecido entre os dedos esfuseados, como dedos de anéis. Januária acompanhava-a com interêsse e satisfação, considerando:

— Não sei como não procuraste, mais cedo, casa para servir...

— Ora!... A minha mãe cegou de todo há mais de ano e meio. Eu não a havia de deixar só, coitadinha. As outras principiaram a levar-me de noite para ser *fadista*, como elas, e eu achava isto bem; porque arranjava alguns tostões, para não faltar comida, a quem ficava em casa, nem o cafésinho e a ginginha, de que a pobresita sempre gostou.

— E a tua mãe sabia para onde tu ias com *essas outras*? — pronunciou com desprêso.

— Nem o sonhava!... Dizia-lho lá! Depois que morreu o pai, é que deixou de trabalhar, quando de todo já não atinava com as cousas, nem com as ruas. Ela sempre entendeu que eu fazia recados e compras e lavava roupa como ela. Mas qual! Ia para pândegas de homens, um dos quais, muito mau, esteve para me matar com uma faca na última feira de Belem. Era um marujo. Ainda hoje me arrepio toda, quando o considero em cima de mim, com a ponta da faca perto da garganta... Nem me quero lembrar...

Januária, com a alma devota cheia de amarguras, seguia solícita e condoída a singela narrativa. Para o que uma mãe cria uma filha!... — insistia o seu pensamento. Antes a morte! Antes mil vezes a morte, à nascença!

— Onde é o secadouro? — perguntou Favorita, terminado o trabalho.

Indicou-lho com um gesto mudo. Eram uns arames por trás do laboratório, onde dava o sol durante todo o dia.

TEIXEIRA DE QUEIROZ
(Bento Moreno)

Instituto de S.^{ta} Isabel

(INSTITUTO MÉDICO-PEDAGÓGICO DA CASA PIA DE LISBOA)

1917-1918

Palavras proferidas numa pequena festa comemorativa da chegada dos primeiros mutilados portugueses da grande guerra.

MINHAS SENHORAS :

MEUS SENHORES :

SOLDADOS :

Há um ano nesta casa deram entrada os primeiros mutilados da guerra, quasi como se fôsem réus de alto crime ou mendigos que convinha recolher. A cidade recebeu-os com uma piedade tendenciosa que visava como a condenar a guerra. Vinham uns deprimidos, outros revoltados e até à porta desta casa não encontraram, pode dizer-se, senão quem os lamentasse e lhes desse esmola, talvez por mera compaixão.

Hoje, por toda a parte, os aclamam, e ao festejar a paz, ou aclamar a vitória, o mutilado da guerra é entusiásticamente aclamado. Mais não será preciso dizer para medir o caminho que se andou e a obra que se fez.

Bem posso, comovido e reconhecido, lembrar e consagrar no dia de hoje, os nomes daqueles com quem nas primeiras horas difíceis me encontrei e a quem mais se deve esta profunda transformação: as enfermeiras que ainda incertas do seu futuro aqui acorreram, a família Rodil e os alunos da Casa Pia Américo e Simões, que interpretando excelentemente o meu desejo, trabalharam com a ajuda de todo o pessoal da casa, para fazer o que ela é, o que eu quero que ela seja, mais hospital que quartel, e mais lar que hospital.

Mas acima de todos, eu devo relembrar o nome do colega José Pontes, que no jornal *A Capital* criou a atmosfera de que pode dizer-se resultaram todos os benefícios, todo o prestígio de que hoje os mutilados gosam. Tão grande foi a obra que nela hoje se encontram interessadas, sem que se possam distinguir pelas opiniões ou intenções, pessoas dos mais apartados credos e das mais extremas e diferentes classes sociais.

Ainda justo é que ao falar daqueles que nos momentos mais difíceis encontrei a ajudar-me, eu cite o nome do dr. Francisco Pinto de Miranda, que graciosamente durante meses, como amigo, fez os primeiros aparelhos de

OS NOSSOS ARTISTAS E OS MUTILADOS DA GRANDE GUERRA

I



(Desenho de Eduardo Romero)

marcha dos nossos mutilados da guerra, ajudado pelo soldado Bastos, que ganhando então apenas o seu simples *pret*, montou a nossa primeira oficina.

Tanto fizemos, que hoje, sem risco de ser incorrecto, eu posso associar, para testemunhar o meu agradecimento, os nomes de todos os ministros da guerra, de novembro de 1917 a novembro de 1918!

SOLDADOS :

Talvez que no vosso espírito, estas festas que vos fazem, que vos consagram, pareçam de difícil justificação. Festejam-vos o que considerais desgraça como se ela fôsse benefício ! Até parece que se regosijam com o vosso mal ! Não, soldados ! as festas que vos dedicam é para vos alegrar, para os fazer esquecer o sacrifício que experimentastes, e para ao mesmo tempo vos dizer que vos estamos muito gratos, porque se hoje o nome da nossa terra figura entre os daqueles que libertaram o mundo e todos, até vencidos aclamam, a vós e aos que como vós se bateram e sacrificaram, em grande parte se deve.

Bem sei que vos há de suceder o que a mim me sucede. O dever impele nos, a obrigação envolve-nos, a tarefa executa-se e nós que nos sentimos fortes para a executar, trememos, tímidos e comovidos, quando nos elogiam a obra ! Sois como o mineiro que, com sacrificio da vida e da saúde, arranca o ouro à rocha, sem que sonhe, nem vêr, nem possuir a joia que com êle se fará e que mãos inúteis e sem fôrça orgulhosamente ostentarão !

SOLDADOS :

Pela Pátria na guerra vos sacrificastes. Pela família e pela Pátria, na paz deveis continuar a sacrificar-vos.

Deveis ser como as mães que embora tendo gerado os filhos no meio das dores mais atrozes, os bemdizem e que mal acabam de sofrer, fracas ainda, mas alegres e valorosas, se preparam logo para por êles se sacrificarem e batalharem a vida inteira !

Contai connosco, soldados ! Contai connosco para vos ajudar !

Esforçai-vos por retomar o vosso lugar na sociedade e na família. A Pátria reconhecida vela por vós !

Viva a Pátria !

Viva a República !

A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA
Director da Casa Pia
e do Instituto Médico-pedagógico de Lisboa

partes dos países envolvidos na guerra, devido ao estado de guerra, que impediu a circulação normal de mercadorias e a realização de negócios ordinários. Logo depois, que hoje são raras de se encontrar, os livros de todos os ministros da guerra de novembro de 1911 a novembro de 1912.

O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra

A PROPÓSITO DO SEU ÚLTIMO LIVRO *A LUTA PELA IMORTALIDADE*

Um caso curiosíssimo de médiumismo — o cruzamento de duas comunica-



ções simultâneas em dois pontos afastados do planeta, Lisboa e um hospital militar da Flandres — forneceu ao Dr. Leonardo Coimbra o motivo central para um novo livro.¹

Um novo e bellissimo livro, êste, em que o escritor, mais uma vez, brilhantemente expõe o seu vigoroso pensamento filosófico, naquele seu originalíssimo estilo, duma tão sedutora viveza, amorosamente comunicativo, rico de emoção e transbordante de sugestões, plasticizado num fluxo contínuo de imagens cativantes, harmoniosas de coloração e de luz.

E a par desta riqueza de estilo, que absorve o leitor como que na fluidez, maravilhosamente policró-

mica, dum daqueles sonhos pedidos ao ópio de que nos fala Tomás de Quin-

¹ Edição da «Renascença Portuguesa», Porto.

cey, — há a concentrada e severa atitude duma alma séria de sábio, perscrutando a natureza nos seus misteriosos recessos, na esperança de contribuir para uma mais ampla experiência humana.

E há a comovida e admirativa atitude duma alma de poeta, comunicando e simpatizando com a universalidade dos seres, deliquescendo-se em emoção diante do estremecimento duma corola sensível, que desmaia ao primeiro beijo do sol-nascente.

E há a agradecida e ajoelhada atitude duma alma profundamente religiosa, embriagada de Mistério, comungando, num êxtase, o pão ázimo da revelação divina.

E por isso mesmo, por nesta curiosa individualidade literária do nosso país — honra nos seja feita! — quasi podermos separar essas três personalidades diversas (e todavia admiravelmente equilibradas na sua totalização harmónica). . . — por isso mesmo é que o pensamento filosófico de Leonardo Coimbra nos aparece completo, num todo uno de verdadeiro sistema, com a sua teoria do conhecimento, a sua estética, a sua ética e a sua metafísica.

Tais temperamentos, todos o sabem, são duma raridade desesperadora — ou, talvez diga melhor, duma raridade afinal reconfortante.

Não falando já do divino Platão — sábio, poeta, político e santo — por muito remoto no tempo, aparecem um Guyau, um Renouvier, um Bergson . . .

E quem mais?

E Guyau, o adorável moralista que pôs de bem com a vida o pensamento filosófico francês do último século, abraçando o Universo num pan-vitalismo obscuro, deixa-nos absortos no meio duma caótica excedência de vida, como o viajante que, descendo das solidões agrestes da sua serra, de súbito se encontra, sem norte e sem guia, no desconcertante tumulto duma cidade-inferno.

Bergson, o filósofo-artista de maravilhosa dialéctica, o observador de agudíssima perspicácia, quasi se confina nos limites duma teoria do conhecimento, original pelo ponto de vista em que o grande mestre francês se coloca, mas cujas sugestões mal nos fazem entrever os pontos culminantes duma longínqua moral, de que o filósofo nem sequer tentou ainda os lineamentos.

No entanto, eu mesmo tenho ouvido a Leonardo Coimbra, em conversas, confessar gratamente quanto deve ao admirável dialéctico francês, pelo *quantum* de sugestões e pelo *quid* de método que na deliciosa frescura da sua exposição sôfregamente bebeu.

É neste sentido, e só neste, que poderá dizer-se que Leonardo foi discípulo de Henri Bergson.

A actividade dêste, como disse, quasi só se tem exercido nos domínios da teoria do conhecimento, e, na teoria do conhecimento, as diferenças de doutrina entre um e outro são profundas.¹

¹ A crítica do bergsonismo ficou admiravelmente feita numa das obras do Dr. Leonardo Coimbra, *O Criacionismo*, não só em parágrafo especial, como ainda através de todo o livro. Com vista aos que consideram o filósofo português como um discípulo fiel e submisso de H. Bergson.



Já no seu primeiro livro, *O Criacionismo*, o Dr. Leonardo Coimbra nos oferecia um sistema completo de filosofia, ainda que em rápido escôrço.

Pelo fim a que se destinava êsse trabalho (era uma tese de concurso) e pelas circunstâncias opressivas e coercitivas em que foi escrito ¹, o autor teve de se alongar na análise do conhecimento científico, e sobretudo na parte demonstrativa, pois que precisava de consolidar, perante o mundo científico, as bases sôb que devia erguer a poderosa construção do seu pensamento filosófico. Tendo de completar a segunda parte do seu trabalho, a « síntese metafísica », num curtíssimo lapso de tempo (todo o livro, de 311 páginas em 8.º grande, foi escrito e impresso em dois meses), a exposição teve de ser muito condensada, comprimida, quasi que só acessível aos entendidos.

E desgraçadamente, ainda assim, parece que o não entenderam aqueles a quem cumpria entendê-lo.

Foi preciso que a crítica francesa e a crítica espanhola concedessem o *brevet* de filósofo a Leonardo Coimbra, para que o indígena, de arregalados olhos, atentasse na obra de real valor que da pena dum português de real valor havia fluído.

Justiça seja feita à gente que lê neste país, tão desabituaado de coisas de filosofia — a primeira das belas-artes, no dizer platónico — a edição do *Criacionismo* está esgotada ou quasi esgotada.

E êste é o momento de recordar aquella asserção perentória de Sampaio Bruno, ao comêço da sua *Idea de Deus*. Caluniando-se bastante a si próprio, o escritor negou à gente portuguesa capacidade bastante para as altas especulações filosóficas.

Não lembrarei a ascendência portuguesa do grande Spinoza, o mais consequente de todos os dialécticos. Não me referirei a outros pouquíssimos portugueses que filosofaram.

Apenas farei notar que qualquer engenho que, no nosso meio, houvesse surgido, com reais aptidões especulativas, fatalmente teria encontrado a morte pela asfixia. E que outra cousa poderia suceder num país em que, até muito recentemente, o ensino da filosofia foi privilégio da portuguesíssima casta dos padres-mestres? Ensino que jamais conheceu outros moldes que não fôsem os do escolasticismo, que dos seminários transitou integralmente para as seminarecas aulas dos liceus, gastando-se ingloriamente nas discussões estéreis da silogística aristotélica e evitando todo o comércio com a moderna actividade científica — que outra não pode ser a base de tôda a construção filosófica.

A esta sôbrevivência dum arcaico escolasticismo, junte-se a brusca passagem, pela altitude do ensino superior, nas faculdades e escolas técnicas, para um positivismo à *outrance*, que flutúa, ainda hoje, entre Comte e Spencer, e, neste momento, se vai instalando cómodamente num falso monismo materialista à *Le Dantec*.

¹ Quando compunha êsse estudo, Leonardo passou por um transe angustiosíssimo: a morte dum filho querido.

Ignora-se Renouvier, ignora-se Guyau, ignora-se Fouillée, mal se conhece o nome de Boutroux, sabe-se vagamente que existe em França um tal Bergson, que faz conferências de carácter filosófico a que assiste *todo Paris*.

Desconhece-se toda a magnífica vitalidade da filosofia francesa. E a bibliografia filosófica desse povo privilegiado é vastíssima!

Não quiere isto dizer — de modo algum — que haja raças ou povos caracterizados pelas suas tendências ou aptidões filosóficas, como não há povos de músicos ou povos de poetas.

Se existem realmente dinastias de músicos, de pintores, de poetas, nunca essa generalização se pode alargar a todo um povo.

O meu visinho germanófilo lembra-me, neste momento, os alemães. O grande Kant, admirador estrénuo e discípulo de Rousseau na concepção ético-política, era filho de um correio de origem escocesa, e tem o seu homólogo em França — o grande Descartes.¹

O génio artístico ou filosófico não é apanágio dum povo ou dum tipo racial; pertence à humanidade e é característica individual, sendo contudo função do estado de cultura do povo em meio do qual surgiu. Os gregos, entre os quais se produziu o mais intenso e mais belo movimento filosófico e artístico da antiguidade, não constituíam — todos o sabem — um povo único, mas povos diversos, com características raciais diferentes, embora proximamente aparentados. Mas a cultura helénica era então a mais florescente do planeta. E, quanto ao grau de cultura, a hegemonia não é hoje exercida pelos franceses, pelos ingleses ou pelos alemães, mas pela grande confederação do Ocidente da Europa, como muito bem viu o Sr. Dr. Teófilo Braga.

É pois provável que mais cedo tivesse aparecido entre nós um ou outro espírito de reais aptidões filosóficas, se a incultura do meio, favorecida pelo ensino oficial, a isso se não opuzesse.

O espírito de Antero — ninguém o contestará — era na verdade propenso às especulações metafísicas. Derivou para a poesia.

Para que uma inteligência dessa tèmpera ascendesse às cumiadas onde o génio filosófico se alcandora, necessário seria romper as ligações que porventura o prendessem à campina rasa do meio ambiente, como Descartes, alando o seu espírito de eleição acima das cátedras, impantes de soberba, em que a Escolástica roufenhamente preleccionava, quebrou as algemas que pretendiam manietá-lo.

Leonardo Coimbra, que bebeu com o leite materno o ar puro das montanhas, que passou a infância na contemplação de largos horizontes, convivendo com o céu, porque o sentia bem perto de si, desceu um dia à Cidade, onde pululam os homens sem ideal, acotovelando-se, degladiando-se por vis e mesquinhos interesses de momento, passou pelas escolas onde se aborreceu e *sorriu* . . . Voltou à montanha natal, rico da experiência dos homens e mais rico ainda dos ensinamentos que, à custa do seu próprio esforço, pedira aos filósofos, através das centenas de volumes que lera.

Em face da crista longínqua do Marão, hieráticamente erguido aos céus

¹ Entre os nossos diletantes da filosofia, esco'ares e extra-escolares, tem-se acentuado um culto quasi exclusivista pelo alemão Wundt. Vem a pêlo lembrar que a crítica do wundtismo, dum admirável *esprit de finesse*, ficou feita em lingua portuguesa neste novo livro, *A Luta pela Imortalidade*.

na sua dramática atitude de montanha sagrada, dilatou o peito vigoroso, sorveu de novo o ar purificante das serras — e iniciou-se no almo Mistério universal.

Não há muito ainda que visitei, em companhia do filósofo, êsses lugares de repouso arcádico. E senti que a alma se me dilatava, como se quizesse difundir-se na alma infinita do cosmos.

Nessas paragens de silêncio e de pletórica vida vegetal, o silêncio se impõe. E Leonardo, o orador de verbo fácil e brilhante, o conversador adorável que através das ruas, de passeio, ou à mesa dum café, incessantemente troca Pela sua palavra de oiro o oiro do seu pensamento — emudecera, olhos perdidos no além.

Silêncio! E, no entanto, pressentia-se o transcorrer das seivas pelos caules e pelas folhas . . .

Em tudo se revelava a grande ansiedade de viver, a suma alegria de sentir-se viver!

E a nossa consciência humana desindividualisara-se, porque se integrara e deixara embalar na harmonia suavíssima do concêrto cósmico, na sociedade afável e inefável das Mónadas.

O meu amigo calara-se — mas a sua alma, sempre desperta e activa, revivia decerto as páginas maravilhosas da *Alegria, a Dor e a Graça*.

E em mim fizera-se a luz: na serenidade olímpica dêsse momento de revelação, compreendera a génese e evolução de todo o seu pensamento filosófico.

* * *

Sociedade afável e inefável das mónadas — convivência simpática e silenciosa de actividades conscientes, fundindo-se, em virtude dessa mesma sociabilidade, na *unidade de consciência* que é Deus, Mónada das Mónadas.

No seu *esfôrço* lamarkista para a consciência, a mónada procura pôr-se de acôrdo com a universalidade dos seres. Atingido êsse acôrdo, o pensamento passa a trabalhar com o formalismo dos conceitos construídos.

Ao contrário do que sucede com as mónadas de Leibnitz, duma independência absoluta, encerradas em si mesmas, *carecendo de janelas* — aqui, as mónadas convivem, criando incessantemente novas relações, mais apertados laços que mais e mais as unem, na tendência para o universal acôrdo, para a consciência una e perfeita. Solidariedade amiga, que «garante a harmonia e permanência do universo».

Assim, a realidade é incessante criação.

O pensamento é criacionista, «porque a sua adaptação à vida é obra da sua liberdade efectiva, isto é, da sua solidariedade».

A tendência para persistir no próprio ser (Spinosa) é aqui substituída por uma darwinista *luta pela imortalidade* — mais ampla, mais sedutora, mais moral, pois que reclama e pressupõe progresso.

O pensamento científico, «procurando o que é sôb o que aparece e foge», é consciência que se retoma e torna lúcida no fluxo das sensações.

É um dos modos da experiência, mas não o único, como pretende o scientismo. A arte é um outro modo da experiência: é «a vida que se ensaia em novas criações e formas».

Como Guyau, Leonardo Coimbra afirma que a arte é eminentemente social. Como a ciência, ela estabelece relações, «liga fios condutores entre as cousas».

As grandes linhas da Unidade, que a ciência traduz, são — diz Leonardo — «o arcaboço da realidade, a ossatura dos mundos. A emoção orgânica da piedade, que ressoa nas vísceras, é pela Arte colorida de universalismo, feito o próprio amplexo dos seres que se conhecem e irmanam».

Ela é, também, «uma grande obra de simpatia: procura as relações universais dos seres, a visão concreta da realidade». Eminentemente criadora, modifica a realidade. Sabe-se a acção que na vida exerce a moda. É o pensamento dos sábios e dos poetas que, no plano do sonho e da previsão, imprime os grandes impulsos às sociedades, num direccionismo progressista.

Aqui, o mesmo *esforço para a consciência*, a mesma *luta pela imortalidade*.

Arte e moral associam-se. Toda a actividade é moral ou imoral: moral, se procede no sentido da harmonia e comunicação; imoral, se no sentido da indiferença e do isolamento.

É imoral toda a vontade que pretende «cortar ou trocar relações sociais».

O dever não é um imperativo categórico, como queria Kant, nem é um facto, mas uma acção, uma escolha da vontade. É relativo, «porque é um permanente andar de companhia com o mais íntimo sentido das almas e das vidas».

E aqui se revela a verdade das democracias. «A Justiça social consiste na substituição dos vários subjectivismos individuais por uma objectividade social, que seja o igual condicionalismo para o desenvolvimento de cada pessoa».

O conceito de experiência é assim ampliado: prolonga-se, para além do conhecimento conceptual ou científico, na experiência estética e na experiência moral. E d'este alargamento resulta a experiência-síntese, a experiência filosófica ou metafísica — dinâmica, criacionista, vital.

Ora, pela altura da ciência psicológica, na escala hierárquica dos domínios científicos, há um capítulo — o dos factos obscuros de psicologia normal — em que a experiência está por fazer. Êsses factos correm sôb rúbricas diversas: hipnotismo, sugestão, telepatia, psicomетria, mediumidade. Maeterlinck agrupou-os recentemente sôb a rúbrica demasiado geral e demasiado simplista de — *o hóspede desconhecido*.

É sôbretudo a última série d'esses factos obscuros — as manifestações mediúnicas ou espiritistas — que mais tem desconcertado a investigação científica, quando se trata da sua interpretação.

Se a experimentação, no significado científico da palavra, viesse um dia a provar rigorosamente a persistência da memória pessoal para além da morte, o sistema metafísico de Leonardo Coimbra receberia uma confirmação perentória.

Eis porque êle, nos últimos tempos, tem consagrado uma grande parte do seu tempo a tão curiosas como perturbantes investigações. Nesses trabalhos o tenho acompanhado sempre, numa acêsa curiosidade de estudioso.¹

¹ Foi esta curiosidade de estudioso que me levou a tentar, pessoalmente, a escrita automática. Desejava estudar o processo segundo o qual se faz a montagem d'esse meca-

Foram inúmeras as experiências tentadas, tendo havido sempre o cuidado de eliminar todas as causas de erro, que pudessem conduzir a uma falsa interpretação. Os resultados foram sempre de uma mediocridade desesperante, até que, no dia 2 de maio último, Leonardo obteve uma *comunicação* devéras perturbadora.

O *médium* era Abílio Viegas, então meu aluno e aluno de Leonardo Coimbra na 7.^a classe (letras) do Liceu de Gil Vicente.

O *espírito* presente diz ter sido um soldado português, natural de Viseu e morto em França, na frente, no reconhecimento de 1 de Janeiro. Como uma das respostas parecesse descabida a Leonardo Coimbra, que dirigia a sessão, o hipotético *espírito* declarou que tal resposta não era para o *médium*, pois estava comunicando com outras pessoas ao mesmo tempo.

Esta revelação era preciosa, pois que fazia prever a possibilidade duma comunicação cruzada, do género das intentadas pelo físico inglês Oliver Lodge.

Neste sentido foi dirigida a experiência. O *espírito* declarou não conhecer a pessoa com que estava comunicando além, e que êsse longínquo *médium* não escrevia, mas falava. Foi-lhe então dito que pedisse a êssoutro *médium* que escrevesse para «Leonardo Coimbra, Liceu de Gil Vicente, Lisboa».

Pena é que os estreitos limites dêste artigo me não permitam transcrever na íntegra toda a comunicação, que é muito significativa e devéras curiosa.

Leonardo esperou, durante dias, semanas, uma carta ou telegrama com a desejada confirmação. Seria mesmo de Portugal? Seria do Brasil ou de qualquer outro país distante, como o fazia crer a demora?

Finalmente, chegou-lhe às mãos uma carta de França, que fôra aberta pela censura e era assinada por Urbano Júnior, soldado do C. E. P., internado num hospital militar. ¹ É datada de 8 de maio, seis dias depois do recebimento da comunicação em Lisboa. Toda ela tem um acentuado sabor popular, como se pode ver por êste comêço: «V. Ex.^a por certo vai-se rir de mim e do que vou contar. Os meus amigos dizem que sou sonâmbulo e que digo muitas coisas, sem saber o que digo».

nismo. Consegui-o em parte, mas as *comunicações* que tenho obtido enfermam sempre dum mesmo defeito de origem: a minha consciência, sempre desperta e atenta *ao que vai produzir-se*, não permite a inteira submissão à fôrça estranha — se realmente a há — ou à plena e livre expansão do *eu subliminal*. A personalidade desdobra-se-me então em *sujet* e observador. Pois convencido estou de que as comunicações, por meu intermédio obtidas, procedem duma fácil e pronta dramatização do *subconsciente*. Tudo quanto elas dizem se encontrava já no meu espírito, quer presente na memória activa, quer em estado latente no *eu subliminal*, dando-se então um fenómeno vulgar de criptomnesia.

O mesmo não sucede já com as comunicações de certos *médiuns* que tenho observado, particularmente com Abílio Viegas, cuja probidade é atestada por quantos de perto o conhecem. O objecto das suas comunicações sai do quadro dos conhecimentos que possuem ou possivelmente possuíram. O caso narrado por Leonardo Coimbra é um dos exemplos mais frisantes dêste género.

Se me refiro a êste meu hipotético médiumismo é porque Leonardo a êle se refere também na *Luta pela Imortalidade*, tendo contudo o cuidado de advertir, em nota, que o meu scepticismo, quanto à interpretação, é, *pelo menos*, igual ao seu.

¹ Esta carta, bem como o sobrescrito que a continha, vem reproduzida, em fotografia, no livro de que venho falando.

Conta que estando a dormir, começara a gritar e a chamar gente para o ouvir, pedindo que escrevessem isto: «escreve para Leonardo Coimbra, liceu de Gil Vicente — Lisboa, por mandado de Augusto Vieira Sardinha . . . (Era o nome dado pelo hipotético *espírito* na comunicação de Lisboa).

E a carta termina assim: «Do que disse não me lembro, mas os meus amigos pediram para escrever. Não sei se é pessoa de família ou conhecimento, ou que o destinatário não exista. Se existir pedia para escrever . . . (etc.)».

A experiência é, das dêste género, a mais valiosa de que temos conhecimento. Espera-se que Urbano Júnior regresse a Lisboa, para que a confirmação seja completa.

Não só pela curiosa pormenorização desta verdadeira experiência de meta-psicologia, como ainda, e sobretudo, pela preliminar exposição do sistema filosófico de que apenas apontei uns ligeiros tópicos — o novo e bellissimo livro de Leonardo Coimbra é de molde a despertar o mais vivo e bem justificado interêsse.

ANGELO RIBEIRO.

Bacharel em Ciências Filosóficas.



Morreu Olavo Bilac, o poeta brasileiro que mais conhecíamos e amávamos em Portugal. A poesia brasileira sofre, com esta morte, uma grande perda, porque Bilac era ainda o mesmo lírico, de emoção profunda e de técnica perfeita, que foi na sua gloriosa mocidade.

Na sua obra não há um único sintoma de decadência: — a sua arte parecia possuir um condão de juventude perene. Era um espírito de suprema elegância e uma alma de encanto imperecível. Mas, se o lirismo brasileiro perdeu nele o seu mais alto representante, a língua portuguesa mais perdeu ainda: — porque êle era, no Brasil, o mais esclarecido e entusiasta defensor da sua vernaculidade e pureza. Os discursos feitos em Portugal, quando da última estada de Olavo Bilac entre nós — quer na Academia de Ciências, quer no banquete que a *Atlântida* promoveu e lhe ofereceu, quer no Teatro República, sôb a égide de Junqueiro, demonstram bem o seu culto pela língua portuguesa — laço indestrutível e eterno entre Portugal e Brasil, países que Bilac associava na mesma adoração filial. Permitimo-nos transcrever aqui algumas das suas palavras, então proferidas, como simples homenagem ao grande mestre e incitamento a todos aqueles que sinceramente defendem a causa, entre todas grande, da aproximação luso-brasileira:

NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, EM 30 DE MARÇO DE 1916

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ela viva como essas plantas inferiores, que subsis-

tem sem glória e sem martírios, como as algas errantes sôbre as águas, sem lar ; como as aeróbias, que se nutrem do ar, sem tentáculos de nutrição ; como as epífitas sem alicerce próprio, agarrando-se a rochas ásperas ; como as parasitas, que, hóspedes importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sôbre outros organismos generosos . . . Quero que ela seja uma dessas gran-



GUERRA JUNQUEIRO, OLAVO BILAC, PEDRO BORDALO PINHEIRO
E JOÃO DE BARROS

(Última fotografia do grande Poeta, inteiramente inédita, tirada em Lisboa)

des e belas árvores, de longas e profundas raízes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no âmago do solo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lágrimas, lavrado pelo sacrifício de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua copa livre, autónoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independência ; mas quero também que, com a sadia verdura das suas folhas, com a formosura das suas flô-

res e com o sumarento viço dos seus frutos, ela reconheça a fôrça do humus da terra de que se fez a sua seiva, e abençoê a nobreza dos séculos que a robusteceram.

Bem sei que comprehendereis e acolhereis com animação êstes sentimentos e estas palavras. Não estarieis aqui, se não fôsseis, como eu, amigos do passado.

Houve, na antiguidade, recessos religiosos, longe da animação das cidades, no seio de vales desertos, que se chamavam «bosques sagrados»; o de Dódona e o de Epidauro, na Grécia, e o de Vesta e o de Egeria, em Roma. Eram destinados ao culto das musas e das tradições, às Camenas e às Memórias, asilos de meditação e de saúde. As Academias de hoje são bosques sagrados, votados, como os antigos, ao estudo do presente e do passado, à ficção e à sciência, ao serviço da intelligência pela filosofia e à perfeição moral pela história. E enobrece-as cada vez mais a ancianidade que as sustenta.

A Academia Brasileira é nascida de ontem: foi fundada em 1896; mas já tem consigo um passado, de que pode ufanar-se: congénere e filha da vossa, já pode chamar sua a glória dos cento e trinta e sete anos de idade que a vossa conta.

A Academia Brasileira, ao nascer, quiz afirmar a sua filiação, e os seus sentimentos de fidelidade à cultura portuguesa; estatuiu que, dos vinte lugares dos seus membros correspondentes, dez sejam sempre ocupados por homens de letras de Portugal. Os mais illustres representantes da vossa literatura têm sido consagrados pela nossa eleição. O nosso carinho têm preenchido com justiça os claros que a morte abriu na lista. A citação dos nomes dos correspondentes actuais mostra que sabemos amar e chamar todas as glórias das vossas letras, querendo fazê-las nossas: Teófilo Braga, prodigioso e feliz operário, que, na abençoada velhice, tem a fortuna de ver acabado o monumento de mais de trinta volumes, que o seu esforço levantou em honra das letras e da civilização de Portugal; Guerra Junqueiro, poeta de cólera e de ternura, de ira e de meiguice, em cuja alma há sarças de fogo em que troveja um deus, e moitas floridas em que sonham rouxinois; Candido Figueiredo, forte arquitecto do *Dicionário Contemporâneo*, continuador mais venturoso de Costa Macedo, Pedro José da Fonseca e Bartolomeu Jorge, vossos académicos do século XVIII, mártires da lexicografia; Alberto de Oliveira, poeta e prosador de raro brilho, estrénuo advogado da união das duas Academias e das duas Pátrias; Eugénio de Castro, ardente cantor da Belesa e do Amor, em cujos poemas passam todas as formosuras femininas, do esplendor fascinante da sensual *Belkiss* à portuguesa suavidade da pura *Constança*; António Correia de Oliveira, o apóstolo dos *Autos*, das *Parábolas*, das *Orações*, centelha viva da terra, emanação natural do piedoso Portugal; Jaime de Seguíer, o fino orchestrador dos *Adágios e Alegros*, e cronista valoroso, que ora defende pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro a causa da cultura latina; António Feijó, a musa pastoril das *Líricas e Bucólicas* exilado para as brumas da Escandinavia; e Carlos Malheiro Dias, alma tecida de entusiasmo e de brandura, a quem, sôbre tantos livros de verdade e de sonho, deve a língua portuguesa essa obra prima de humanidade e de misericórdia, que se chama *A paixão da Maria do Céu*.

Outros nomes illustres, outros próceres vivos das vossas letras, historiadores, poetas, novelistas, críticos, não pertencem ainda à Academia Brasilei-

ra, só porque, infelizmente, a lei académica não permite a criação de novos lugares. Mas vivem todos êles, na admiração e no affecto que lhes votamos.

E, senhores, tendes gentilmente estimado e fidalgamente retribuido a nossa amizade. Ainda há poucos meses chamastes à vossa comunhão o presidente da Academia Brasileira, Rui Barbosa, fulgor do Brasil, honra de toda a América, mestre entre todos os que prezam o idioma de Camões.

NO BANQUETE DA «ATLANTIDA» EM 31 DE MARÇO DE 1916.

Um escritor português, João de Barros, e um escritor brasileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas páginas de encantadora literatura, tiveram um achado geográfico: encontraram essa misteriosa *Atlântida*, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmógrafos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um arquipélago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantásticos mapas da mitografia. . . . Um único dado preciso aparecia em todas essas indecisas citações: aquele esquivo torrão deveria existir no meio do Atlântico, a oeste de Gibráltar. . . . No meio do Atlântico? a oeste de Gibráltar? por consequência, entre a Europa e a América, entre Portugal e o Brasil. . . .

Para homens de sciência era pouco; mas para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o último dos milagres da poesia. O facto é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlântida*, em cujo seio verde e risinho dos dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrelado, tecido de sonho e de arte.

Novíssimo continente moral, de amor e de defeza, *Atlântida* liga o velho e o novo, e une principalmente Portugal e o Brasil, as duas pátrias eternamente irmãs. Êste banquete, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programa da admirável revista.

Todo o resto de vida que ainda terei no mundo, e uma outra vida nova que me fôsse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a dívida de que me oprimís. O que ontem me foi dito, na Academia das Sciências, e o que acabo de ouvir, nesta sala, é um universo que a minha alma não pode conter. Ao Brasil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos. A toda a minha pátria, aos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacíficos, a todas as almas que estão criando, em esforço, em sofrimento, em esperança, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, neste supremo instante de fervor patriótico e de luta sagrada, estende ao Brasil, através das águas imensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permití, senhores, que eu não dissipe êstes minutos de divina glória em palavras inúteis de agradecimento vulgar.

Não desejo que esta reunião seja apenas um «outeiro», como os que se realizavam nos pátios dos conventos, na era mais brilhante do Elmanismo — torneios frívolos, em que motes e glosas lampejavam sem ter ideias e morriam

sem deixar lembrança. Somos felizes, intensamente felizes, porque vivemos este ciclo heróico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epílogo do drama, sem ter visto as revoluções políticas, sociais e artísticas, que nascerão, em florações sublimes, desta trágica sementeira de sangue e de glória. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos agora, unicamente, *trovadores* sentimentais, como aqueles que, em lingua de *oc*, rimavam sonetos e pastorais inocentes; sejamos também *troveiros*, como aqueles que, em lingua de *oïl*, se dedicavam à alta poesia lírica, ao estro épico, ao louvor dos heróis e dos grandes gestos da bravura e da bondade. Não desejo que dêste ágape se diga que foi um arremedo do «Banquete de Platão», formosas mas fúteis divagações socráticas sobre o amor. . . . Nesta época, a arte pela arte seria uma monstruosidade moral. Irmanaram-se todas as tórres de marfim: todos os verdadeiros poetas, todos os depositários da chispa divina saíram dos seus ascetérios entre nuvens, e baixaram à esplanada em que se decidem os destinos da humanidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, meditemos e empenhemos a fôrça da nossa alma em cogitações dignas dêste momento.

Falemos da vossa literatura, que é a minha, espelho vivo, e vivo resumo de toda a nossa civilização. E falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete séculos. Vejo-o, trémulo fio de água, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbárie brava e intensa, desordenadamente viçando sobre as ruínas dos templos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portugueses, as lendas medievais, e Vasco de Lobeira, — o admirável «Amadís de Gaula», onde transluzem as grandes virtudes da raça, a fôrça e a generosidade, a fúria e o lirismo, o desinterêsse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores. . . . Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergástulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha líquida o infinito azul do céu. É a era clássica: três séculos de fecundidade e de magnificência: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. As margens do curso risonho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo desliza a corrente fresca, ressoa; cornamusas e charamelas enfeitam o ar com a sua harmonia ingénua; povoam-se os prados de bucolistas, de novelistas da Cavalaria, de rimadores de pastorais. É a idade da graça e da inocência, a primavera da lingua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e magestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, apresentando-se para próxima crise. É o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; surgem os autos e as farsas; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pleiada dão sangue e fibra ao idioma já feito. E ei-la, de repente, a crise. . . . O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidável das águas eleva-se, roda no ar, cascadeia em rebojos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em saltos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e rebôa, e desaba, e

cai, no auge da força, no supremo poder do sangue e do génio : é Camões que enche o século. (*Grande ovação.*) A calma, em seguida, e o remate e o pulido da obra : o seiscentismo, o culteranismo, e a Arcádia ; as tragi-comédias, e as comédias ; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elísio, a métrica incomparável de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos afluentes do Romantismo francês, como antes acolhera o subsidio dos acorrentes da Renascença italiana . os dramas românticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultraromânticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e depois, o naturalismo de Eça, e, emfim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz imensa, no radiante estuário. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horizonte sem fim. Vejo apenas as águas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus mestres, e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triunfais dêste glorioso rio da nossa civilização !

A toda a nação brasileira, à Academia Brasileira de Letras, a todos amigos de Bilac, a *Atlântida* envia a magoada expressão do seu profundo sentimento.

* * *

No próximo número, a *Atlântida* publicará um largo estudo sôbre a obra de Olavo Bilac.

Navarro da Costa

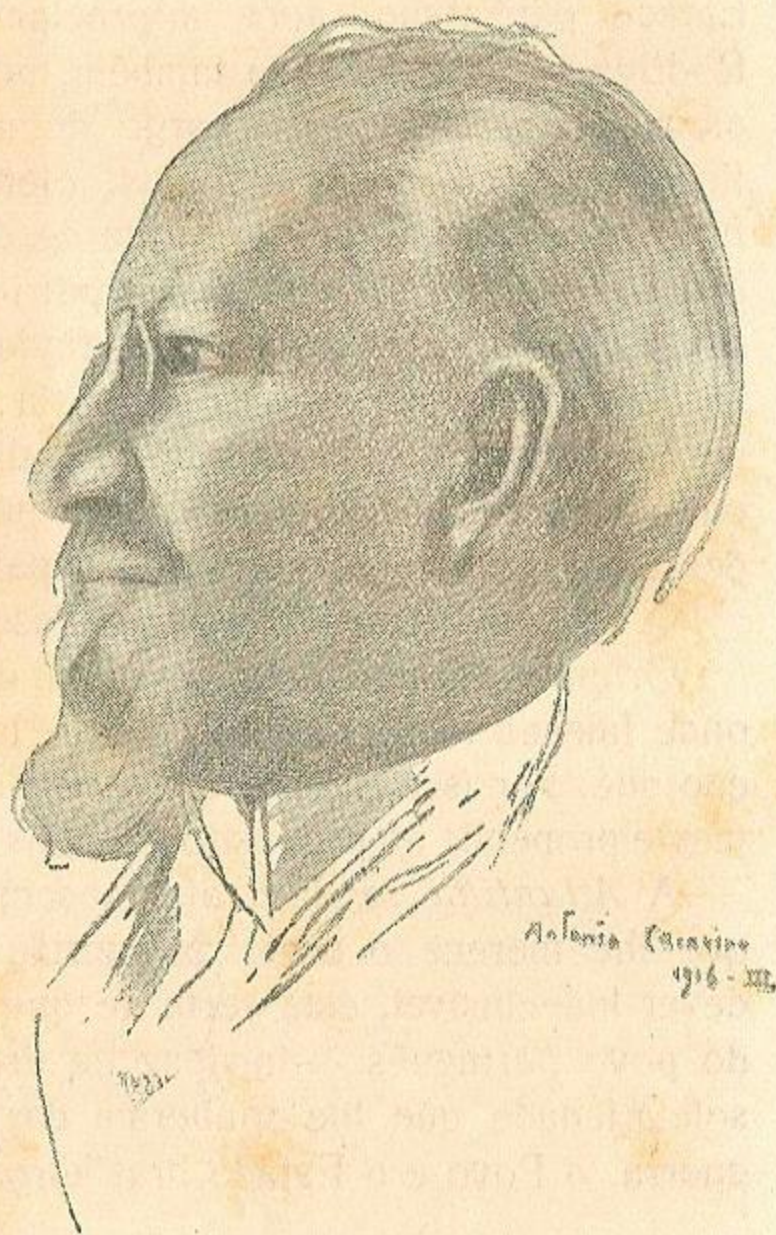
Navarro da Costa, o pintor ilustre que tantos amigos e admiradores deixou entre nós, não se esquece das provas de afecto que recebeu dos seus camaradas lusitanos. E é assim que, em novembro passado, realizou no salão do importante jornal fluminense *O Jornal do Comércio* uma conferência magnífica sobre a *Arte em Portugal*, conferência que obteve um êxito excepcional, e em que o nosso querido amigo demonstrou brilhantemente a comunidade de sentimentos e de aspirações que ligam os dois países fraternais em matéria de arte e de idealismo. A *Atlântida*, que espera poder publicar em breve o trabalho notável de Navarro da Costa, de longe o saúda pela sua atitude nobilíssima e faz votos para que o entusiasmo e a fé de Navarro da Costa numa mais estreita solidariedade luso-brasileira — entusiasmo e fé que tantas vezes êle expandiu em conversas e artigos publicados em Portugal e até nestas mesmas páginas — não esmoreçam nunca no seu coração, pois a inteligência e a sinceridade que põe no seu apostolado é bem necessária à causa que esta revista defende, e que deve ser a causa bem amada de todos os verdadeiros patriotas brasileiros e portugueses.



Revista do Mês

RODRIGUES ALVES

Durante a forçada suspensão da *Allantida* deu-se um acontecimento a que não podemos deixar de nos referir: a terminação do mandato presidencial do snr. dr. Venceslau Braz, cujas altas funções de supremo magistrado da República Brasileira acaba de tomar, pela segunda vez, o snr. Conselheiro Rodrigues Alves. O homem verdadeiramente ilustre, que é hoje o representante da grande nação irmã, é, entre os brasileiros insignes que compõem a *élite* cívica e mental da sua pátria, um dos que mais fervorosamente amam o nosso país, até pelos directos vínculos de sangue que a êle o prendem. Homem de Estado, na mais lata e nobre significação do termo, o snr. Rodrigues Alves tem já hoje o seu nome imperecivelmente ligado às profícuas e admiráveis realizações que, nestes últimos vinte e cinco anos,



marcam, verdadeiramente, a entrada definitiva do Brasil na fase esplêndida da sua construção nacional. Eleito presidente da República para o quadriênio de 1902-906, o snr. Rodrigues Alves, chamando para o seu lado os melhores colaboradores, — e não foi êsse o menor serviço que o seu país lhe deve — impulsionou activamente o progresso total do Brasil, sendo, sôbretudo, memorável, a transformação porque passou o Rio de Janeiro, libertado, mercê da acção decisiva de Oswaldo Cruz, dos miasmas palustres e da malignidade das febres. Se a capital brasileira é hoje, sem sombra de dúvida, uma das mais belas cidades sul-americanas — e de todo o mundo — essa glória deve-a em última análise, ao glorioso estadista que é hoje, de novo, com os votos reconhecidos da nação, o seu chefe de Estado. Deputado e governador da província de S. Paulo no tempo do Império, e, por duas vezes, presidente do Estado paulistano, após a proclamação da República, o snr. Rodrigues Alves exerceu também, por duas vezes, e com a mais elevada competência, o cargo de ministro da fazenda, sendo, finalmente, como já dissémos, eleito presidente da República, funções estas que desempenhou desde 1902 a 1906, com o maior lustre e vantagem para a sua pátria. Reposto agora nesse alto cargo, neste momento em que, finda a guerra, tantos problemas se acumulam para as nações, o snr. Rodrigues Alves surge aos nossos olhos como o símbolo vivo da política de efusiva e profícuca aproximação luso-brasileira, a que temos dado, modesta mas dedicadamente, o nosso exfôrço apaixonado.

O snr. Rodrigues Alves é um dos maiores amigos de Portugal.

Oriundo de minhotos, — seu pai era natural de Ponte de Lima, onde faleceu não há muito ainda — tem pelo nosso país uma afeição que, por isso mesmo que é enternecida e carinhosa, naturalmente propende ao propósito das mais benéficas concretizações.

A *Atlantida* saúda-o affectuosamente e com todo o respeito que lhe merece o chefe da querida nação irmã. Cumprindo um dever indeclinável, está certa de que interpreta fielmente o sentir do povo português, — incapaz de esquecer as provas de tocante solidariedade que lhe souberam dar, perante as vicissitudes da guerra, o Povo e o Estado brasileiros.



ARTE E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DE HELENA ROQUE GAMEIRO

Talento, mocidade, verdadeiro instinto de beleza, e uma técnica prodigiosa que não foi, decerto, somente bebida no ambiente de arte em que de pequena se criou D. Helena Roque Gameiro, mas que é um dom supremo da artista — eis o que podemos admirar na sua pequena exposição, amorosamente aninhada no atelier da Rua de D. Pedro V. A *Atlantida* a ela se referirá largamente, assim como às outras exposições realizadas nos últimos meses. Hoje quiere, apenas, saudar com especial carinho a arte sincera e doce, tão feminina no seu encanto, tão perfeita na sua espontaneidade, que dá a Helena Roque Gameiro o direito de se considerar legítima herdeira do grande artista que é seu Pai — com qualquer coisa a menos de segurança no *métier*, com qualquer coisa a mais de graça e de lirismo. . . Quando se vê unir assim a juventude e o talento — entrelaçando-os tão intimamente que um parece o espelho fiel da outra, de tal modo há leveza, ternura e sonho nas aguarelas expostas — não se deve somente pensar, como disse o filósofo, que o talento é a mocidade perene: — mas, ainda, que a mocidade é um talento a mais, capaz de todos os triunfos e certo de todas as vitórias.



Para o próximo número reservamos as exposições de Alberto de Sousa, de Carlos Reis e seus discípulos e de aguarelas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

ARTISTAS DO NORTE

EXPOSIÇÃO ARMANDO DE BASTO

O snr. Armando de Basto realizou em julho deste ano, na galeria da Misericórdia do Porto, uma exposição de pintura. Depois de no Porto se haver apresentado duas ou três vezes só e na companhia de outros artistas, como um modernista de qualidades, o snr. Armando de Basto apareceu numa exposição do que a crítica conservadora poderia chamar arte séria, e nos seus 46 trabalhos — óleo, desenho, cróquis e aguarela — firma-se realmente um temperamento de pintor que o parisienismo do «retrato extravagante do escultor Diogo de Macedo» e o sincromismo dos seus carvões de reconstituição histórica não conseguem desvirtuar e que é, mercê da sua visão serena e proba e do iniludível localismo da sua côr, um pintor português, pelo muito que dentro duma estética moderna, o seu tradicionalismo se mantém íntegro e vivo. Retratista — e não podem esquecer a quem viu a exposição —, as três

telas *M.^{lle} Carré, Dr. Pedro Vitorino e o pintor Alberto Cardoso*, o snr. Armando de Basto realisa sem esforço a verdade do impressionismo e a sua nobresa de processos, compensa bem de qualquer deficiência de técnica a notular. Paisagista, a luz exerce sobre êle a sua sedução irresistível e da sua visão harmoniosa e pessoalíssima resulta perfeito o *carácter* dos seus quadros. E assim é que a alma das velhas ruas e das pedras velhíssimas, o pitoresco das coisas e das figuras, a ternura do arvoredado e o luminoso espírito das águas, tudo o que é emfim a realidade estética da vida, o snr. Armando de Basto obteve dar nos seus quadros «Largo do Eirado», «Escadas do Barredo», «Azeinho», «O Douro visto do Seminário» e outros.

A arte portuguesa conta pois mais um pintor português que pinta com luz, perspectiva e valores, sem querer desculpar-se com as preocupações psicológicas que têm justificado em Portugal tanta falta de real talento.

O «DESTERRADO» DE SOARES DOS REIS

Por determinação do sr. secretário de Estado de Instrução Pública vai ser fundida em bronze a célebre estátua de Soares dos Reis, *O Desterrado*, que, em gesso, por sinal já bastante deteriorado, constituiu uma das obras mais belas a admirar no nosso Museu de Arte Contemporânea.

É uma medida justa. *O Desterrado* de Soares dos Reis é com mais dois ou três trabalhos do gloriosíssimo escultor e a *Viuva* de Teixeira Lopes, uma das poucas obras primas da estatuária portuguesa.

O MÊS LITERARIO

PEDRO, O CRÚ, drama em 4 actos por ANTÓNIO PATRÍCIO, edição da *Allantida*

Falando do *Serão Inquieto*, Fialho de Almeida marcou em António Patrício *uma pena de remige larga e maravilhosa fôrça evocatriz*.

Essa pena escreveu as páginas fulgurais de *Pedro, o crú* compondo os dialogos sonâmbulos em que as figuras são todas estátuas velhas falando a propria linguagem do tempo e de seus dois irmãos loucos: o amor e a morte, e pintando os quiméricos scenários de quadro shakesperiano em que têm alma o luar, as árvores e a chuva e na harmonia da noite, as lagrimas das coisas nascem da mesma dôr misteriosa que é a musa desolada das falas tristes dos homens.

Os quatro actos da tragédia, a que não falta vôo simbólico admirável, à maneira dos gregos — como motivo triunfal o Amor eleva-se para além da Morte, — são obra de um músico-prosista que tudo sacrifica à beleza da forma. Mas além das suas superiores faculdades formais que vêm desde os versos do *Oceano*, Patrício tem um mago poder de penetração e vibração subtilimas ante a paisagem assumindo porporções de domínio criador, apto a construir, para além da vida real das coisas, um mundo novo e único, em que às almas se consente a libertação da propria humanidade.

A figura de Pedro primeiro, o rei da morte que foi justiceiro e monteador e as mais que se erguem em seu redor, tocadas pela sua alucinação de amor

e de tragédia, colocou-as o artista num cenário irreal de história e lenda, propício à transfiguração das almas.

Certo que o poema dramático, rico de sugestões de uma estranha Beleza evocativa, não tem viabilidade teatral. Onde o barro humano privilegiado a que soprar os sentimentos das figuras do drama para poder reproduzir depois a sua linguagem de imaginário enlêvo?

O EFEMERO E O ETERNO por JOAQUIM MANSO, edição da *Atlantida*

No *Livro de Moralidades* e na *Alma Inquieta* feitos de pedaços como êste, a cujo título não pode escapar uma intenção crítica, Joaquim Manso reuniu as suas observações, os seus raciocínios e os seus comentários, artigos, conceitos e simples frases que à margem da vida um homem de pensamento culto e de personalidade intelectual e estética julgou de sua obrigação formular. *O Efemero e o Eterno* continuando a aparência fragmentária das suas obras anteriores consegue, porém, ter unidade, a unidade que a guerra, como um facto universal, mais ainda pelo seu significado e pelas suas conseqüências de ordem ideal, do que pela sua enormidade, imprimiu ao mundo, condensando em si todas as aspirações humanas de uma vida melhor. De facto *O Efemero e o Eterno* é sobretudo a visão elevada do período que ora finda, desde o seu sentido humano e real, até à transcendência da renovação ideal que vai surgir.

Escritor que sabe pensar e sôbre os acontecimentos erguer as visões seqüentes da vida, Joaquim Manso que à nobreza do seu pensamento junta o vigor inconfundível do seu estilo, preencheu com o *Efemero e o Eterno* um logar que estava vago.

Sôbre a guerra havia em português páginas de empolgante e vivida realidade — Augusto Casimiro e André Brun — versos, e crónicas de jornalistas de relêvo — Augusto de Castro, Adelino Mendes, Bourbon e Menezes, Albino Forjaz, Mário de Almeida, Almada Negreiros e outros. Faltavam pontos de vista sôbre o seu alto significado civilizador e latino.

Tem-nos o *Efemero e o Eterno*, que só pelas páginas magistraes que são *A missão latina de Portugal* tinha o direito de ser lido mais demorada e ponderadamente do que no relance fugidio das colunas dos periódicos.

É um latino que sentiu a guerra na sua mais alta intenção. Nas horas em que o instinto de cobardia dos carecidos de uma longa ascendência de civilizados, os fazia acreditar humildemente na vitória da fôrça germânica, a intuição da latinidade falou clara e elevadamente nos artigos de Joaquim Manso afirmando a vitória infalível da civilização. Como português o problema da guerra apaixonou-o, e a sua voz marcou uma atitude de desenvoltura moral que bastaria a provar que, tanto como por sentimento, Portugal devia estar na guerra por inteligência.

Porisso os capítulos do seu livro consagrados à guerra não são só do melhor que em Portugal sôbre êsse tema se escreveu, porque são do mais penetrante que sôbre a guerra fica escrito em países latinos. Os demais capítulos do livro, notas de crítica, apontamentos de psicologia e sentenças de estética estão todos à altura da tradição de probidade e de elevação mental de Joaquim Manso e constituem a espuma efémera do grande mar revolto em que a mentalidade germânica pensou afundar a quiméra latina.

INVENTARIO DE JUNHO de Teixeira Gomes. Livraria Clássica Editora

O que na obra de Teixeira Gomes mais encanta é a dualidade do seu temperamento de impressionista, revelado tanto em face de um trecho forte de vida pagã,— lembra-me agora do *Agosto azul* o luminoso quadro matinal do banho da marujama, na baía, — como em frente dum detalhe subtil de citadino requintado,— exemplo : essa linda aguarela do *Inventário* que o artista tituló *Sortilégio adorável*. E este livro, pois que se trata duma nova edição, não devendo vir portanto a satisfazer a anciedade dos que buscam lêr a boa e bela e rica prosa portuguesa, prova copiosamente essa dupla faceta do impressionismo de Teixeira Gomes que, tendo atingido por via de viagens e leituras, o ponto mais elevado da personalidade, — chamam-lhe alguns artistas ironia,— dêsse alto lançou para a vida os seus olhos de *Senhor diabo* da lenda renana, transplantado para o nosso tempo e da vida placidamente saboreando todos os frutos amargos e gostosos que estão entre um velho quadro e um precioso vinho, a curva dum verso e a madrugada boémia duns seios mulheris, as agulhas de uma catedral e a linda soberana e tranquila de uma enseada de turquês adormecida ao sol. Um forte instinto de belêsa e uma segura e nobre educação estética, fizeram assim o perdulário impressionista que é por direito, o sucessor de mestre Fialho de Almeida no apontamento de paisagens e figuras, em que haja qualquer parcela de sensibilidade a dispender.

É claro que não seduzem tanto as páginas do *Inventário* em que o artista ensaia psicologia, confiado na frágil crónica das recordações, ou as manchas da sua visão culta e desdenhosa ao fixar das coisas o grotesco, pela intenção de desfecho caricatural, como aquelas em que uma retina de contemplativo algarvio, fixa a hora demoníaca do *Vento levante*, compõe os pequenos poemas em prosa que são *Venus momentânea*, *Perfume do passado* e *Paisagem sentimental* ou o belo capítulo *João de Deus*. Mas mesmo essa diferença de nível literário que no livro encontro, tem a vantagem de confirmar o meu asserto primeiro, e nem por isso Teixeira Gomes deixa de ser um grande escritor, dos mais ilustres da nossa era, pela sua prosa em que florescem todas as velhas galas da linguagem classica e cantam todas as inéditas sonâncias que os renovadores da língua — Camilo e Fialho à frente — deixaram por herança, riquíssima de sugestões verbais.

VULTOS DO MEU CAMINHO, estudos e impressões de literatura por JOÃO PINTO DA SILVA — Editores, *Barcelos, Bertazo & C^a* — Porto Alegre

Os ensaios de crítica literária de João Pinto da Silva, que, diga-se desde já, é um escritor com faculdades de equilíbrio crítico e com a cultura que essa ocupação mental demanda, não visam só escritores brasileiros. Além de algumas das figuras destacantes da literatura brasileira, Pinto da Silva fez também estudos sobre Henrique Rodó, Verhaeren e Mirbeau, estes dois últimos menos detalhados sem dúvida, do que o primeiro, mas todos reveladores de uma leitura de debruçante enlêvo e cuidadosa busca de intenções estéticas e sociais na obra dos grandes escritores. O capítulo consagrado a José Henrique Rodó, o grande uruguaio, é o maior e o mais interessante do livro. Verhaeren e Mirbeau são dois mortos de há pouco, discutidíssimos e sobre quem ainda muito se há de dizer de novo em trabalhos de mais demorada

análise. Dos estudos sobre escritores brasileiros todos poetas: Vicente de Carvalho, Zeferino Brasil, Cruz e Sousa, Fontoura Xavier, Marcelo Gama, Vitor Silva e Leal de Sousa, com excepção de Euclides da Cunha e Alcides Maia, estes últimos são os mais cuidados e reveladores, à luz da moderna estética literária, cujos problemas Pinto da Silva incidentalmente aborda com mestria, documentando as suas teses com o perfeito senso de um crítico a quem são familiares as páginas de Taine, Brunetière, Faguet, Bourget, Guyau e outros.

OS ULTIMOS, romance pelo VISCONDE DE VILA MOURA, edição da *Renascença Portuguesa*

Vila Moura escreveu o romance dos românticos e quiz porisso mesmo que a efabulação e os desenhos psicológicos enfermassem dos defeitos da produção novelística romântica que tantas vezes dão em Camilo a falsa sensação do repetido. Camilo passa em *Os Ultimos* como figura episódica. Há neles um brasileiro e um adultério, dir-se-hia justificado. Debruçado para uma época morta cujas sobrevivências devem chorar sobre o romance de Vila Moura como choram sobre os de Camilo, o escritor procurou engonçar os esqueletos, vasar-lhes dentro as almas que deles se haviam evolado, cobrindo-as com as vestes românticas e mexendo depois as figuras respirantes no meio proprio que foi, no Portugal romantico de 50, o Porto ultra-romântico e aventureiro. Conseguiu-o?

As virtudes e os vícios românticos estão, pelo menos bem focados e em plena realidade do tempo. O infortunado António de Mascarenhas que é uma pintura romântica de relêvo encontra a sua justificação e a da acção moral dos seus livros. O homem do povo que o acompanha, fiel na sua energia sã que o romantismo não conseguiu desvirtuar, é outra admiravel figura tratada carinhosamente por Vila Moura. O escritor não deixa de mostrar-se enlevado pelas paisagens que pelos olhos das suas figuras pode enxergar dos mundos interiores que anda desvendando.

E os prejuízos de nebulosidade de algumas das cartas da novela são bem compensados pela elevação literária do descritivo.

TIBÉRIO FILÓSOFO E MORALISTA por ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO:
editores, *Guimarães & C.^a*

Aqui está um livro para não diminuir a Albino Forjaz o público que o aprecia desde as *Palavras cínicas*.

Os senhores mais velhos da Academia ao lêrem o volume do seu consócio, hão de reconhecer porisso mesmo, que os paradócos de Tibério pecam ainda demasiado, da amoralidade que às incontinências das *Palavras cínicas* criou reputação. Daqui o não o julgar eu, livro para satisfazer completamente o orgulho legítimo do autor da *Lisboa Trágica*, embora o suponha pronto a canalizar ao criador de Tibério mais algumas admirações e proventos. Porque Tibério não é um estéta, não é um psicólogo, não é um fantasista.

É Tibério, homem do nosso tempo—seu quê de boémio nas ideias e de pensado na falta de sentimentos — que depõe sobre a vida e alguns aspetos do dia a dia, mais merecedores de comentário, resumindo toda a sua obser-

vação e toda a sua imaginativa em pensar e dizer que «falar verdade não é senão dizer alto o que os outros dizem baixinho».

As ideias de Tibério são pois tresnoitadas, irreverentes como de quem raciocina ao contrário de quasi toda a gente, talvez por conhecer toda a gente do avêso.

Mas assim como são, mete-as Albino Forjaz em uma prosa viva e de talhe seguro, sem complicações de ritmo, nem cuidados de imagéria, tal como lhe conquistou as duas coisas que em Albino Forjaz não podem deixar de sêr invejadas por muita gente: o seu lugar na Academia e o público para as edições várias dos seus livros.

NO MEU SOFÁ, por GASPAR BALTAR: edição *Lelo & Irmão*, Porto

Nunca um homem de sensibilidade, de cultura intelectual e de dinheiro deveria deixar de prestar ao seu país o serviço de reunir em meia dúzia de volumes a sóma de impressões que lhe foi dado colhêr na saborosa desilusão de correr mundo, ou o petrexal de comentários que a sua independência material e de espírito fatalmente brazonária. Raro porêem o egoismo o consente. Eis porque há que agradecer a Gaspar Baltar o seu volume, em que não faltam nem as impressões de uma culta sensibilidade viajada, nem os comentários de um psicólogo que pode observar os outros com vagar e sabe, sem enfado, descrevê-los. Impossível, suponho, encontrar dentro de tanta despretenção literária, o vigôr de personalidade em pensar e escrever, a ternura em recolher as impressões e levêsa em reproduzi-las e a argúcia no estudo das almas que neste livro se denunciam. Uma dúzia de crónicas, pouco mais, apontamentos de paisagens, de psicologia e de costumes contém o volume de Gaspar Baltar; mas lido êle, os traços levíssimos do esboçador rapidamente se acentuam e vincam de modo a supôr-se, sem dificuldade, o muito mais que o escritor será capaz de fazer quando quizer trabalhar mais. E ao compromisso de o fazer o prende a publicação dêste livro.

CAMPO DE RUINAS, impressões da guerra, por AUGUSTO DE CASTRO

Augusto de Castro é dos nossos escritores de jornal um dos que o público mais estima. A prosa dêle é clara e elegante e veste sempre um pensamento nítido. O seu *Campo de ruínas* que aliás não é um livro como tantos belos livros aí lidos perturbadamente e cuja arte se amassou com todas as supremas emoções das trincheiras, tem o mérito de anotar, com vibração, alguns dos acontecimentos de maior relêvo da grande guerra.

OS SACRIFICADOS, contos da guerra, por JOÃO GRAVE

Na sua preciosa colecção *Lusitania* editaram os meus amigos Lelos, do Porto, alguns contos da guerra, do escritor João Grave. Episódios simples e tocantes, idealizados uns, arrancados outros à história dos pequenos nada heróicos da guerra sobrehumana, o escritor não pretendeu decerto ao escrevê-los e reuni los depois em um volume, mais do que fazer o elogio de algumas das virtudes que no rigôr da guerra floresceram.

SEIS MESES DE NOTAS E COMENTÁRIOS EM O «SECULO» por JOÃO VERDADES

João Verdades é, segundo creio, o pseudónimo de um jornalista experimentado que com independência, digna de homenagem, vem há tempos anotando no *Seculo* os sucessos do dia a dia. Não é só porêr a independência a qualidade que distingue o comentário de João Verdades. Trata-se de um jornalista que sabe escrever e que tendo quasi sempre alguma coisa de novo para dizer, procura sempre dizer alguma coisa prática e útil, demonstrando que a obrigação do vulgarizador de ideias é propagar as boas e combater, sem rodeios, as más.

NAVEGAÇÃO PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVI e XVIII por CARLOS de PASSOS

O Sr. Carlos de Passos é um estudioso que em cada novo trabalho se afirma um consciencioso e devotado investigador. Os subsídios que fornece, nesta separata do *Instituto*, para o estudo da história trágico-marítimo são cheios de interêsse tornando o folheto um trabalho digno de aprêço.

JOGOS E CANÇÕES INFANTIS por AUGUSTO CESAR PIRES DE LIMA

A colheita de canções, danças, jogos, rimos populares e brinquedos infantis, agora feita, é valiosíssima e tem o mérito de não se afastar em nada da verdade. Tanto como pela ternura que aflora à intenção do livro e é uma encantadora mostra de que há ainda em Portugal quem a sério pense nas nossas coisas lindas e pitorescas, o volume de Pires de Lima é digno de homenagem também pelo nobre sentido da educação que superiormente o orientou na feitura do seu trabalho.

CASTELOS NO AR pela Sr.^a D. EMILIA DE SOUSA COSTA

Mais um livro da Sr.^a D. Emilia de Sousa Costa, infatigavelmente votada à boa obra da instrução e da educação da infância. Livro de lendas e contos portugueses tem o condão de sêr escrito para as crianças portuguesas, de lhes cultivar a imaginação com o misterioso e sobrenatural que é da fantasia lusfada e emfim realiza a boa obra de reunir tantas e tão lindas e ingénuas narrativas que o génio poético do povo criou para não mais passarem da tradição. Alfredo de Moraes ilustra com carinho os *Castelos no ar* com cuja publicação a Sr.^a D. Emilia de Sousa Costa prestou mais um apreciável serviço à literatura infantil, tão carecida de ternas, inteligentes e cultas sensibilidades, que trabalhem pelo seu enaltecimento.

A ETERNA CANÇÃO, sonetos de RIBEIRO DE CARVALHO

A Eterna canção é um livro de amor. O subjectivismo literário do Sr. Ribeiro de Carvalho que Júlio Dantas classifica no prefácio de neo-romantismo, compraz-se nas imagens simples e nas fórmulas claras da nossa corrente lírica predominante. Tema constante: a mulher, cantada serenamente por quem no amor procura dôces emoções e as encontra.

Preocupações de forma para as pôr em arte não creio que as tivesse o Sr. Ribeiro de Carvalho a cujos sonetos de simples concepção, sem alguns

deixarem de ser menos belos, porisso, falta por vezes o prestígio maravilhante do ritmo que exige variedade e riqueza de rimas, para dar relêvo ao poder sugestivo das imagens. E assim a amisade incondicional do Sr. Julio Dantas, expressa na admiração do prefácio, se não exagerou quanto à belesa de muitos sonetos, que na boa obra lírica portuguesa ficam realmente bem, enganou-se, por certo, quanto à despreocupaçãõ de alguns, que pela sua composiçãõ fácil, nada acrescentam ao mérito literário do Sr. Ribeiro de Carvalho.

TERRA CONVALESCENTE, versos por MANSUETO BERNARDI
Ediçãõ Barcelos, Bertaso & C.^ª — Porto Alegre

A poesia brasileira, ainda que a emoçãõ nos seus cultores por vezes falte ou se transvie, tem quási sempre um esplêndido valor de forma garantindo ao sentimento mais frouxo, a vida de um parnasianismo ardente. Mansueto Bernardi não tem sómente porêem no seu livro, que por falta de indicaçãõ em contrário supponho o primeiro publicado, valores musicais. Há uma forte emoçãõ no fundo da sua poesia que é essencialmente de vibraçãõ visual. Com excepçãõ de algumas páginas da primeira parte, titulada *Umbra*, em que o sentimento da vida no seu mais alto significado prende o poeta, vasando-se em estrofes de um vago pessimismo, tudo o mais no livro, versos de amor, cantos da natureza e até os decassilabos finais do hino da *Exaltaçãõ* se alimentam de uma clara visãõ poética das coisas. Porisso bem dispensáveis eram no seu volume certas simplesas de madrigal, evadidas de velhos albuns românticos, destoando da verdadeira inspiraçãõ da obra restante e fraquejando em face da expresssãõ cuidadosa, trabalhada e perfeita em que Mansueto Bernardi moldou o seu pensamento.

ANTES DA REPÚBLICA, 2.^o suplemento, resposta ao Dr. CHAVES E CASTRO
pelo Dr. JÚLIO DE VILHENA

Bastava tratar-se de um volume de memórias políticas para lhe não faltar interêsse de leitura. Mas mais do que isso trata-se dum opusculo de polémica em que um homem de estado, dos que maior reputaçãõ de intelligência brilhante conquistaram no seu país, jornalista da velha escola e publicista de cultura larga e estudo incessante, responde a um adversário de categoria que o atacou. E se a todos os capítulos do livro se não pode negar importância pelos juízos políticos que contêm — e é justo destacar, por exemplo, tudo quanto se refere ao nosso problema administrativo, — há indubitavelmente um, o último, que assume um grande interêsse literário servindo a provar que ao Sr. Dr. Julio de Vilhena, afastado embora da acçãõ política, lhe não permitiu a sua intelligência que se afastasse de leituras que lhe hãõ de ter sido refúgio de aprasimento intelectual.

LE PORTUGAL ET LA GUERRE, por PAULO OSÓRIO — Ediçãõ, Payot & C.^{ie} — Paris

Folheto de propaganda, escreveu-o um português, francófilo sincero que o é ao certo por espírito e por coração, sabido que há muito reside em Paris. O Sr. Paulo Osório reproduz nele dois artigos e um discurso pronunciado em França. São três documentos de fervoroso aliadofilismo. No mais importante

faz êle a história da nossa intervenção militar na grande guerra, pondo em destaque a obra dos que pela propaganda e pela acção a realisaram. A nossa situação internacional, a partir da queda do gabinete Norton de Matos em 5 de Dezembro, é seguida nesse artigo com atenção e todos os factos que podiam sobressaltar a consciência dos verdadeiros portugueses e aliadófilos como o Sr. Paulo Osório, são anotados, mais com a mágoa de quem os não quer acreditar, do que com a violência de quem os pretende combater. O folhêto é um documento de interêsse para a história da nossa participação na guerra e foi por certo a parte que a *Atlantida* e os seus colaboradores e amigos nela tiveram, que levou o Sr. Paulo Osório a enviar-no-lo.

DOR QUE MATA, episódio dramático, por VICENTE ARNOSO

Não sei se o grande talento de Adelina Abranches conseguiu dar, aos que viram êste episódio representado, qualquer impressão forte. O dramaturgo deve têr vigôr, chama, nervos que o façam o escultor de almas, tendo a mais do que os escultores o orgulho de dar voz às suas estátuas. Traslade para a scena da vida real, o lance comovente ou nela plasme sómente as figuras da sua imaginação, o escritor de teatro não pode sêr extranho aos sentimentos que agita e as palavras que ensina aos seus manequins devem percorrer toda a gama do sentimento humano. O Sr. Vicente Arnoso é sobretudo um poeta. *A Dor que mata* é mais um quadrinho triste poetisado do que a dramatisação dum conflito moral. Maria não morrerá mais por debilidade, do que pela vergonha de saber Manuel um ladrão?

O dialogo é feito com carinho.

CRÓNICAS DE ARTE (Volume II) páginas de divulgação, por AARÃO DE LACERDA
Edição da *Renascença Portuguesa*

Ao escrever aqui sôbre o primeiro volume das *Crônicas de arte* de Aarão de Lacerda notei a sua orientação digna de louvor porque vulgarisava ensinamentos e principios de educação de sensibilidade de que tão precisado está o país, e puz em relêvo as qualidades que em Aarão de Lacerda concorrem e o fazem um divulgador de coisas de arte, de muito merecimento. A cultura de Aarão de Lacerda, o seu amor por todo o caso estético e especialmente a sua devoção pela música, garantem-lhe a estima de todos os que julgam necessário para a obra do enaltecimento nacional, o conhecimento e compreensão pelo povo, da arte e dos artistas. O esforço de Aarão de Lacerda é dos que merecem ser exaltados. As crônicas dêste volume foram como as do primeiro, anteriormente publicadas em jornais e, lidas agóra em volume, não perdem e antes aumentam o seu mérito.

EM TORNO DA EDUCAÇÃO pela Sr.^a D. MARIA LACERDA DE MOURA
Livraria *Teixeira* — S. Paulo

É um livro de propaganda, escrito por uma senhora brasileira votada com entusiasmo ao problema da educação da mulher. São discursos, artigos, pequenas crônicas, tudo revelando um espírito de mulher apto por sua illustração e feição combativa a tomar parte na cruzada educacional das novas gerações, que Bilac dirige. Com quantos pensam que a missão da mulher na so-

cidade tem de ser cada vez mais elevada e intensa, a autora de *Em torno da Educação* professa todas as doutrinas que tendem a dar à mulher, no lar a mais nobre e útil acção. E o mérito principal de este livro que é escrito despretenciosamente está na colecção de conselhos, ensinamentos e comentários que com carinho recolheu, fazendo um livro útil e bom.

ORAÇÃO DA RAÇA por MANUEL DE FIGUEIREDO

Suponho que a *Oração da Raça*,—vinte e tantas páginas de idealismo patriótico—é a estreia do Sr. Manuel de Figueiredo. Por certo nos seus trabalhos já anunciados não deixará êle de provar que o pequeno poema escrito agora na evocação de Nun'Alvares e D. Sebastião, foi uma inspiração da sua crença ingénua de moço, desejoso de afirmar-se um escritor.

JUNIA, episódio dramático, por JAIME CAMARA

Numa cuidada edição publicou o Sr. Jaime Câmara um episódio dramático em verso. Rápidamente, em quatro scenas simples a figura da amorosa romana passa na sua imperecível e indomável paixão, mais difícil de vencer que as legiões dos bárbaros. Os alexandrinos do Sr. Câmara têm vigor e harmonia. A evocação é de quem se preocupa com a verdade histórica.

N. S.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS por ANDRÉ BRUN

A Malta das Trincheiras, de André Brun, não constitui apenas o documento vivo de um fino talento de impressionista literário: é também — e nunca é demais frizar êste detalhe — o certificado despretencioso de um grande coração de patrióta. Espírito scintilante, de uma lucidez risonha na anotação pitoresca dos *fait-divers* da nossa vida social, tão cheia de tipos caricaturais e de episódios susceptíveis de epigrama, André Brun é hoje, sem contestação, com um *humour* muito seu, a sua graça sem maldade e a sua alegria sem bochechas, uma das criaturas mais encantadoras da nossa terra. *A Malta das Trincheiras*, que a Livraria Guimarães agora poz à venda numa edição tão elegante como curiosa, prova-o penetrantemente. Nas suas páginas há de tudo: descritivo nítido e sereno; ironia; sentimento; coração. Escreveram-nas de colaboração o rapaz ligeiro, alegre e gracioso que todos, sorrindo, apreciavam, e o patrióta profundo até à religiosidade do sacrificio que raros, através da sua *verve*, pressentiam. E



são belas, na sua simplicidade, essas páginas, quasi únicas no demais na nossa menos que paupérrima bibliografia da grande guerra. Colorido? Tem-no, sóbrio, delicado, suave. Eloquência? Por vezes, aqui e acolá relampejando. Mas o que nelas, sobretudo, avulta é de mistura com essa ponta de humorismo que é característica do homem e do escritor, uma portuguesíssima sensibilidade enternecedora.

De André Brun conhecíamos o perfil recurvo, o riso alegre, a *blague* estúrdia. Hoje, através de *A Malta das Trincheiras*, conhecemo-lo inteiramente. A grande guerra, esculpindo dores infinitas, revelou almas.

B. e M.

Recebemos também e agradecemos:

Lendo António Correia de Oliveira, versos de Brito Mendes; *Medalhões nacionais*, perfis em verso de alguns dos mais notáveis escritores por Matias Lima; *Os meus sonetos*, de José Cordovil; *Maria da Saudade*, poemeto por Noémia Olga Gama de Carvalho; *Cantáres*, quadras de Belo Rondono; *Código de Processo Civil nos Tribunais*, (actualização e anotações) valioso trabalho dos advogados Pinto Loureiro e Mário de Almeida; *A educação moral e cívica nas escolas primárias*, conferência pedagógica do professor César Anjo; *Isto*, versos por António Maria de Oliveira; *Subsídios para a história do constitucionalismo*, separata da REVISTA HISTÓRICA em que o Sr. Dr. Augusto Lobo Alves compilou com inteligência e carinho as memórias e documentos a elas referentes do marechal Agostinho Alves, figura notável das lutas liberais; *Caminho do mar*, poemeto de Vaz Passos que em versos claros e vibrantes faz a evocação da nossa Aventura marítima e *Além do amor*, peça em um acto do mesmo auctor; *Cruzeiro de opalas*, versos de António de Portucale, em que, não obstante as influências evidentes do grande lirico do *Só* se revela um instinto poético que na *Oração* final do voluminho atinge um raro sentimento; *Visão da Helade*, poemeto de Ruy Guimarães, em que se denuncia uma emoção juvenil ardente, trabalhando os alexandrinos com cuidados de forma que hão de valorizar a sua obra futura, e vibrando à evocação ingénua da vida pagã.

TEATROS

SINFONIA DE ABERTURA

Se a Lisboa de há trinta anos pôde parecer a Eça uma cidade onde, em vez de caracteres, havia sómente esquinas, da Lisboa de hoje ao certo se pode dizer, sem pretensões pedantes de *boutade*, que tendo teatros — não possui teatro. E não admira, afinal, que assim suceda desde que por amor da verdade reconhecemos sermos ainda um povo mal desencardido da barbaria, grosseirão, pata-de-boi, analfabeto, onde o espírito, rútilo aliás, a custo emerge ainda das espessidões fisiológicas da bestiaga, — como obsediantemente mo fazia ver certo pobre e moço amigo cuja *charogne* os bichos de certo já chuparam num cantinho do Alto de S. João, desfiando, agri-dôce, certo pitoresco rosário de exactas observações edificantes.

« — Veja você — dizia-me êle — a predilecção do português pelo bengalão de castão de prata e a desfaçatez consuetudinária com que êle arróta seja no *João do Grão* ou no *Leão de Ouro!* »

E é exacto.

Nos proscenios lisboetas o que triunfa é a « revista », e o que isso vem a ser sabem-no quantos não vivem sideralmente, mas realmente, como pessoas de carne e ôsso, e, mesmo sem frequentarem teatros, conhecem, por as ouvirem por aí a cada passo, feitas estribilhos, as gracinhas mais esfusiantes da última « revista » posta em acção à luz das gambiarras. De vez em quando, anunciam os cartazes em grandes letras qualquer coisa que, não sendo « revista », é já teatro. Mas é um disfarce apenas para encobrir o nosso vício da teatrada sem visos de seriedade e uma tácita satisfação ao estrangeiro. Dir-me-hão que ao teatro da rua do Tesoiro Velho vieram, em esplêndido desfile, todas as celebridades dos dois hemisférios, desde a Bernhard, à Sada-Yacco, desde o Zacconi à Loie-Fuller e que ao próprio Coliseu trouxe António Santos, num requinte de atenção pela roda juvenil e incrível . . . de Almada Negreiros, os resíduos galantes duma jolda internacional de *bailados russos*. Sei isso perfeitamente. Mas o que sei também é que a *Tetralogia* de Wagner poz a dormir nos camarotes muito boa gente, que os bailados russos não interessaram ninguém e que ao São Luís só concorre quasi exclusivamente o snobismo do *carnet mondain* e da peralvilhagem abadamecada que admira a Arte por obrigação de mundanismo, — mas que, onde, afinal de contas, todos estão de acôrdo, irmanados no mesmo contentamento, não é diante de Guitry, mas ali no Eden ou no Politeama perante o Roldão e o Amarante, o Alegrim e o António Gomes. E não me venham dizer . . . Uma das coisas que ainda conseguem admirar-me — eu não desperdiço a minha faculdade admirativa! — é a serenidade de ânimo com que os pais de família levam a essas exhibições mulheres e filhos, numa inabalável confiança na consistência do pudor dumas e doutros. Porque a verdade é esta: a « revista », que sempre, mais ou menos, foi picante, está cada vez resvalando mais no irrespeito afrontoso do decôro público. Não sou *habitué* de teatros. É raro até pôr lá os pés. Confesso. Mas garanto-lhes que tenho visto e ouvido o suficiente para honestamente poder garantir aqui, a algum prodigioso sêr que ainda o ignore, que pouco falta para que ao palco seja transposta, sem adelgaçamentos eufemísticos, a algaravia típica dos prostíbulos — e da própria gente sisuda quando não está presente nenhuma senhora. Que significa isto senão que, a par de uma grosseria fundamental da nossa gente, da sua incivilidade e incultura, Lisboa está atravessando uma fase de rebaixamento iniludível? Dramas e comédias surgem ainda, de quando em vez, num palco ou noutra? Mas o que triunfa é a « revista », e de tal modo — que nem o brio profissional e o orgulho legítimo dum votado à arte do teatro poupa aos nossos melhores actores a tristeza ínfima de os vermos em clownismos miserandos, debitando facécias entre rabulistas pobres-diabos, num desprêzo amargo pelas figuras de alma que já ergueram, à luz da scena, vivendo o sonho grande dum dramaturgo.

Teatro?

Se exigem convencer-me de que o temos, provem-me, primeiro, por exemplo, que para fazer *omelettes* não são precisos ovos . . .

UM DIVÓRCIO, peça em 3 actos de Paul Bourget e André Cury,
tradução de Felix Bermudes e Lino Ferreira

Foi com *Um Divórcio*, adaptação scénica de André Cury extraída de um romance do autor de *André Cornelis* e de *Mensonges*, que o Teatro Nacional Almeida Garret abriu êste ano as suas portas. Não se pode dizer que esta *ouverture* fôsse de bom augurio para quantos últimamente sentiram renascer antigas esperanças de ver o velho teatro integrando-se na sua especialíssima missão educadora. Porque se escolheu para inauguração da temporada do que dizem ser ainda, oficialmente, o nosso teatro nacional, uma peça estrangeira e que de mais a mais, diga-se já, não pode justamente incluir-se no ról das que possúem um valor de beleza universal? Decerto que a nossa literatura teatral é pobrezinha, — vista e gasta se quizerem. Mas, que diabo! a *Morgadinha de Valflôr* ainda consegue arrancar lágrimas aos ólhos portuguezes e o teatro de D. João da Câmara, com suas esbatidas tintas, o seu pitoresco e o seu perfume, ainda comove, santo Deus! *Um divórcio* será, não o duvido, um modelo de carpintaria teatral: a acção tem urdidura emocional, a efabulação empolga pela violência, e, não sendo original o assunto sôbre que gira, não se pode dizer que constitúa, de facto, uma banalidade. Representada há dez anos no Vaudeville, em Paris, tendo como intérprete principal Marthe Brandés, a peça *Um divórcio* fez successo. Paul Bourget é um escritor consagrado, com uma reputação sólida na alta roda parisiense, e os seus trabalhos, atochados embora de intenções polítics e sociais, — e porque elas com certa mentalidade se harmonizam — contam sempre com uma antecipada simpatia que é quási, por assim dizer, um dever *chic*. São conhecidas essas intenções. Orientando-se em Taine e no Renan da *Reforme intellectuelle et morale*, Bourget fez-se um conservador sistemático, não escondendo as suas íntimas afinidades com o pensamento político que tem hoje, em Charles Maurras, o seu mais expressivo representante intelectual. Há uns poucos de anos que os seus romances e as suas peças de teatro não são mais do que *plaidoyers* das suas ideias políticas e religiosas. Eis o que explica o renome e a consagração de Paul Bourget. Artista, de certo, mas fortemente limitado, escritor sem eloquência, nem maleabilidade, baço e árido, Paul Bourget aborrece hoje os *sensíveis* e os espíritos profundos, os visionários e os poetas, como ontem a todos enervava com a sua psicologiazinha míope, com que empanturrou livros e livros.

* * *

O desempenho, reconheceu-o a crítica mais auctorizada, foi inferior mesmo ao mérito da peça, excluindo Adelina Abranches, cujo admirável temperamento de comediante mais uma vez se evidenciou, principalmente no 1.º acto.

O scenário, do sr. Augusto Pina, melhor do que a caracterização do sr. Inácio Peixoto.

ABEL E CAIM, peça em 4 actos do snr. Afonso Gaio

O primeiro original portugûês que esta temporada nos appareceu no palco do antigo D. Maria foi o *Abel e Caim*, do snr. Afonso Gaio, que o ano passado nos deu também um drama: *O condenado*. O snr. Gaio é um velho ho-

mem de letras, com obra literária e teatral cuja simples enumeração deve já constituir motivo de surpresa num país onde as faculdades de trabalho não se caracterizam sobretudo pela persistência e onde, mais do que ninguém, os intelectuais são preguiçosos e dispersivos. O afinco com que trabalha não tem tido, porém, a compensação que a sua orgulhosa ambição por certo busca. Porquê?

Inteligente, de uma inteligência cheia de equilíbrio e de segurança, culto, estudioso, probo, o snr. Afonso Gaio é um vivo exemplo de independência e de coragem. Porque não consegue, então, a sua obra o *tam-tam* da celebridade que a tantos tem sido fácil? Quanto a mim, por dois motivos: porque a sociabilidade do homem não tem ajudado o trabalho do escritor, esquivo como é aquele aos conluíus mesquinhos e às *coteries* monopolizadoras, e — sejâmos francos! — porque isento o dramaturgo de sugestivas faculdades de plastificação scénica, sêco e duro, mecânico e frio, ao seu teatro falta o fluído de emoção íntima que a simples *exterioridade* áspera dos dramas não substituí. Não conheço completamente o teatro do snr. Afonso Gaio, mas, pelo que dêle conheço, tenho do autor do *Abel e Caim* a impressão de que, almejando atingir o símbolo, não chega a dar às figuras que a sua inspiração puxa para a evidenciação dos tablados todo o relêvo individual com que poderia talvez vincá-las, se êsse particularismo anedótico — passe a expressão! — não o desdenhasse a premeditação ambiciosa que o orienta na factura da sua obra de dramaturgo. Depois, a par do fôrro *literário* dos seus dramas, o que já disse: a secura e a frieza que os petrificam. A visão do snr. Afonso Gaio é de uma lucidez perfeita. Quem o contesta? O que lhe falta é êsse poder de prescrutação profunda, audaz, impressiva, relampejante, que, num brado, num murmúrio, num grito, reveladoramente ilumina os recessos de uma alma, focando, por um instante que seja, um desvão da sua sordícia ou uma nesga azul de graça e de bondade. As personagens das suas peças, — em que ódios e interêsses sombrios se entrelaçam e conflituam — são, no entanto, quási sempre, fortemente *lógicas*. Prova isso a segurança do raciocinador? Evidentemente. Mas a lógica é um *raccourci* da Vida, cujo ritmo não cabe nela e não é enchumando-as de deduções, mas de apetites e de frenesis, de fúrias e de amores, de carne e de sangue, finalmente, que é preciso atirar para a illusória encenação dos palcos ou para a dramática sugestividade dos romances as figuras com que, num milagre, há de repetir-se, igualando Deus, o prodígio da Criação.

* * *

Uma coisa que é necessário dizer aqui, porque ainda não se disse, com todas as letras, como é justo que se diga: os intérpretes de *Abel e Caim* inauguraram as representações desta peça quási sem saberem patavina dos seus papeis.

Está tudo dito.

Egas Moniz, peça histórica em 4 actos, de JAIME CORTEZÃO.

O Teatro de São Luís, em cujo palco o público lisboeta viu há dois anos, com satisfação sincera, o *Infante de Sagres*, acaba de pôr em scena um novo trabalho do sr. dr. Jaime Cortezão: *Egas Moniz*. Não exagéro, de certo,

dizendo que a *première* de *Egas Moniz* foi esperada com uma pontinha de compreensível anciedade. O sr. Jaime Cortezão, por cujos altos dotes de poeta está de há muito consagrado, revelara na sua primeira obra de teatro, através da insuficiência técnica que lhe foi reconhecida, uma vocação apreciável de teatralizador. A índole fortemente subjectiva do visionário de Sargres não seria bastante para explicar e justificar o que no drama haveria, porventura, de dramaticamente froixo? De resto, — porque não dize-lo? — o sentimento patriótico nunca fica indiferente perante obras, que como as do sr. Jaime Cortezão, se repassam de uma magnífica intenção patriótica. E é justo.

Num país como o nosso dessorado por tantas sugestões negativistas, tudo que nessa pura intenção se inspira deve merecer aplauso. Uma obra de Arte perderá um átomo do seu intrínseco valor estético pelo facto de valer também *utilitariamente* — permitam-me a expressão! — como obra social?

O 1.º acto de *Egas Moniz*, o que mais agradou, pareceu-nos também o melhor da obra, cujo *maximum* de intensidade emotiva nela espectacularmente desabrocha. O monólogo de D. João Froiaz Marinho, no 2.º acto, — o mais formoso trecho poético do drama — marca a maior altura de emoção e de beleza da peça, que, depois, apenas se equilibra, planando, até o desfecho que o público nítidamente prevê e por isso mesmo se não resolve, como seria preciso, num jacto derradeiro de comoção. Será injusto, portanto, reconhecer que o *Egas Moniz* não é, como teatro, uma obra-prima? Evidentemente que não. Mas nem admira que a não conseguisse fazer quem, como o sr. Jaime Cortezão, é aliás, um humaníssimo poeta, cheio de inspiração, ao mesmo tempo impetuoso e suave. O caso histórico que escolheu para tema da sua peça, é, como drama, um fogacho efémero, que de modo nenhum permite uma longa teatralização dentro da qual a figura do aio do nosso primeiro rei se não espouque e esfume. O sr. Jaime Cortezão, pressentindo-o, de certo, procurou evitá-lo. Quanto a mim, — e é possível que esta minha impressão seja susceptível de rectificação — se a figura de Egas Moniz não conseguiu ter uma forte evidenciação scénica tal não significa se não que, embora psicologicamente grande, a figura de Egas Moniz é impropriamente teatralizável, pela simplicidade *sumária* do seu drama, — tão preciso como fugás! Não triunfaram dessa simplicidade e fugacidade dramáticas irremediáveis nem a singular *poussée* poética do autor, nem, a despeito da melhor vontade, os recursos do actor insigne que é Ferreira da Silva, — o que não impediu, todavia, que a peça fôsse entusiásticamente recebida.

Além de Ferreira da Silva, tomaram parte no desempenho de *Egas Moniz*, Angela Pinto, Tomás Vieira, Robles Monteiro, Carlos de Oliveira, Teodoro Santos, Lucinda Simões, num pequeno papel, Beatriz Viana e António Pinheiro. Angela Pinto, (*D. Tareja*) disse com expressão a *tirada* do 2.º acto, marcando bem o carácter que Jaime Cortezão imprimira a êsse papel; Teodoro Santos, declamou com *panache* os versos sonoros que lhe cabiam, principalmente no 1.º acto; Tomás Vieira, na scena trágica do 2.º acto, saíu-se com habilidade das dificuldades inerentes ao seu papel, o que igual-

mente e com todo o empenho tentou o sr. Robles Monteiro na difícil interpretação de *D. Afonso Henriques*. António Pinheiro, correcto e inteligente no bispo, não desmanchando o conjunto o sr. Carlos de Oliveira, que, fazendo o *Conde de Trava*, parece ter querido imitar na sua caracterisação com grandes barbas fulvas . . . o sr. Jaime Cortezão.

No *Egas Moniz*, que está posto em scena com evidente cuidado indumentarial, o que não excluirá certos reparos dos erúditos, há a apreciar, além do mais, a *mise-en-scène* de Leandro Calderon, cujo talento scenográfico com muito prazer aplaudo, tratando-se de mais a mais de um novo.

B. E M.

“Latina”

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-FLUMINENSE

Vai em 2 meses que em Lisboa se fundou com avultados capitais, uma empresa que se destina à exploração geral da indústria de seguros, com trabalho especial nos mercados portugêes, brasileiro e espanhol.

Não pode a *Atlântida* deixar de se referir com justa largueza à «Latina», companhia de seguros luso-fluminense, porque êste subtítulo a isso a obriga, e ainda porque, realmente, esta Companhia representa já hoje uma alta afirmação de trabalho.

Cumpridas que foram as formalidades a que a legislação portuguesa obriga; publicada a portaria de 5 de novembro, emanada do Ministério do Trabalho, a que se seguiu a escritura pública, — foi a «Latina» alvo de valiosíssimas provas de confiança e simpatia por parte das suas congêneres da praça de Lisboa.

A Companhia tinha sido, de resto, um facto, após um exíguo espaço de tempo consumido numa organização moldada em bases



FRANCISCO MARQUES PEREIRA
Director Geral da *Latina*

sensivelmente diferentes das de empresas idênticas, organização que lhe permitiu desde logo trabalhar ardorosamente em quasi todas as cidades e vilas de Portugal e em Madrid, a cuja delegação afluiram negócios de todos os Portos de Espanha.

E tão intenso tem sido o movimento de seguros e resseguros que a receita registada se pode alcunhar, sem exagêro, de prodigiosa.

Propriamente se nos proporcionou ensejo de assistir, na sede da «Latina», instalada numa vasta dependência do vetusto palácio do Marquês da Foz, Praça dos Restauradores, 13, a uma fase interessante dos seus negócios, e dessa ligeira visita recolhemos a impressão de se tratar dum organismo perfeito, moderno, e já congestionado por uma sóma fabulosa de operações, que são o resultado magnifico de pertinazes e honestos esforços, — esforços audazes, mas de seqüências firmes.

Tem esta Companhia um capital emitido de 500 contos fortes, mas os seus estatutos autorizam-na a elevá-lo a 2.500:000\$00!

O seu Conselho de Administração é constituído pelos seguintes cavalheiros:

Francisco Marques Pereira (Director Geral).

Dr. Francisco Vieira (Director na filial do Sul).

Castanheira & Fonseca, Ld.^a (Directores na filial do Norte).

Dr. João de Barros.

Joaquim Ribeiro.

Caetano Augusto Ribeiro.

Abel de Sousa Sebroza.

Guilherme de Ayala Monteiro da Silva.

O primeiro dêstes senhores tem superintendência em todos os negócios; à frente das sucursais do Norte e Sul encontram-se, respectivamente, a já citada e por todos os títulos respeitável firma Castanheira & Fonseca, Ld.^a, e o snr. dr. Francisco Vieira, grande proprietário que até há pouco, por largo espaço, figurou como governador civil do Algarve.

A «Latina» tem também delegações em Faro, Coimbra, Aveiro, Braga, Beja e Portalegre, esta última dominando todo o alto Alentejo e a cargo do snr. Visconde de Cidrais. A delegação de Madrid, estabelecida no Arenal, 27, está confiada à proficiência de D. Miguel Lopez Cervera.

A avaliar pelos prodígios realizados em tão pouco tempo, tudo vaticina à «Latina», uma gloriosa carreira, já tão brilhantemente encetada.

É muito especialmente devido à soberba e inteligente forma de trabalhar do seu director geral, o snr. Francisco Marques Pereira, que a «Latina» deve a situação que já conquistou por forma tão rápida e invulgar.

Apenas com 25 anos êste môço de ideias arrojadas, capaz de conceber e prontamente executar um plâno largo, foi uma revelação magnífica de altas faculdades de trabalho e critério.

Domina-o sempre a preocupação de trabalhar e produzir, mas trabalha e produz alheio a vulgaridades perniciosas e com a teimosia educada dum persistente. Prático, superior no traço geral e no detalhe, êle foi já em emprêsas industriais de primeira categoria um elemento cuja acção era sempre assinalada com primôr.

Tendo sido a alma incançável da «Latina», êle estava agora indicado para levar a cabo a missão espinhosa de levar a Companhia até ao vasto campo de trabalho que são as terras irmãs do Brasil. É programa da «Latina» trabalhar, como está trabalhando, isoladamente em Espanha e montar igualmente sucursal própria no Rio de Janeiro, de onde fará irradiações pelos diversos estados federais. Informações, porém, por nós obtidas, dizem-nos que no Brasil, a «Latina» terá o apoio dum fortíssimo blóco ressegurador, constituído por cêrca de vinte companhias portuguesas.

Marques Pereira embarcará para o Rio no primeiro paquete que largue de Lisboa no mês de Janeiro. Trabalhoso e delicado é, sem dúvida, o encargo, mas há que confiar na sua acção intelligentíssima. De resto, Marques Pereira, entregando, como tenciona entregar, os negócios da «Latina» à entidade comercial do Rio que lhe dê as mais sólidas garantias de seriedade, está absolutamente disposto a não regressar à Europa sem assistir às primeiras operações da Companhia no mercado fluminense.

E êle vai encontrar, por certo, na grande República que na América tão bem define a afirmação e continûidade da raça portuguesa, o mais prestadio e carinhoso dos acontecimentos. Assim lhe foi profetisado num recente banquete em sua honra celebrado.

Quando voltar, — e voltará cumprida com honra a missão que lhe é confiada, — deve encontrar a «Latina» trabalhando já também em França, Itália e Inglaterra em *consortium* com algumas suas congêneres, segundo um plâno preconcebido e de breve execução.

É-nos também agradável constatar que o Director desta re-

vista se encontra entre os membros do conselho de administração da «Latina» seduzido pela ideia simpática de contribuir para o estreitamento das relações comerciais dos dois países irmãos.

A *Atlântida* agoura, pois, por todos os motivos, um próspero futuro à «Latina», título que, só por si, é um atributo de fôrça e de triunfo.

A OBRA INTERNACIONAL DE LOUVAIN

Por intermédio do ilustre escritor Teixeira de Queiroz, antigo Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, tomámos conhecimento da circular enviada pelo *comité* de iniciativa desta simpática obra, e a cuja comissão internacional pertence o nosso eminente colaborador.

Tem esta por fim restituir à Biblioteca de Louvain, destruída e saqueada pelo vandalismo alemão, o seu antigo e conhecido esplendor. Nela se pede a mais carinhosa atenção para o projecto de reconstituição da biblioteca, projecto elaborado pelo *comité de iniciativa* e assinado pelo seu secretário geral, Mr. Imbart de la Tour, do Instituto de França, (como se sabe, o *comité* funciona junto do Instituto). Gostósamente transcreveremos no próximo número o apêlo *Aos Intelectuais*, que acompanha a circular e o projecto, apêlo que merece a mais larga publicidade.

A REFORMA DO TEATRO NACIONAL

Afim de elaborar as bases para a reforma do regímen do Teatro Nacional Almeida Garrett, foi nomeada uma Comissão constituída, entre outros, pelos srs. Henrique Lopes de Mendonça, Júlio Dantas, Marcelino Mesquita, Augusto Gil, Eduardo Schwalbach, Augusto de Castro, Bento Mantua, Alberto Pimentel, Avelino de Almeida, Acacio de Paiva, Lucinda Simões, Eduardo Brazão, dr. Coelho de Carvalho, e dois delegados eleitos pela Associação dos Trabalhadores do Teatro.

A Comissão deverá entregar o plâno de reforma até 31 de Março de 1919, sendo a partir de 31 de Julho do mesmo ano retirada à actual Sociedade artística a concessão do Teatro Nacional. O cofre de subsídios e socorros é mantido nos termos da sua presente organização, sendo igualmente respeitados, seja qual fôr o regímen futuro, os direitos adquiridos pelos actuais societários.



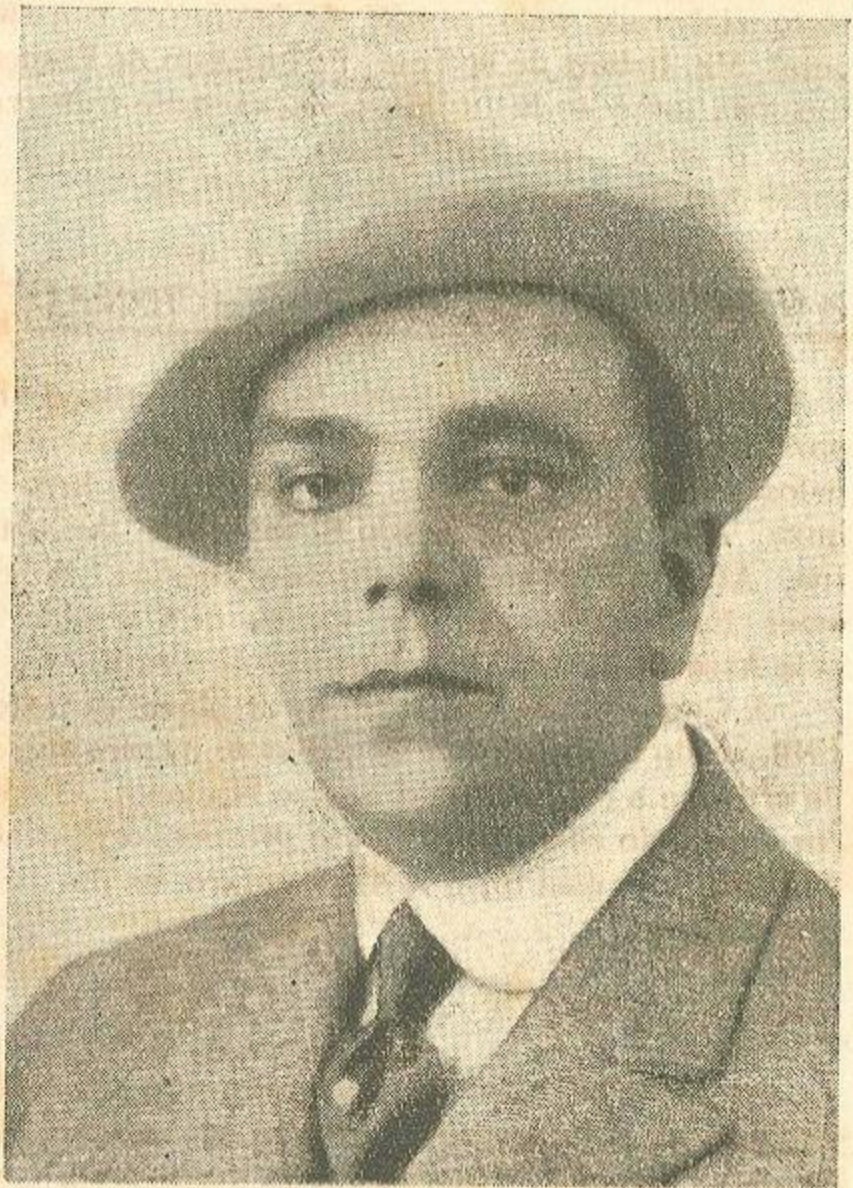
No próximo número a *Atlântida* reproduzirá as previsões que o eminente poeta Guerra Junqueiro inseriu, há um ano, no *Primeiro de Janeiro*, sôbre a guerra europeia, e que os factos verificaram com notável coincidência; e publicará versos de António Patrício, Joaquim d'Almeára, Alexandre de Cordova, uma crónica inédita de Clarinha, e artigos do dr. Costa Ferreira e Júlio Dantas.



Paulo Barreto

(JOÃO DO RIO)

Assim que nos chegou a notícia da partida de Paulo Barreto para Lisboa, preparou-se a *Atlântida* para festejar nas suas páginas o escritor ilustre, e o grande amigo de Portugal. É esta revista, em grande parte, a sua obra, e pertence-lhe tão inteiramente como a todos os que nela trabalham. Mas tão longe da sua influência se escreve, se compõe e imprime, que a ninguém de certo parecerá estranho que a *Atlântida* por um momento se esqueça dos laços fraternos que dêle a aproximam, para dizer a seu respeito mais do que simples palavras de boas vindas. Infelizmente, a paralisação quasi completa da vida mental portuguesa há um mês para cá, obrigou-nos a publicar só agora o número da *Atlântida* que há muito estava para saír, e que, por isso, há muito se encontrava pronto, atrasando assim o aparecimento do fascículo que devia ser especialmente dedicado a Paulo Barreto.



É esta a razão porque o seu retrato sai neste lugar, e porque temos de reduzir a proporções mínimas a homenagem que tencionavamos prestar-lhe, durante a sua permanência em Portugal. Essa homenagem era justa e era necessária: — justa, porque nunca Portugal poderá encontrar no Brasil quem, com tão lúcida inteligência, tão claro patriotismo, tão intensa devoção, o saiba amar, defender e exaltar; necessária, porque é celebrando o talento, o coração e a nobreza de brasileiros como João do Rio, que os portugueses mostrarão compreender até que ponto admiram e estimam a grande nação de além-Atlântico.

Paulo Barreto sabe quanto o seu nome é conhecido e amado entre nós e decerto não esquece as homenagens que, não só os seus camaradas, mas o próprio governo português, lhe prestou quando da sua última estada em Portugal, em 1914. Mas a sua obra literária e a sua obra de aproximação luso-brasileira — aproximação de que êle foi o iniciador e que só poderá ser um facto por seu intermédio, dado o conhecimento profundo que êle tem da vida dos dois países — requer de todos nós, portugueses, um entendimento longo e sério. É o estudo dessa dupla face da sua obra de homem e de artista, que a *Atlantida* fará no próximo número, pagando dessa maneira, por sua parte, uma parcela modestíssima do tributo de reconhecimento e de entusiasmo que Portugal lhe deve.



Eis uma nota rápida que, no momento da chegada, Paulo Barreto nos deu, a nosso pedido, sobre

A EMBAIXADA BRASILEIRA À CONFERÊNCIA DA PAZ

A Embaixada Brasileira à Conferência da Paz compõe-se de três delegados, três consultores, um secretário, e vários auxiliares vários adidos. Estando em Paris o sr. Olyntho Magalhães, ministro do Brasil há longos anos e já tendo lá chegado o sr. Pandia Calogeras — passa por Lisboa, a bordo do *Curvello* uma parte da representação. A maior e a principal — porque veem nesse barco o chefe da missão dr. Epitacio Pessoa, o secretário geral dr. Helio Lobo, os consultores Rodrigo Octavio e Raul Fernandes, todos os secretários, excepção feita do sr. Leão Veloso Neto que se acha em Paris, e todos os adidos.

Como é sabido nas resoluções das potências para as delimitações de delegados, desde o primeiro momento o Brasil veio em seguida às cinco grandes potências com três delegados. Isso foi matéria de discussão nos jornais de Paris precisamente porque outros países como a Bélgica tinham sido limitados a só ter dois representantes. A injustiça com êsses países era de fácil remédio. Os aliados logo a afagaram. Mas o caso de colocar o Brasil com um número de delegados maior na primeira reunião das potências, prova bem o valor crescente dêsse país na balança do novo mundo.

Se em Paris, a representação do Brasil em três delegados deu o resultado das grandes potências não acentuarem a diferença entre o número de seus representantes e o dos delegados dos outros países — no Brasil a formação da embaixada foi dos assuntos mais discutidos. A opinião pública queria como

delegados aqueles que mais se tinham batido pela intervenção na guerra e nesse sentido agido. Dois nomes afluavam a todas as bôcas; o de Rúi Barbosa, o génio verbal da raça e o de Nilo Peçanha, que levou o Brasil à guerra. A agitação política motivada pela grave enfermidade do Conselheiro Rodrigues Alves, que não pôde tomar posse do govêrno e que só não renunciou desde logo pelos interesses dos seus amigos — obstou que o sr. conselheiro Rúi Barbosa aceitasse o convite e que o nome do sr. Nilo Peçanha tivesse tido a justiça de ser lembrado pelo govêrno que lhe recolhia a herança triunfal da vitória na guerra. A política tanto no Brasil como em Portugal é sempre a política.

Graças, porém, ao actual chanceler dr. Domicio da Gama a embaixada do Brasil à conferência pode ter como seu presidente o sr. Epitacio Pessoa, antigo ministro do Supremo Tribunal, jurista notável, senador federal, e orador de grande fama. Ésse ilustre brasileiro é um dos nomes da política nacional mais estimados pelo seu valor mental. São de notar ainda na embaixada, além do sr. Olyntho Magalhães já conceituado ministro em Paris e do sr. Pandia Calogeras, ex-secretário de várias pastas no govêrno do sr. Wenceslau Brás — o sr. Helio Lobo, secretário, um dos espíritos com que mais a nova geração brasileira pode contar, o sr. Rodrigo Octavio, consultor jurídico da República e membro da Academia Brasileira, de que também faz parte o sr. Helio Lobo, o sr. Muniz de Aragão, jóven diplomata muito em breve ministro após brilhante carreira, o sr. Leão Veloso Neto, secretário em Paris, escritor ilustre e o sr. Raul Fernandes, leader da bancada do Rio de Janeiro da Câmara Federal e uma das mais rutilantes inteligências políticas do momento.

É necessário que Portugal receba a Embaixada, quando da sua próxima passagem em Lisboa, com as homenagens devidas às personalidades que a compõem e ao país que elas representam.



A *Atlantida* só publica a colaboração que solicitar.

A reprodução e tradução dos artigos publicados na *Atlantida* não podem ser feitos sem o consentimento da empresa.

Não se restituem originaes.

Só se fará a crítica das obras das quais nos forem enviados dois exemplares.

O director literário e o director técnico da *Atlantida* encontram-se TODAS AS 4.^{as} FEIRAS, na redacção da revista, Largo do Conde Barão, 49, das 14 1/2 às 17 horas.

A *Atlantida* publica em todos os números uma *revista do mês*; ocupando-se de toda a vida literária, artística e social de Portugal e do Brasil.



